

# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Janeiro 2009

Volume 3 | Número 1



# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

**Janeiro 2009**

Volume 3 | Número 1



CGC 00.038.166/0001-05

|   |          |      |      |      |      |          |
|---|----------|------|------|------|------|----------|
| Boletim Regional do Banco Central do Brasil | Brasília | v. 3 | nº 1 | jan. | 2009 | p. 1-114 |
|---|----------|------|------|------|------|----------|

# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*E-mail*: [depec@bcb.gov.br](mailto:depec@bcb.gov.br)):

**Região Norte** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belém (*E-mail*: [pa.depec@bcb.gov.br](mailto:pa.depec@bcb.gov.br));

**Região Nordeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Fortaleza (*E-mail*: [ce.depec@bcb.gov.br](mailto:ce.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Recife (*E-mail*: [pe.depec@bcb.gov.br](mailto:pe.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Salvador (*E-mail*: [ba.depec@bcb.gov.br](mailto:ba.depec@bcb.gov.br));

**Região Centro-Oeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*E-mail*: [mg.depec@bcb.gov.br](mailto:mg.depec@bcb.gov.br));

**Região Sudeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*E-mail*: [mg.depec@bcb.gov.br](mailto:mg.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico no Rio de Janeiro (*E-mail*: [rj.depec@bcb.gov.br](mailto:rj.depec@bcb.gov.br)),  
Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo (*E-mail*: [sp.depec@bcb.gov.br](mailto:sp.depec@bcb.gov.br));

**Região Sul** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Curitiba (*E-mail*: [pr.depec@bcb.gov.br](mailto:pr.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Porto Alegre (*E-mail*: [rs.depec@bcb.gov.br](mailto:rs.depec@bcb.gov.br)).

## Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1009;

Fax: (61) 3414-2036.

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional – Suplemento do Banco Central do Brasil, Volume 3, nº 1.

## Controle Geral de Publicações

Banco Central do Brasil  
Secre/Surel/Dimep  
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 1º andar  
Caixa Postal 8.670  
70074-900 Brasília – DF  
Telefones: (61) 3414-3710 e 3414-3567  
Fax: (61) 3414-3626  
*E-mail*: [editor@bcb.gov.br](mailto:editor@bcb.gov.br)

Tiragem: 500 exemplares

## Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
  - dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0 ou 0,0 menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- \* dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (1970-1975) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (1970/1975) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

## Central de Atendimento ao Público

Banco Central do Brasil  
Secre/Surel/Diate  
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo  
70074-900 Brasília – DF  
DDG: 0800 9792345  
Fax: (61) 3414-2553  
Internet: <http://www.bcb.gov.br>

# Sumário

---

|   |            |
|---|------------|
| <b>Apresentação</b>   | <b>5</b>   |
| <b>Sumário executivo</b>  | <b>7</b>   |
| <b>1 Região Norte</b>   | <b>11</b>  |
| <b>2 Região Nordeste</b>  | <b>17</b>  |
| Bahia   | 23         |
| Ceará   | 29         |
| Pernambuco  | 35         |
| <b>3 Região Centro-Oeste</b>  | <b>41</b>  |
| <b>4 Região Sudeste</b>   | <b>47</b>  |
| Minas Gerais  | 53         |
| Rio de Janeiro  | 59         |
| São Paulo   | 65         |
| <b>5 Região Sul</b>   | <b>71</b>  |
| Paraná  | 77         |
| Rio Grande do Sul   | 83         |
| <b>Boxes</b>  |            |
| Evolução do IDH das Grandes Regiões e Unidades da Federação                     | 91         |
| Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul                     | 95         |
| Efeitos da Crise Mundial sobre a Economia Brasileira – Uma Perspectiva Regional | 99         |
| Contas Regionais – A Dinâmica das Economias Estaduais (2003-2006)               | 103        |
| <b>Apêndice</b>   | <b>109</b> |

# Apresentação

---

O “Boletim Regional” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da autoridade monetária sobre os diferentes entes da federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões onde existe mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem os órgãos e os institutos de âmbito nacional, destacadamente

o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central (Depec).

## Sumário executivo

---

O agravamento, a partir de setembro de 2008, da crise originada no mercado financeiro norte-americano, em meados do ano anterior, traduziu-se em deterioração acentuada do cenário econômico mundial. Esse novo ambiente, expresso em restrições no canal de crédito e no desaquecimento da demanda mundial, impactou de maneira mais severa as economias maduras do que as emergentes, determinando, entretanto, desdobramentos em intensidade distinta nos dois grupos mencionados.

A distinção entre o grau em que economias com níveis de desenvolvimento semelhantes vêm sendo afetadas pelas novas condições dos mercados reflete as especificidades relacionadas a cada uma delas. Nesse sentido, economias fortemente dependentes de receitas de exportações tendem a evidenciar os efeitos da crise de forma mais intensa do que aquelas que possuem o mercado interno fortalecido. Da mesma forma, o processo de aversão ao risco desencadeado no sistema financeiro internacional ocorreu com maior ênfase nas economias em que a regulação dos respectivos mercados possibilitava sua maior fragilização.

Repetindo o padrão observado entre as economias mundiais, o acirramento da crise nos mercados mundiais vem exercendo impacto distinto sobre as economias regionais no Brasil. Esse movimento, que reflete as especificidades de cada região e se encontra evidenciado nas análises efetuadas neste boletim, é explorado, adicionalmente, em dois dos boxes que incorporam a publicação<sup>1/</sup>: Efeitos da Crise Mundial sobre a Economia Brasileira – Uma Perspectiva Regional (página 99); e Contas Regionais – A Dinâmica das Economias Estaduais (2003-2006) (página 103). No primeiro, os fatores presença econômica do setor público, estrutura produtiva e importância da demanda externa são considerados os principais determinantes da intensidade dos

---

1/ Este boletim apresenta, ainda, nas páginas 91 e 95, os boxes Evolução do IDH das Grandes Regiões e Unidades da Federação, que objetiva mensurar a evolução da qualidade de vida a partir de critérios mais abrangentes que o tradicional PIB *per capita*; e Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul, que se constitui em indicador com o objetivo de mensurar a atividade econômica naquele estado.

desdobramentos da crise sobre as economias das respectivas regiões do país. O outro boxe mencionado, tendo em vista a importância da estrutura produtiva de cada unidade da federação para o enfrentamento da atual crise e para fundamentar as perspectivas de sua superação, examina a estrutura e a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) desagregado por estado e região.

Neste ambiente, onde as economias das cinco grandes regiões do país refletem, com alguma distinção, o acirramento da crise mundial, a economia da região Norte reveste-se de características que, em oposição, por exemplo, às observadas no Nordeste, a tornam mais suscetível às restrições da demanda global e à intensificação de restrições no canal de crédito. Nesse cenário, a produção extrativa mineral, com participação acentuada na estrutura industrial paraense e voltada, fundamentalmente, ao mercado externo, bem como as atividades industriais associadas a bens de consumo de maior valor, com peso expressivo na indústria amazonense, apresentaram considerável desaceleração a partir de outubro. Registraram-se, na margem, na comparação entre os trimestres encerrados em novembro e em agosto, recuos nas vendas do comércio varejista ampliado, 2,3%; e da indústria, 0,2%; e desaceleração no ritmo de crescimento do nível de emprego.

A economia nordestina, após apresentar dinamismo acentuado durante os três primeiros trimestres de 2008 – dados preliminares relativos ao desempenho dos três principais estados da região sinalizam crescimento agregado do PIB da ordem de 5% no ano –, passou, a partir de outubro, a refletir os impactos do acirramento da crise nos mercados financeiros internacionais. Nesse novo ambiente, registraram-se retrações no ritmo de expansão do comércio varejista ampliado, em especial nos segmentos mais sensíveis ao crédito; nos fluxos de comércio externo; e na indústria, com desdobramentos negativos sobre o mercado de trabalho, que registrou redução de 3,5% no número de empregos formais gerados no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2007.

A economia da região Centro-Oeste, sustentada, em especial, pelo desempenho das exportações dos complexos soja e carnes, foi impactada pelo recuo dos preços das principais *commodities* agrícolas. Nesse cenário de redução de renda, com impacto negativo sobre as expectativas de consumidores e empresários, observou-se retração da atividade industrial, perda de dinamismo no mercado de trabalho e retração nas áreas de plantio destinadas a culturas para exportação, como milho e soja, com impacto sobre



a safra de grãos da região, que, de acordo com o Terceiro Prognóstico do IBGE, divulgado em dezembro, deverá recuar 6% em 2009.

De maneira semelhante à trajetória observada para o país, os principais indicadores relacionados à evolução da economia na região Sudeste passaram a refletir com maior intensidade, no quarto trimestre de 2008, o agravamento da crise nos mercados financeiros internacionais. Nesse sentido, as vendas varejistas no conceito ampliado recuaram 4,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, enquanto a produção da indústria da região recuou 2,9% no período. Adicionalmente, o índice de confiança dos empresários, mensurado pela Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), passou de 58,1 pontos, em julho, para 50,6 pontos. Nesse cenário, a criação de 93,9 mil empregos formais registrada pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no trimestre encerrado em novembro, constituiu-se em resultado 65,5% inferior ao assinalado no período correspondente de 2007.

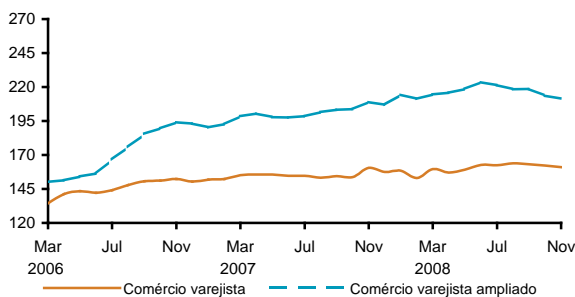
A economia da região Sul, mesmo apresentando, na margem, redução da produção da indústria e desaceleração tanto das vendas varejistas quanto dos fluxos comerciais com o exterior, seguiu apresentando dinamismo no trimestre encerrado em novembro de 2008. Ressalte-se que o arrefecimento registrado no período, além de mostrar-se consistente com as mudanças no cenário econômico mundial, foi influenciado pelos efeitos dos distúrbios climáticos registrados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Os preços ao consumidor apresentaram desaceleração no último trimestre do ano, expressa na variação de 0,88% registrada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,14% naquele finalizado em setembro, trajetória que deverá persistir nos próximos meses, conforme antecipado pelo recuo experimentado pelo índice de difusão no mesmo período.

O agravamento da crise financeira internacional, registrado a partir de meados de 2008, impactou a trajetória de crescimento experimentada pela economia brasileira nos últimos anos. A intensidade desse impacto sobre as regiões do país reflete, em grande parte, as especificidades das respectivas economias locais, atuando com maior ênfase naquelas mais dependentes de segmentos que dependem das condições de crédito e do nível da demanda mundial. É relevante ressaltar que as mesmas economias que na intensificação da crise podem ressentir-se de certas características estruturais poderão se beneficiar quando a economia mundial retomar o ciclo expansionista.

**Gráfico 1.1 – Comércio varejista – Norte**

Dados dessazonalizados

2003 = 100

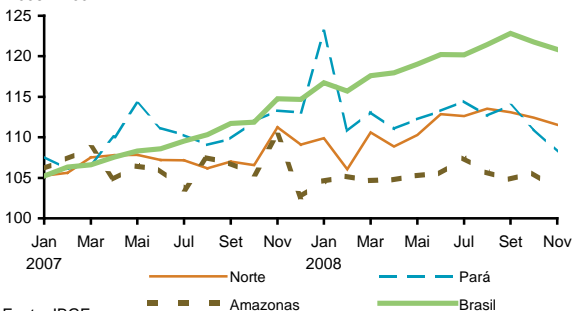


Fonte: IBGE

**Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo**

Dados dessazonalizados

2006 = 100



Fonte: IBGE

A economia da região Norte reveste-se de características que, em oposição às observadas no Nordeste, em especial em Pernambuco, a tornaram mais suscetível ao novo ambiente em que prevaleceram a redução da demanda global e a intensificação de restrições no canal de crédito. Nesse cenário, a produção extrativa mineral, com participação acentuada na estrutura industrial paraense e voltada, fundamentalmente, ao mercado externo, bem como as atividades industriais associadas a bens de consumo de maior valor, com peso expressivo na indústria amazonense, apresentaram considerável desaceleração a partir de outubro. Refletindo essa conjuntura, registraram-se, no último trimestre do ano, recuo no ritmo de contratações no mercado de trabalho formal e arrefecimento dos preços.

As vendas do comércio varejista na região<sup>2</sup> acumuladas em doze meses cresceram 3,9% em novembro, em relação a igual período de 2007, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Excetuando-se o desempenho negativo no Amazonas, 1,1%, registraram-se elevações nas vendas em todos os estados da região, com ênfase em Rondônia, 13%, e no Pará, 3,6%. Considerado o conceito ampliado, que incorpora as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, a expansão atingiu 8,2%, na mesma base de comparação.

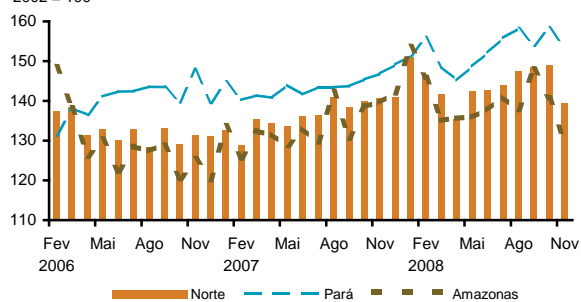
Na margem, as vendas varejistas recuaram 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 2,8%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A retração observada no trimestre traduziu os resultados negativos assinalados no Amazonas, 1,5%, e no Pará, 2,1%, estados que detêm, em conjunto, participação de aproximadamente 60% no comércio varejista regional e

2/ Os dados relativos às regiões foram obtidos pela agregação dos índices de volume de vendas de cada unidade da federação, segundo a PMC, ponderados pelas respectivas participações na receita bruta regional, constante da Pesquisa Anual do Comércio do IBGE.

**Gráfico 1.3 – Índice de produção industrial**

Dados dessazonalizados

2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 1.1 – Produção industrial – Amazonas**

Geral e setores selecionados

| Setores                    | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % no período |                   |              |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
|                            |                          | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |
| Indústria geral            | 100,0                    | 2,4                   | 0,5               | 5,6          |
| Indústria extrativa        | 2,3                      | -1,5                  | 1,5               | -1,7         |
| Indústria de transformação | 97,4                     | 3,7                   | 0,6               | 5,8          |
| Material eletrônico        | 30,2                     | 3,7                   | 0,2               | 5,1          |
| Alimentos e bebidas        | 18,5                     | 7,2                   | 4,0               | 3,4          |
| Equipamentos transporte    | 16,3                     | 2,1                   | -13,7             | 16,0         |
| Produtos metal             | 7,4                      | 1,5                   | 0,8               | -13,7        |
| Refino petrol álcool       | 5,1                      | 3,2                   | 2,6               | 6,0          |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 1.2 – Produção industrial – Pará**

Geral e setores selecionados

| Setores                    | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % no período |                   |              |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
|                            |                          | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |
| Indústria geral            | 100,0                    | 5,7                   | -0,1              | 6,8          |
| Indústria extrativa        | 47,9                     | 8,8                   | -3,5              | 9,4          |
| Indústria de transformação | 52,1                     | 0,9                   | 3,8               | 4,5          |
| Metalurgia básica          | 26,2                     | 4,4                   | 12,0              | 9,5          |
| Alimentos e bebidas        | 9,5                      | -5,1                  | -4,3              | 0,8          |
| Madeira                    | 7,4                      | -8,8                  | -8,6              | -22,1        |
| Celulose e papel           | 4,8                      | 4,0                   | -0,7              | 13,6         |
| Minerais não metálicos     | 4,4                      | 16,6                  | -8,7              | 17,6         |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

cujas vendas haviam registrado expansões respectivas de 1,3% e 1,2% no trimestre encerrado em agosto. No conceito ampliado, as vendas da região variaram, na ordem, -2,3% e 3% nos trimestres considerados.

A indústria da região Norte<sup>3</sup> cresceu 6% no período de doze meses finalizado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Esse resultado, 1,2 ponto percentual (p.p.) superior ao registrado no país, refletiu crescimentos de 7,3% na indústria extrativa e de 5,5% na de transformação, com ênfase para o desempenho dos segmentos equipamentos de transporte, 16%; material eletrônico, 5,1%; e metalurgia básica, 9,5%.

Na margem, considerados dados dessazonalizados, a indústria da região recuou 0,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 3,6%, registrando-se retração de 4,8% na produção extrativa mineral, comparativamente à alta de 9,5% em agosto, e crescimento de 0,7% na indústria de transformação, ante 2,6% em agosto.

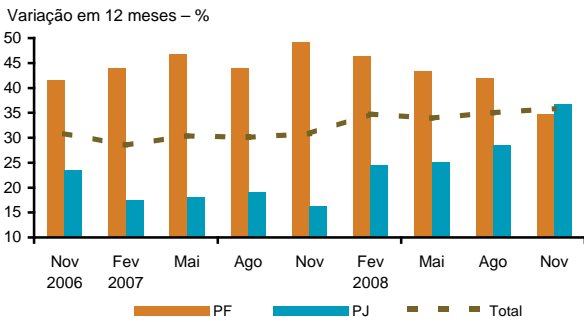
O resultado trimestral traduziu, em especial, a redução de 3,5% da produção extrativa mineral no Pará, que representa cerca de 50% da indústria estadual, atingida pela retração da demanda externa, sobretudo por alumínio e minério de cobre, cujas exportações recuaram, na ordem, 27,4% e 14,7% em relação a igual período de 2007. A desaceleração na indústria de transformação decorreu, em especial, da redução de 13,7% na produção de equipamentos de transportes no Amazonas, que detém peso de 17% na estrutura industrial do estado.

Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), o faturamento nominal das vendas da indústria cresceu 9,6% nos dez primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) na indústria de transformação atingiu 85,7% em outubro, ante 85,5% no mês anterior e 83,2% em igual período de 2007.

O volume de crédito na região Norte, consideradas as operações acima de R\$5 mil, totalizou R\$39,6 bilhões em novembro, registrando expansões de 35,8% em doze meses e de 9,6% em relação a agosto de 2008. A evolução trimestral refletiu expansões de 13,1% no segmento de pessoas jurídicas – evidenciando o aumento da demanda das empresas por

3/ Na região Norte, a PIM-PF abrange os estados do Amazonas e do Pará. A produção regional resulta das variações das produções estaduais ponderadas pelos respectivos valores de transformação industrial, segundo a Pesquisa Industrial Anual do IBGE.

**Gráfico 1.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Norte<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

**Tabela 1.3 – Produção agrícola – Norte**

Itens selecionados

| Discriminação    | Em mil toneladas |                             |                      |
|------------------|------------------|-----------------------------|----------------------|
|                  | Produção 2007    | Produção 2008 <sup>1/</sup> | Variação % 2008/2007 |
| Grãos            | 3 312            | 3 823                       | 15,4                 |
| Arroz (em casca) | 1 040            | 1 036                       | -0,4                 |
| Feijão           | 123              | 121                         | -1,9                 |
| Milho            | 1 071            | 1 255                       | 17,2                 |
| Soja             | 1 078            | 1 412                       | 31,0                 |
| Outras lavouras  |                  |                             |                      |
| Banana           | 1 018            | 954                         | -6,3                 |
| Cana-de-açúcar   | 1 198            | 1 270                       | 6,0                  |
| Mandioca         | 7 357            | 6 823                       | -7,3                 |

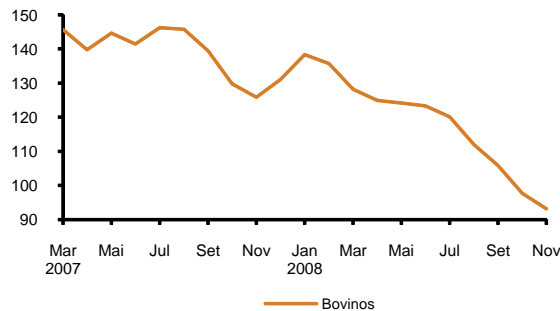
Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

**Gráfico 1.5 – Abate de bovinos – Norte**

Média móvel trimestral

Índice 2005 = 100



**Tabela 1.4 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |            |        |             |
|-----------------------------|--------------|------------|--------|-------------|
|                             | Norte 2007   | Norte 2008 | Var. % | Brasil 2008 |
| Total                       | 9 809        | 13 061     | 33,2   | 23,2        |
| Básicos                     | 4 451        | 7 139      | 60,4   | 41,5        |
| Industrializados            | 5 358        | 5 922      | 10,5   | 14,5        |
| Semimanufaturados           | 2 502        | 2 725      | 8,9    | 24,2        |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 2 855        | 3 197      | 12,0   | 12,1        |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

recursos no sistema bancário, em ambiente de maior restrição nos canais externos de crédito – e de 6,4% no relativo a pessoas físicas, em linha com a postura dos consumidores em relação ao comprometimento de renda futura.

A produção de grãos da região Norte alcançou 3,8 milhões de toneladas em 2008, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro, do IBGE, elevando-se 15,4% em relação ao ano anterior. A evolução favorável traduziu o comportamento das produções de soja e milho, que ocuparam 40% da área plantada da região e totalizaram 1,4 milhão e 1,3 milhão de toneladas, respectivamente, elevando-se, na ordem, 31% e 17,2%. A produção de cana-de-açúcar manteve-se em expansão, com crescimento de 6% em relação a 2007, contrastando com os recuos registrados nas safras de feijão, 1,9%; arroz, 0,4%; e mandioca 7,3%, culturas importantes na cesta de consumo regional.

De acordo com o terceiro Prognóstico da Produção Agrícola em 2009, realizado pelo IBGE, a safra de grãos da região, mesmo incorporado o crescimento de 1,2% estimado para a área plantada, deverá recuar 6,1% em relação a 2008, atingindo 3,6 milhões de toneladas, com ênfase nas reduções projetadas para as culturas de milho 1ª safra, 11,8%, e soja, 3,8%.

Os abates de bovinos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo Sistema de Inspeção Federal (SIF), que representam cerca de 70% dos registrados na região, recuaram 18,1% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007, de acordo com estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Ressalte-se que a redução no volume de abates da região, que detém participação em torno de 20% no total do país, esteve associada tanto à menor oferta do produto para os frigoríficos, quanto às restrições impostas pela União Europeia e Rússia às exportações do produto.

O saldo da balança comercial da região atingiu US\$1,7 bilhão em 2008, recuando 21,1% em relação ao registrado em 2007, reflexo de elevações de 33,2% nas exportações e de 48,2% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$13,1 bilhões e US\$11,4 bilhões. Os fluxos externos da região registraram desaceleração no último trimestre, expressa nas taxas de crescimento de 19,8% e 32,3% experimentadas, na ordem, pelas exportações e pelas importações no período.

**Tabela 1.5 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                       | Norte        |        | Brasil |        |
|                       | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 7 677        | 11 378 | 48,2   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 1 469        | 2 602  | 77,2   | 40,5   |
| Duráveis              | 1 314        | 2 400  | 82,7   | 54,0   |
| Não duráveis          | 155          | 202    | 30,0   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 3 568        | 4 728  | 32,5   | 40,3   |
| Bens de capital       | 2 554        | 3 652  | 43,0   | 42,9   |
| Comb. e lubrificantes | 86           | 397    | 362,5  | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

As exportações, desagregadas por categoria de fator agregado, apresentaram crescimento generalizado em 2008, com ênfase no aumento de 60,4% nas relativas a produtos básicos, impulsionadas pelo crescimento de 67,8% nos embarques de minério de ferro. Os principais mercados de destino das exportações da região, no ano, foram Estados Unidos da América (EUA), 12,5%; Japão, 11,2%; e China, 10,8%, ressaltando-se, no período, a elevação de 48,4% nas vendas direcionadas à Alemanha. O índice Herfindahl-Hirschman<sup>4</sup> (IHH), considerando os trinta principais mercados de destinos, aumentou 1,2% no ano, evidenciando concentração das vendas externas da região.

O desempenho das importações em 2008 traduziu a ocorrência de aumentos das aquisições em todas as categorias de uso, com destaque para combustíveis e lubrificantes, 362,5%, e bens de consumo duráveis, 82,7%. A segmentação das importações por países revela que 68,1% das compras anuais da região originaram-se da China, Coreia do Sul, Japão e EUA. O IHH, medido para os trinta principais países de origem, aumentou 7,1% no ano, evidenciando maior concentração dos países fornecedores.

**Tabela 1.6 – Evolução do emprego formal – Norte**

Novos postos de trabalho

| Discriminação         | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |       |      |      |      |
|-----------------------|---|-------|------|------|------|
|                       | 2007  |       | 2008 |      |      |
|                       | Nov   | Fev   | Mai  | Ago  | Nov  |
| Total                 | 26,9  | -11,5 | 15,9 | 37,1 | 3,2  |
| Extrativa mineral     | 0,2   | 0,3   | 0,8  | 0,8  | 0,3  |
| Ind. de transformação | 6,5   | -4,0  | -2,8 | 7,1  | -5,3 |
| Comércio              | 10,0  | 0,3   | 2,6  | 5,2  | 9,7  |
| Serviços              | 7,4   | -2,0  | 10,1 | 12,2 | 3,0  |
| Construção civil      | 3,0   | -4,3  | 4,1  | 7,4  | -1,8 |
| Agropecuária          | 0,0   | -1,9  | 0,7  | 3,9  | -2,3 |
| Outros <sup>2/</sup>  | -0,1  | 0,1   | 0,4  | 0,4  | -0,4 |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais, administração pública e outras.

O mercado de trabalho formal da região registrou, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), contratação líquida de 3,2 mil trabalhadores no trimestre encerrado em novembro, resultado 88,1% inferior ao assinalado em igual período de 2007. Esse movimento traduziu, em grande parte, as eliminações de postos de trabalho assinaladas na indústria de transformação, 5,3 mil; construção civil, 1,8 mil; e agropecuária, 2,3 mil. Os dois primeiros segmentos haviam gerado, na ordem, 6,5 mil e 3 mil empregos no trimestre encerrado em novembro de 2007, enquanto a agropecuária manteve seu contingente de trabalhadores estável, no mesmo período. A perda de dinamismo das contratações observada no trimestre mostrou-se crescente no decorrer do período, registrando-se, em sequência à criação de 10,2 mil empregos em setembro, o corte de 7,4 mil postos em novembro.

No ano, até novembro, foram gerados 60 mil empregos formais na região, resultado 28,8% inferior ao observado em igual período de 2007, dos quais 21,8 mil no Amazonas, 20,1 mil no Pará e 8,6 mil em Rondônia. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal aumentou 0,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia, no mesmo tipo de comparação, crescido 1,1%.

4/ O índice baseia-se na soma dos quadrados das participações das diversas categorias no total, expressa na fórmula  $H = (s_1)^2 + (s_2)^2 + \dots + (s_n)^2$ .

**Tabela 1.7– IPCA – Belém**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |  |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|--|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        | Ano   |  |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri |       |  |
| IPCA                 | 100,0               | 7,12       | 2,08    | 1,55   | 7,93  |  |
| Livres               | 74,0                | 9,14       | 1,55    | 1,38   | 8,69  |  |
| Comercializáveis     | 41,2                | 8,78       | 1,13    | 1,57   | 9,36  |  |
| Não comercializáveis | 32,8                | 9,55       | 2,09    | 1,17   | 7,90  |  |
| Monitorados          | 26,0                | 1,90       | 3,62    | 2,02   | 5,84  |  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |  |
| Alimentação          | 32,6                | 16,44      | 1,40    | 1,03   | 12,07 |  |
| Habitação            | 9,6                 | -2,37      | 10,01   | 2,75   | 11,69 |  |
| Art.residência       | 4,9                 | -0,14      | 0,60    | 3,14   | 3,88  |  |
| Vestuário            | 8,5                 | 5,22       | 1,70    | 4,04   | 7,76  |  |
| Transportes          | 13,0                | 5,54       | 1,53    | 1,39   | 3,71  |  |
| Saúde                | 12,4                | 4,37       | 0,72    | 0,98   | 5,52  |  |
| Desp. pessoais       | 9,5                 | 7,25       | 3,19    | 1,86   | 8,59  |  |
| Educação             | 5,0                 | 3,08       | 0,21    | 0,18   | 4,79  |  |
| Comunicação          | 4,5                 | -0,45      | -0,80   | -0,58  | -1,07 |  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

A inflação na região metropolitana de Belém (RMB), mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), atingiu 7,93% em 2008, ante 7,12% no ano anterior, maior taxa entre as regiões pesquisadas pelo IBGE. O aumento anual da inflação na região traduziu a aceleração, de 1,90% para 5,84%, observada nos preços monitorados, impulsionada pelo reajuste de 18,92% na tarifa de energia elétrica, que havia declinado 10,68% em 2007. Os preços livres cresceram 8,69%, ante 9,14% no ano anterior, pressionados pelas elevações anuais nos grupos alimentação, 12,07%, e despesas pessoais, 8,59%.

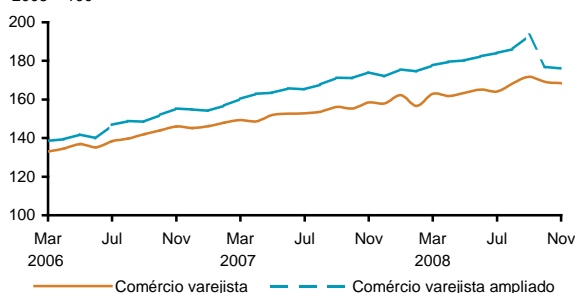
O IPCA variou 1,55% no trimestre encerrado em dezembro, ante 2,08% naquele finalizado em setembro, refletindo desacelerações nos preços livres, de 1,55% para 1,38%, e nos monitorados, de 3,62% para 2,02%, segmento que refletiu, principalmente, a desaceleração no item energia elétrica residencial, de 21,10% para 5,97%, além do recuo nos preços da gasolina, 0,44%

A evolução dos preços livres refletiu a desaceleração, de 2,09% para 1,17%, nos preços dos bens não comercializáveis e, em sentido inverso, a aceleração, de 1,13% para 1,57%, observada nos preços dos itens comercializáveis. A segmentação do IPCA por grupo de consumo revela desaceleração, no trimestre, na variação dos preços em cinco dos oito segmentos considerados, com ênfase em habitação, de 10,01% para 2,75%.

Entre os fatores que determinaram a desaceleração da atividade econômica na região, a retração da demanda global, particularmente por *commodities* minerais, tende a persistir por um período de tempo mais longo, acompanhando o ambiente de incertezas nos mercados internacionais e as evoluções negativas dos indicadores de atividade nas principais economias, a despeito dos diversos programas de intervenção governamental de estímulo ao crescimento, notadamente nos EUA e na Europa. O comportamento da demanda doméstica por bens duráveis, que detém participação relevante na estrutura industrial da região, estará condicionado à evolução das expectativas dos consumidores, bem como dos mercados de trabalho e de crédito, que poderá, nos próximos meses, passar a refletir as medidas recentes de estímulo nas áreas monetária e fiscal. Adicionalmente, os efeitos da crise na região Norte tendem a ser amenizados pela perspectiva de elevação dos investimentos do governo federal no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e pelo crescimento das transferências de renda para a região.

**Gráfico 2.1 – Comércio varejista – Nordeste**

Dados dessazonalizados  
2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.1 – Índice de vendas no varejo – Nordeste**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % 12 meses |        |       |
|-------------------------------|---------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal     | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 14,2                | 8,7    | 5,1   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 12,1                | 11,7   | 0,3   |
| Hiper, supermercados          | 16,0                | 3,1    | 12,5  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 5,2                 | 0,8    | 4,4   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 12,3                | 16,5   | -3,6  |
| Comércio varejista ampliado   | 15,2                | 9,7    | 5,1   |
| Automóveis e motocicletas     | 17,4                | 12,6   | 4,3   |
| Material de construção        | 22,4                | 13,9   | 7,5   |

Fonte: IBGE

Após apresentar dinamismo acentuado durante os três primeiros trimestres de 2008 – dados preliminares relativos ao desempenho dos três principais estados da região sinalizam crescimento agregado do Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de 5% no ano –, a economia nordestina passou, a partir de outubro, a refletir os impactos do acirramento da crise nos mercados financeiros internacionais. Nesse novo ambiente, registraram-se retrações no ritmo de expansão do comércio varejista – em especial nos segmentos mais sensíveis ao crédito –, nos fluxos de comércio externo e na indústria, com desdobramentos negativos sobre as condições do mercado de trabalho.

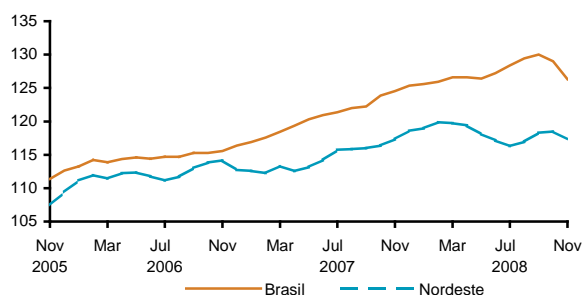
As vendas varejistas no Nordeste cresceram 2,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressalte-se, no trimestre, o crescimento das vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, 6,2%, contrastando com o recuo de 1,1% nas vendas relativas a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. Considerado o conceito ampliado, as vendas varejistas diminuíram 1,1% no trimestre, registrando-se reduções tanto no segmento veículos, motos, partes e peças, 4,2%; quanto no relativo a materiais de construção, 7,1%.

Considerados períodos de doze meses encerrados em novembro de 2008 e do ano anterior, a expansão do comércio varejista nordestino atingiu 8,7%, registrando-se crescimento generalizado em todos os segmentos considerados na pesquisa, com destaque para equipamentos e materiais de escritório, informática e comunicação, 22,9%. As vendas de veículos, motos, partes e peças, e de materiais de construção apresentaram aumentos respectivos de 12,6% e 13,9%, no período, contribuindo para que o comércio da região expandisse 9,7% no conceito ampliado.

A produção da indústria nordestina acumulada em doze meses cresceu 3,1% em novembro, em relação a igual

### Gráfico 2.2 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

### Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste

Geral e setores selecionados

| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |         |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|---------|
|                             |                     | 2008                  |                   |         |
|                             |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. ano |
| Indústria geral             | 100,0               | -1,0                  | 0,3               | 2,5     |
| Alimentação e bebidas       | 25,5                | -3,8                  | 1,1               | 4,5     |
| Química                     | 20,6                | -4,4                  | 0,4               | -2,2    |
| Refino de petróleo e álcool | 13,3                | -2,9                  | 3,9               | 3,4     |
| Têxtil                      | 8,3                 | -2,7                  | 1,0               | -4,6    |
| Metalurgia básica           | 7,4                 | 3,8                   | -2,6              | 2,4     |
| Minerais não-metálicos      | 5,9                 | 3,3                   | 3,9               | 4,7     |
| Celulose e papel            | 4,4                 | 8,3                   | 1,5               | 27,1    |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

### Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

| Discriminação                   | Em mil toneladas |                    |                         |
|---------------------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                                 | Produção         |                    | Variação %<br>2008/2007 |
|                                 | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |                         |
| Grãos                           | 9 820            | 12 452             | 26,8                    |
| Caroço de algodão <sup>2/</sup> | 722              | 787                | 9,0                     |
| Arroz (em casca)                | 1 027            | 1 168              | 13,8                    |
| Feijão                          | 798              | 980                | 22,9                    |
| Mamona                          | 82               | 109                | 32,8                    |
| Milho                           | 3 157            | 4 426              | 40,2                    |
| Soja                            | 3 908            | 4 829              | 23,6                    |
| Outros                          | 126              | 152                | 20,8                    |
| Outras lavouras                 |                  |                    |                         |
| Abacaxi (mil frutos)            | 758 959          | 788 825            | 3,9                     |
| Banana                          | 2 855            | 2 893              | 1,3                     |
| Cacau                           | 137              | 139                | 1,9                     |
| Café                            | 157              | 177                | 12,3                    |
| Cana-de-açúcar                  | 68 641           | 74 287             | 8,2                     |
| Castanha-de-caju                | 138              | 240                | 74,3                    |
| Coco-da-baía (mil frutos)       | 1 240 592        | 1 287 341          | 3,8                     |
| Mandioca                        | 10 009           | 10 020             | 0,1                     |
| Uva                             | 290              | 265                | -8,7                    |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

2/ Corresponde a 61% da produção de algodão herbáceo.

intervalo do ano anterior, ante 3,8% em agosto, de acordo com dados da PIM-PF do IBGE. A desaceleração registrada no período traduziu o menor dinamismo assinalado em sete dos onze segmentos pesquisados, com ênfase nas retrações observadas nas atividades têxtil, 2,6%, e calçados e artigos de couro, 2%, que haviam apresentado expansões respectivas de 0,8% e 2,5% em agosto. A evolução da produção industrial na região, até novembro, refletiu os desempenhos das indústrias extrativa, 3,5%, e de transformação, 3,1%, com destaque para os segmentos celulose e papel, 27,4%; minerais não metálicos, 5,5%; e vestuário e acessórios, 4,5%. O desempenho da indústria nordestina, evidenciando a reduzida participação na região dos setores extrativo e automobilístico, que contribuíram de forma intensa para o dinamismo da indústria nacional em 2008, situou-se 1,7 p.p. abaixo do registrado no país.

Na margem, a produção da indústria manteve-se estável no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados. Esse resultado refletiu o recuo de 2,6% na produção relativa a metalurgia básica, enquanto, em sentido inverso, registraram-se aumentos de, igualmente, 3,9% nos segmentos minerais não metálicos e refino de petróleo e álcool.

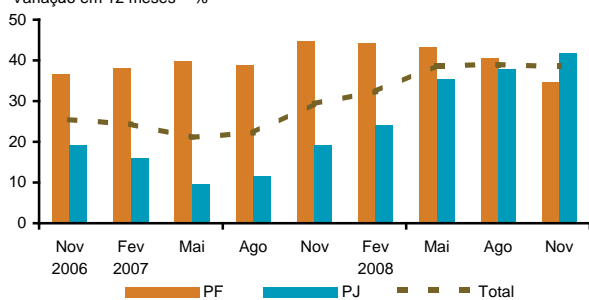
O volume de crédito no Nordeste, considerando operações acima de R\$5 mil, registrou expansão de 38,5% em novembro, em relação ao mesmo mês do ano anterior. Embora expressivo, esse crescimento mostrou-se 3,9 p.p. inferior ao assinalado em setembro, traduzindo a deterioração das condições do mercado de crédito observada após o acirramento da crise nos mercados financeiros internacionais. O saldo dessas operações aumentou 10,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, refletindo elevações de 14,1% no segmento de pessoas jurídicas e de 6,2% no referente a pessoas físicas, este refletindo a desaceleração, registrada em outubro e em novembro, nas operações destinadas a aquisições de veículos.

A produção de grãos da região totalizou 12,5 milhões de toneladas em 2008, elevando-se 26,8% em relação ao ano anterior, de acordo com o LSPA do IBGE de dezembro, beneficiado pela base de comparação deprimida em função da quebra de safra em 2007, quando foram registradas condições climáticas adversas. Ressaltem-se, em 2008, os aumentos assinalados nas safras de milho, 40,2%; soja, 23,6%; e mamona, 32,8%.



**Gráfico 2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.4 – Prognóstico agrícola – Nordeste**

Itens selecionados

| Discriminação                   | Em mil toneladas |                    | Variação %<br>2009/2008 |
|---------------------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                                 | Produção<br>2008 | 2009 <sup>1/</sup> |                         |
| Grãos                           | 12 452           | 12 119             | -2,7                    |
| Caroço de algodão <sup>2/</sup> | 787              | 767                | -2,5                    |
| Arroz (em casca)                | 1 168            | 1 106              | -5,4                    |
| Feijão                          | 980              | 1 063              | 8,5                     |
| Mamona                          | 109              | 123                | 13,5                    |
| Milho                           | 4 426            | 4 462              | 0,8                     |
| Soja                            | 4 829            | 4 390              | -9,1                    |
| Outros                          | 152              | 207                | 36,5                    |

Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

2/ Corresponde a 61% da produção de algodão herbáceo.

**Tabela 2.5 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | Nordeste     |        | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 13 086       | 15 452 | 18,1   | 23,2   |
| Básicos                     | 2 605        | 3 450  | 32,4   | 41,5   |
| Industrializados            | 10 481       | 12 001 | 14,5   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 4 030        | 5 358  | 33,0   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 6 451        | 6 643  | 3,0    | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

De acordo com o terceiro Prognóstico da Produção Agrícola Nacional para 2009 do IBGE, a produção de grãos no Nordeste deverá recuar 2,7% em relação a 2008, comparativamente à retração de 5,9% projetada para o país, situando-se em 12,1 milhões de toneladas. Esse resultado, que aumentará em 0,3 p.p. – para 8,8% – a participação da produção da região no total do país, evidencia, tendo em vista o aumento de 5,6% projetado para a área plantada, redução na produtividade média da região. Estão previstas reduções para as safras de soja, 9,1%; e arroz, 5,4%; em oposição às elevações projetadas para as culturas de mamona, 13,5%; e feijão, 8,5%.

O comércio externo da região Nordeste experimentou acentuado crescimento anual em 2008, registrando-se, de acordo com estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), elevações de 18,1% nas exportações e de 33,7% nas importações, que totalizaram, respectivamente, US\$15,5 bilhões e US\$15,7 bilhões. O maior dinamismo no fluxo comercial foi observado nos primeiros nove meses do ano, quando, em comparação a igual período de 2007, as vendas externas elevaram-se 24,5% e as compras externas, 44%. No mesmo tipo de comparação, tais fluxos apresentaram crescimentos respectivos de 1,7% e 5,9% no último trimestre do ano.

A expansão das exportações em 2008 refletiu desempenho favorável em todas as categorias de fator agregado, com destaque para os aumentos nas vendas de produtos básicos, 32,4%, em especial soja, 111,8%, e minérios de ferro, 54,4%; e de semimanufaturados, 33%, impulsionadas pelos aumentos nos embarques de pasta química de madeira, 73,1%, e de ferro fundido bruto, 43%. As exportações de manufaturados elevaram-se 3% no ano, com ênfase no crescimento de 53,4% registrado pelo item óleos combustíveis. As exportações da região destinaram-se, em especial, aos EUA, Holanda, Argentina e China, responsáveis, em conjunto, por 49% dos embarques assinalados no ano, enquanto o IHH, considerados os trinta principais mercados de destino, apresentou recuo de 1% em relação a 2007.

O aumento anual das importações traduziu a ocorrência de elevação generalizada nas aquisições em todas as categorias de uso, com ênfase nas referentes a combustíveis e lubrificantes, 52,2%, e a bens intermediários, 32,8%, estas impulsionadas pelas compras de trigo, 44,8%, e de óleo diesel, 42,9%. Os principais mercados de origem constituíram-se nos EUA, Argentina, China e Índia, responsáveis, em conjunto, por 40,5% das aquisições

**Tabela 2.6 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                       | Nordeste     |        | Brasil |        |
|                       | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 11 775       | 15 744 | 33,7   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 985          | 1 269  | 28,7   | 40,5   |
| Duráveis              | 736          | 927    | 25,9   | 54,0   |
| Não duráveis          | 249          | 342    | 37,2   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 6 154        | 8 174  | 32,8   | 40,2   |
| Bens de capital       | 1 701        | 1 835  | 7,9    | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 2 934        | 4 466  | 52,2   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 2.7 – Evolução do emprego formal – Nordeste**  
Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |       |       |       |       |
|-----------------------------|---|-------|-------|-------|-------|
|                             | 2007  |       | 2008  |       |       |
|                             | Nov   | Fev   | Mai   | Ago   | Nov   |
| Total                       | 135,7   | -36,7 | 8,8   | 135,0 | 131,0 |
| Extrativa                   | 0,4   | 0,2   | 0,4   | 0,2   | -0,1  |
| Ind. de transformação       | 70,9  | -27,2 | -42,7 | 37,3  | 70,1  |
| Serv. ind. de util. pública | 0,9   | 0,8   | 0,6   | 0,8   | -0,5  |
| Construção civil            | 12,5  | 6,9   | 14,0  | 20,5  | 8,0   |
| Comércio                    | 31,0  | 4,7   | 8,1   | 17,4  | 30,9  |
| Serviços                    | 23,9  | 2,6   | 27,5  | 27,9  | 26,9  |
| Agropecuária                | -5,3  | -25,1 | 0,5   | 29,3  | -5,0  |

Fonte: MTE

<sup>1/</sup> Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

**Tabela 2.8 – IPCA – Nordeste**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 5,42       | 0,58    | 1,19   | 5,94  |
| Livres               | 70,9                | 6,41       | 0,56    | 1,62   | 7,39  |
| Comercializáveis     | 38,1                | 5,08       | 0,73    | 1,70   | 6,65  |
| Não comercializáveis | 32,8                | 7,99       | 0,34    | 1,54   | 8,24  |
| Monitorados          | 29,1                | 3,18       | 0,66    | 0,16   | 2,58  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 25,5                | 11,72      | -0,58   | 1,81   | 10,92 |
| Habituação           | 12,0                | 3,31       | 1,12    | 1,47   | 4,18  |
| Art.residência       | 4,0                 | -1,79      | 0,10    | 2,15   | 0,28  |
| Vestuário            | 7,8                 | 3,96       | 0,69    | 3,23   | 5,75  |
| Transportes          | 17,3                | 3,93       | 1,10    | -0,77  | 2,51  |
| Saúde                | 12,4                | 4,40       | 1,19    | 1,36   | 5,68  |
| Desp. pessoais       | 8,8                 | 6,11       | 1,37    | 2,14   | 7,85  |
| Educação             | 6,4                 | 4,40       | 0,57    | 0,02   | 6,25  |
| Comunicação          | 5,8                 | -0,11      | 0,71    | 0,12   | 1,27  |

Fonte: IBGE

<sup>1/</sup> Referentes a dezembro de 2008.

nordestinas. O IHH, para os trinta principais mercados de origem, aumentou 13,4% no período, evidenciando maior concentração dos países fornecedores da região.

Estatísticas do Caged/MTE revelam que a economia da região gerou 253,1 mil empregos formais nos onze primeiros meses de 2008, representando aumento de 15,4% em relação a igual período do ano anterior. A análise de dados mais recentes revela, entretanto, desaceleração no ritmo das contratações, expressa na redução de 3,5% no número de empregos formais gerados no trimestre finalizado em novembro, em relação a igual período de 2007. Período em que, dentre os oito segmentos considerados no levantamento, apenas o setor de serviços registrou resultado favorável, 12,4%. O nível de emprego formal, considerados dados dessazonalizados, cresceu 1,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, traduzindo a ocorrência de resultados positivos em seis das oito atividades pesquisadas, com ênfase no aumento de 3,5% na construção civil.

A inflação da região Nordeste<sup>5</sup>, medida pelo IPCA, atingiu 5,94% em 2008, ante 5,42% no ano anterior, aumento resultante da aceleração, de 6,41% para 7,39%, nos preços livres, e do arrefecimento, de 3,18% para 2,58%, nos preços monitorados. A variação dos preços livres esteve associada a aumentos tanto no grupo alimentação, 10,92%, que, responsável por 45% da inflação da região em 2008, traduziu crescimentos expressivos registrados nos itens tomate, 101,36%; arroz, 33,96%; carnes, 31,72%; pão francês, 21,50%; e frango, 15,15%; quanto nos gastos com empregado doméstico, 10,97%. O movimento de desaceleração experimentado pelos preços monitorados refletiu, em especial, as reduções respectivas de 17,15% e 3,61% registradas nos preços dos itens tarifa de energia elétrica e gasolina, em Salvador.

A variação do IPCA atingiu 1,19% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,58% naquele finalizado em setembro. Os preços livres, pressionados pelo grupo alimentação e bebidas, cresceram 1,62% no período, com ênfase nos aumentos nos itens carnes, 13,58% – exercendo contribuição de 0,29 p.p. para a variação total do índice; tomate, 69,70%; farinha de mandioca, 5,23%; e pão francês, 2,37%. Adicionalmente, os preços do grupo vestuário, seguindo padrão sazonal, elevaram-se 3,23%. Os preços monitorados, influenciados pela retração de 5,92% observada no preço da gasolina, recuaram 0,16% no trimestre.

5/ Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA no Nordeste: Fortaleza, Recife e Salvador.

Os principais indicadores da economia nordestina, a exemplo do projetado em âmbito nacional, deverão seguir traduzindo, nos próximos meses, a continuidade do processo de arrefecimento da atividade produtiva. Essa trajetória poderá, entretanto, ser atenuada pela intensificação dos gastos em investimentos em infraestrutura, pela continuidade da transferência de renda inerente aos programas sociais implementados na região, pela reduzida abertura comercial da economia nordestina, que reduz sua exposição às restrições associadas à retração da demanda externa, bem como pelo comportamento da atividade turística, favorecida, em parte, pelo patamar da taxa de câmbio.

## Bahia

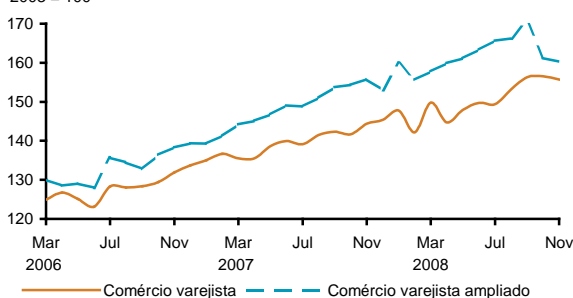
Estimativas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (Sei) revelam expansão de 6,2% do PIB do estado no terceiro trimestre de 2008, em relação a igual período do ano anterior. Esse resultado, 0,6 p.p. inferior ao registrado no país, embora refletisse o dinamismo generalizado observado nas atividades econômicas do estado, esteve associado, em grande parte, à expansão de 8,9% registrada na construção civil, décimo primeiro resultado trimestral favorável em sequência. O reordenamento do cenário econômico mundial, a partir das restrições de crédito associadas ao agravamento da crise nos mercados financeiros internacionais, impactou negativamente o desempenho das atividades industrial e varejista no estado, com desdobramentos sobre a evolução do mercado de trabalho.

As vendas varejistas acumuladas em doze meses cresceram 8,4% em novembro, em relação a igual período de 2007, de acordo com a PMC do IBGE, refletindo desempenhos positivos em todos os segmentos pesquisados, em especial artigos de uso pessoal e doméstico, 26,5%; livros, jornais, revistas e papelaria, 23,3%; e móveis e eletrodomésticos, 19,2%. Considerado o conceito ampliado, as vendas expandiram-se 9,5% na mesma base de comparação, registrando-se expansão de 12,1% no segmento veículos, motos, partes e peças e de 11,7% no relativo a material de construção. O desempenho do comércio no ano traduziu tanto o fortalecimento do poder aquisitivo da população, consistente com a melhora no mercado de trabalho e com os recursos inerentes aos programas de transferência de renda, quanto a trajetória expansionista do crédito.

**Gráfico 2.4 – Comércio varejista – Bahia**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.9 – Índice de vendas no varejo – Bahia**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % acumulada em 12 meses |        |       |
|-------------------------------|----------------------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal                  | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 13,4                             | 8,4    | 4,6   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 11,4                             | 10,8   | 0,5   |
| Hiper, supermercados          | 14,2                             | 1,6    | 12,4  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 5,2                              | 1,0    | 4,2   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 14,2                             | 19,2   | -4,2  |
| Comércio varejista ampliado   | 14,3                             | 9,5    | 4,4   |
| Automóveis e motocicletas     | 15,9                             | 12,1   | 3,4   |
| Material de construção        | 18,0                             | 11,7   | 5,6   |

Fonte: IBGE

A análise da atividade varejista na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou aumento de 3,6% nas vendas no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando cresceram 2,2%, na mesma base de comparação. Destacaram-se, no período, os aumentos de 5,7% nas vendas de combustíveis e lubrificantes e de 4,6% nas relativas ao segmento hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, estas impulsionadas pelo aumento do rendimento médio dos trabalhadores. As vendas de móveis e eletrodomésticos, mais dependentes das condições do mercado de crédito, recuaram 0,5%, ante expansão de 4,3% no trimestre encerrado em agosto. Considerado o conceito ampliado, as vendas varejistas diminuíram 0,6% no trimestre, registrando-se reduções de 10,1% no segmento veículos, motos, partes e peças,

ressaltando-se o recuo de 19,8% assinalado no bimestre outubro e novembro ante a média de agosto e setembro; e de 6,7% no segmento relativo a materiais de construção.

O índice de expectativa de compra do consumidor da Federação do Comércio do Estado da Bahia (Fecomércio BA), que reflete a pretensão de compra dos consumidores nos próximos doze meses, atingiu 58,7 pontos em dezembro, 3,4 pontos inferior ao registrado em setembro.

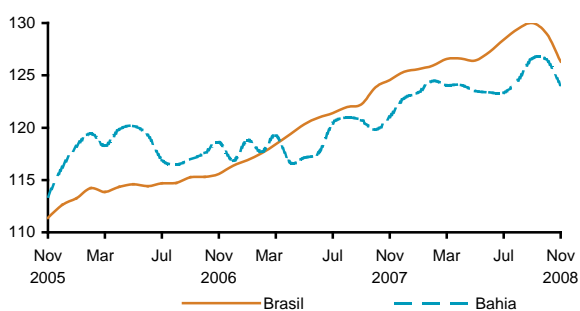
A produção industrial baiana acumulada em doze meses aumentou 4,1% em novembro, em relação a igual período de 2007, comparativamente à expansão de 4,8% no país, de acordo com a PIM-PF do IBGE. As principais contribuições positivas originaram-se dos setores celulose e papel, 31,6%, favorecido pelo aquecimento da demanda externa; minerais não metálicos, 15,5%, em virtude do aumento na produção de concreto usinado e de ladrilho e placa de cerâmica, utilizados na construção civil; e borracha e plástico, 14,9%, impulsionado pelo dinamismo das exportações. Em sentido inverso, evidenciando a ocorrência de paradas de manutenção e paralisações técnicas de algumas unidades produtivas em maio, junho e outubro, a produção da indústria química/petroquímica, principal segmento da malha industrial do estado, recuou 1,6% no período, enquanto, no segmento de veículos automotores, a retração atingiu 3,3%.

Na margem, considerados dados dessazonalizados, a produção da indústria baiana recuou 0,4% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,8%. Quatro dos oito segmentos da indústria de transformação pesquisados apresentaram variações negativas no período, com destaque para a redução de 12,3% no segmento veículos automotores, seguindo-se borracha e plástico, 7,3%; metalurgia básica, 0,7%; e produtos químicos, 0,5%. Em sentido inverso, assinalem-se os resultados positivos observados nos setores refino de petróleo e produção de álcool, 4,4%; e minerais não metálicos, 3,3%. Considerando-se médias móveis trimestrais, a produção industrial da Bahia segue em trajetória declinante, mais acentuada do que a observada para a indústria nacional.

A indústria da construção civil manteve-se, nos nove primeiros meses do ano, na trajetória de crescimento acentuado iniciada em 2006. De acordo com a Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia (Ademi), foram lançadas 14,6 mil unidades no mercado imobiliário do estado, no período, representando aumento

**Gráfico 2.5 – Produção industrial**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.10 – Produção industrial – Bahia**

Geral e setores selecionados

| Setores                      | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |                   |
|------------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|-------------------|
|                              |                     | 2008                  | Ago <sup>2/</sup> | Nov <sup>2/</sup> |
| Indústria geral              | 100,0               | 0,8                   | -0,4              | 4,1               |
| Indústria extrativa          | 5,0                 | 3,3                   | 0,3               | 2,0               |
| Indústria de transformação   | 95,0                | 0,1                   | -0,4              | 4,3               |
| Alimentos e bebidas          | 13,2                | 0,1                   | 1,8               | 1,4               |
| Celulose e papel             | 8,8                 | 11,9                  | 0,0               | 31,6              |
| Ref. petróleo e prod. álcool | 23,9                | -1,0                  | 4,4               | 2,8               |
| Produtos químicos            | 33,3                | -4,0                  | -0,5              | -1,6              |
| Borracha e plástico          | 2,6                 | 3,5                   | -7,3              | 14,9              |
| Minerais não metálicos       | 2,2                 | 8,2                   | 3,3               | 15,5              |
| Metalurgia básica            | 9,2                 | 0,2                   | -0,7              | 3,9               |
| Veículos automotores         | 2,0                 | -3,1                  | -12,3             | -3,3              |

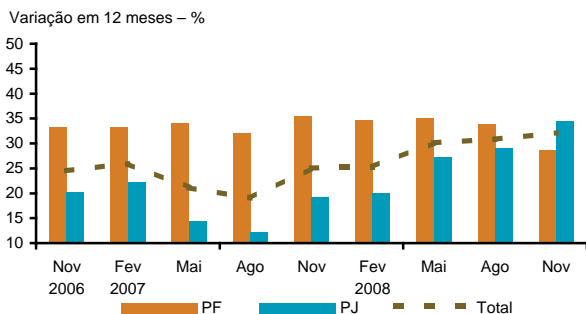
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

de 61,1% em relação ao total dos lançamentos realizados em 2007. Registrem-se, ainda, os impactos favoráveis sobre o dinamismo do setor associados às obras de infraestrutura no âmbito do PAC e à construção do metrô de Salvador.

**Gráfico 2.6 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.11 – Produção agrícola – Bahia**

Itens selecionados

| Discriminação     | Em mil toneladas |                    | Variação %<br>2008/2007 |
|-------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                   | Produção<br>2007 | 2008 <sup>1/</sup> |                         |
| Grãos             | 5 575            | 6 465              | 16,0                    |
| Algodão herbáceo  | 1 125            | 1 190              | 5,7                     |
| Arroz             | 29               | 41                 | 43,3                    |
| Feijão            | 319              | 331                | 3,6                     |
| Mamona            | 76               | 100                | 32,7                    |
| Milho             | 1 636            | 1 944              | 18,8                    |
| Soja              | 2 298            | 2 748              | 19,6                    |
| Outros            | 93               | 111                | 19,9                    |
| Outras lavouras   |                  |                    |                         |
| Banana            | 1 386            | 1 413              | 2,0                     |
| Cacau             | 137              | 134                | -2,0                    |
| Coco (mil frutos) | 566              | 607                | 7,3                     |
| Mandioca          | 4 666            | 4 609              | -1,2                    |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2008.

**Tabela 2.12 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |       |        |        |
|-----------------------------|--------------|-------|--------|--------|
|                             | Bahia        |       | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008  | Var. % | Var. % |
| Total                       | 7 409        | 8 699 | 17,4   | 23,2   |
| Básicos                     | 1 091        | 1 484 | 36,1   | 41,5   |
| Industrializados            | 6 318        | 7 215 | 14,2   | 13,3   |
| Semimanufaturados           | 2 000        | 2 855 | 42,8   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 4 319        | 4 360 | 1,0    | 10,4   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil totalizou R\$40,3 bilhões em novembro, equivalendo a 3,7% das operações registradas no país. O aumento de 34,2% assinalado em relação a novembro de 2007 traduziu expansões de 29,2% no segmento de pessoas físicas e de 37,4% no relativo a pessoas jurídicas, enquanto o crescimento de 11,4% registrado em relação a agosto refletiu elevações respectivas de 5,1% e 15,5% nos segmentos mencionados. A intensificação, no trimestre, da divergência entre as taxas de crescimento em cada segmento esteve associada tanto à redução de 5,9% no estoque das operações destinadas a financiamento de veículos automotores, quanto ao aumento da demanda por crédito por empresas no ambiente de menor liquidez nos canais externos.

A produção de grãos totalizou 6,5 milhões de toneladas na Bahia, em 2008, elevando-se 16% em relação ao ano anterior, de acordo com o LSPA do IBGE de dezembro. Esse total, equivalente a 48% da produção nordestina, incorpora aumentos nas produções de soja, 19,6%; milho, 18,8%; e algodão herbáceo, 5,7%, resultados associados às condições climáticas adequadas, à evolução dos preços e ao aumento da demanda.

A balança comercial baiana acumulou superávit de US\$2,2 bilhões em 2008, 10,8% superior ao registrado em 2007. Esse resultado traduziu crescimentos de 17,4% nas exportações e de 19,8% nas importações, que totalizaram US\$8,7 bilhões e US\$6,5 bilhões, respectivamente.

As vendas externas de produtos básicos registraram aumento de 36,1%, com destaque para o crescimento de 121,1% nos embarques de soja, influenciado pela evolução do preço da *commodity*. Os produtos industrializados, que representaram 82,9% das exportações do período, assinalaram aumento de 14,2%, com ênfase no crescimento dos semimanufaturados, 42,8%, especialmente óleo de soja em bruto, 742,8%; ferroligas, 158%; pasta química de madeira, 75%; e ouro, 58,4%. Os principais mercados de destino foram EUA, Holanda, Argentina, Alemanha e China, que absorveram, em conjunto, 59% das exportações do estado. O IHH, considerados os trinta principais mercados de destino, cresceu 8,5% no período, indicando aumento da concentração das exportações baianas por países de destino.

**Tabela 2.13 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação   | US\$ milhões |       |        |        |
|-----------------|--------------|-------|--------|--------|
|                 | Bahia        |       | Brasil |        |
|                 | 2007         | 2008  | Var. % | Var. % |
| Total           | 5 431        | 6 507 | 19,8   | 43,6   |
| Bens de capital | 1 095        | 790   | -27,9  | 43,0   |
| Matérias-primas | 3 414        | 4 250 | 24,5   | 40,2   |
| Bens de consumo | 669          | 841   | 25,8   | 40,5   |
| Duráveis        | 619          | 776   | 25,3   | 54,0   |
| Não duráveis    | 49           | 65    | 32,0   | 26,2   |
| Combustíveis    | 254          | 626   | 146,9  | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 2.14 – Evolução do emprego formal – Bahia**

Novos postos de trabalho

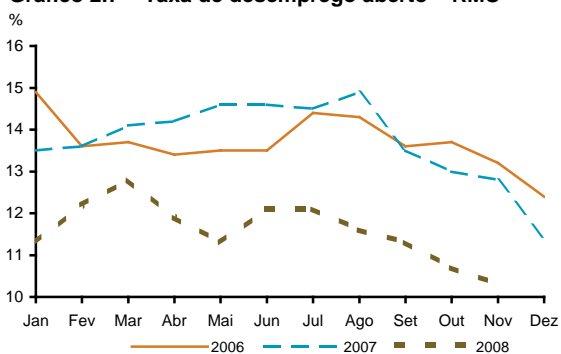
| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |       |
|-----------------------------|---|------|------|------|-------|
|                             | 2007  |      | 2008 |      |       |
|                             | Nov   | Fev  | Mai  | Ago  | Nov   |
| Total                       | 13,2  | -0,4 | 36,2 | 17,9 | -1,5  |
| Ind. de transformação       | 2,4   | -1,0 | 6,7  | 2,5  | -2,1  |
| Comércio                    | 6,6   | 2,3  | 1,9  | 3,7  | 7,4   |
| Serviços                    | 8,2   | -0,6 | 9,4  | 6,7  | 6,1   |
| Construção civil            | 1,5   | 1,7  | 9,1  | -1,1 | -2,9  |
| Agropecuária                | -5,9  | -3,2 | 8,6  | 5,5  | -10,1 |
| Serv. ind. de util. pública | 0,0   | -0,1 | 0,0  | 0,2  | -0,4  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,3   | 0,4  | 0,3  | 0,3  | 0,5   |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 2.7 – Taxa de desemprego aberto – RMS**



Fonte: IBGE

O desempenho das importações em 2008 refletiu a ocorrência de aumentos nas aquisições em todas as categorias de uso, excetuando-se o recuo de 27,9% assinalado nas compras de bens de capital, consistente com a conclusão dos investimentos em ampliação de plantas industriais no estado. As aquisições de matérias-primas, que representaram 65,3% das importações baianas, cresceram 24,5% no ano, com destaque para fertilizantes, 128,8%; trigo, 32%; e nafta, 31,6%. As compras de bens de consumo aumentaram 25,8%, impulsionadas pela expansão de 26,8% nas relativas a automóveis de passageiros, enquanto as referentes a combustíveis e lubrificantes aumentaram 146,9%. O IHH, considerados os trinta principais mercados fornecedores, recuou 7,8%, indicando desconcentração das importações por países fornecedores.

A economia baiana gerou, de acordo com dados do Caged/MTE, 56,1 mil empregos formais nos onze primeiros meses do ano, resultado 10,4% inferior ao registrado em igual período de 2007, dos quais 21 mil no setor de serviços e 13,9 mil no comércio. Ressaltem-se, no período, as reduções assinaladas nas contratações relativas aos segmentos construção civil, 31,2%, e agricultura, 24,3%.

A análise da evolução do mercado de trabalho formal do estado no trimestre encerrado em novembro evidencia o arrefecimento recente da atividade econômica, expresso na eliminação de 1,5 mil postos de trabalho no período, ante a criação de 13,2 mil vagas em igual período de 2007. As maiores retrações ocorreram na agricultura, 10,1 mil; na construção civil, 2,9 mil, evidenciando alterações nos planos de investimentos do setor; e na indústria de transformação, 2,1 mil. Em sentido inverso, registraram-se criações respectivas de 7,4 mil e 6,1 mil empregos no comércio e no setor de serviços. O nível do emprego formal, considerando-se dados dessazonalizados, aumentou 0,66% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto.

A taxa média de desemprego na região metropolitana de Salvador (RMS) situou-se, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, em 10,8% no trimestre finalizado em novembro, ante 12,8% em igual período de 2007, menor nível desde o início da pesquisa, em março de 2002. O declínio trimestral da taxa refletiu aumento de 0,7% da população ocupada e decréscimo de 1,9% da População Economicamente Ativa (PEA). Considerando-se dados dessazonalizados, a taxa de desemprego recuou 0,6 p.p. em relação ao trimestre encerrado em agosto, resultado de aumentos de 1,3% na ocupação e de 0,7% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido

na RMS no trimestre finalizado em novembro aumentou 4,9% em relação ao trimestre encerrado em agosto e 10,4% comparativamente a igual período de 2007, superando, nas duas bases, as expansões registradas em âmbito nacional.

A inflação na RMS, considerada a variação do IPCA, atingiu 5,15% em 2008, ante 6,07% no ano anterior, representando a menor elevação entre as onze regiões abrangidas pelo IPCA do IBGE. A desaceleração anual refletiu igual movimento nos preços monitorados, que, favorecidos, em especial, pelo recuo de 16,59% na tarifa de energia elétrica, cresceram 0,59%, ante 6,23% em 2007, contrastando com o aumento de 0,82 p.p., para 6,86%, nos preços livres, que seguiram pressionados pelos aumentos nos grupos alimentação e bebidas, 11,29%, e despesas pessoais, 6,74%.

A evolução do IPCA atingiu 0,97% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,38% naquele finalizado em setembro, resultado de acelerações nas variações dos preços livres, de 0,52% para 1,31%, e dos monitorados, de -0,02% para 0,04%. A maior elevação dos preços livres traduziu, em especial, o aumento de 1,33% nos preços do grupo alimentação e bebidas, que haviam recuado 0,24% no trimestre encerrado em setembro, com ênfase nas expansões dos preços de tomate, 113,1%; carne-seca, 10,93%; e pão francês, 2,42%. O desempenho dos preços monitorados refletiu a elevação de 1,55% nos preços de planos de saúde, contrabalançada, em parte, por reduções nos preços da gasolina, 3,65%, e da energia elétrica residencial, 0,85%.

O dinamismo apresentado pela economia baiana durante os três primeiros trimestres do ano ancora a projeção de crescimento anual de 4,8% para o PIB do estado, realizada pela Sei. O ambiente de incertezas associado ao agravamento da crise experimentada pela economia mundial afetou, no entanto, a evolução recente da atividade econômica do estado, com desdobramentos negativos sobre o mercado de trabalho, processo consistente com o ambiente de deterioração nos níveis de confiança dos empresários e dos consumidores, restrições de crédito, e recuos da demanda global e dos preços de *commodities*. Essa trajetória de arrefecimento, observada, em especial, na indústria e no comércio, poderá ser atenuada, nos próximos meses, pelos efeitos de medidas governamentais visando à ampliação da liquidez e pela continuidade das transferências de renda inerentes aos programas sociais do governo federal implementados no estado.

**Tabela 2.15 – IPCA – Salvador**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 6,07       | 0,38    | 0,97   | 5,15  |
| Livres               | 74,0                | 6,04       | 0,52    | 1,31   | 6,86  |
| Comercializáveis     | 40,2                | 4,32       | 0,55    | 1,62   | 5,79  |
| Não comercializáveis | 33,8                | 8,13       | 0,51    | 0,94   | 8,16  |
| Monitorados          | 26,0                | 6,23       | -0,02   | 0,04   | 0,59  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 25,0                | 11,63      | -0,24   | 1,33   | 11,29 |
| Habitação            | 10,4                | 6,88       | 0,49    | 1,49   | 0,64  |
| Art.residência       | 4,1                 | -2,52      | 1,22    | 1,88   | 0,03  |
| Vestuário            | 8,2                 | 3,74       | -0,21   | 2,68   | 4,52  |
| Transportes          | 18,4                | 6,72       | 0,31    | -0,77  | 1,65  |
| Saúde                | 12,6                | 3,86       | 1,23    | 1,71   | 5,71  |
| Desp. pessoais       | 9,2                 | 6,33       | 1,28    | 1,54   | 6,74  |
| Educação             | 6,6                 | 3,64       | 0,37    | -0,13  | 5,98  |
| Comunicação          | 5,6                 | -1,07      | 0,16    | -0,17  | 0,11  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

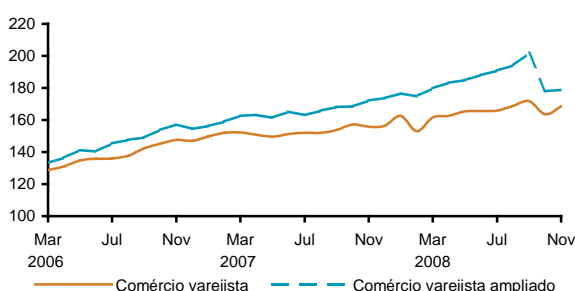


## Ceará

O nível de atividade da economia cearense, que se manteve em patamar elevado no decorrer de 2008, apresentou perda de dinamismo no último trimestre do ano. Nesse sentido, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará (Ipece), o PIB do estado, após registrar crescimento de 6% nos três primeiros trimestres do ano, em relação a igual período de 2007, deverá acumular expansão anual de 5,4%, evolução associada, em especial, ao desempenho da agropecuária, da construção civil, do comércio varejista e das atividades voltadas ao turismo. A desaceleração projetada para o último trimestre, antecipada pelo arrefecimento registrado nas vendas varejistas, em especial de veículos, em outubro e novembro, e pela redução no ritmo de geração de empregos formais, constitui-se em movimento compatível com a deterioração do cenário econômico mundial observada após o agravamento da crise nos sistemas financeiros internacionais.

**Gráfico 2.8 – Comércio varejista – Ceará**

Dados dessazonalizados  
2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.16 – Índice de vendas no varejo – Ceará**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % acumulada em 12 meses |        |       |
|-------------------------------|----------------------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal                  | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 11,7                             | 7,9    | 3,5   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 16,7                             | 17,5   | -0,6  |
| Hiper, supermercados          | 12,5                             | 0,9    | 11,6  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 8,3                              | 4,2    | 4,0   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 6,5                              | 10,1   | -3,3  |
| Comércio varejista ampliado   | 17,3                             | 12,3   | 4,4   |
| Automóveis e motocicletas     | 25,8                             | 20,8   | 4,2   |
| Material de construção        | 29,8                             | 18,1   | 9,9   |

Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista cearense cresceram 0,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevaram 2,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE, ressaltando-se, no período, as retrações nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 8,9%, e de combustíveis e lubrificantes, 6%. Incorporadas as reduções de 13,8% nas vendas de materiais de construção e de 1,2% nas relativas a veículos, as vendas varejistas apresentaram recuo trimestral de 2,5% no conceito ampliado, ressaltando-se que o desempenho das vendas de veículos esteve associado ao expressivo aumento mensal de 12% registrado pelo setor em setembro, contrastando com o recuo de 8,9% observado entre as médias das vendas relativas ao bimestre encerrado em novembro e ao trimestre finalizado em agosto.

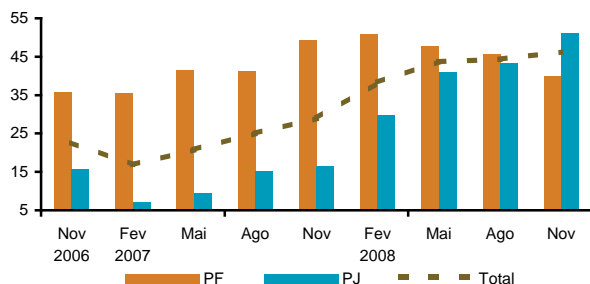
A atividade varejista cresceu 7,9% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, com ênfase nos crescimentos dos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 46,7%; combustíveis e lubrificantes, 17,5%; e livros, jornais, revistas e papelaria, 14,5%. No conceito ampliado, a expansão alcançou 12,3% no período, refletindo aumentos de 20,8% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de 18,1% nas associadas a materiais de construção.

O exame da evolução recente das vendas varejistas no estado revela que os segmentos nos quais ocorreram

resultados menos favoráveis foram aqueles que envolvem bens de maior valor agregado, cujas vendas mostram-se mais sensíveis às restrições de crédito; enquanto aquelas apoiadas, em parte, pelos programas federais de transferência de renda ao estado apresentaram relativa resiliência. Nesse sentido, o aumento de 46,2% observado no saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil em dezembro, em relação a igual mês de 2007, ante, na mesma base de comparação, 44,3% em agosto, esteve associado a expansões nas operações contratadas no segmento de pessoas jurídicas, 51%, e no relativo a pessoas físicas, 40%.

**Gráfico 2.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %

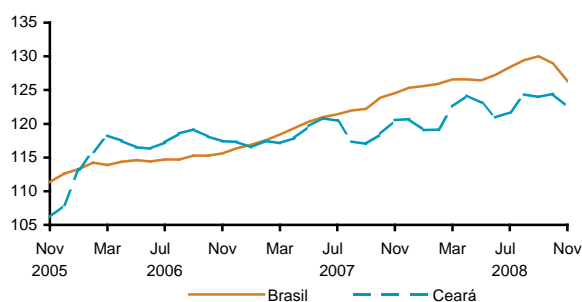


1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Gráfico 2.10 – Produção industrial**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.17 – Produção industrial – Ceará**

Geral e setores selecionados

| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |         |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|---------|
|                             |                     | 2008                  |                   |         |
|                             |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. ano |
| Indústria geral             | 100,0               | 1,0                   | -1,5              | 3,0     |
| Alimentação e bebidas       | 31,3                | 6,3                   | -5,6              | 12,4    |
| Têxtil                      | 21,9                | -5,7                  | 2,2               | -6,4    |
| Calçados e art. de couro    | 16,6                | -0,1                  | -7,4              | -3,4    |
| Química                     | 8,0                 | 18,1                  | 8,3               | 17,1    |
| Refino de petróleo e álcool | 5,3                 | 23,7                  | 10,0              | -17,0   |
| Vestuário e acessórios      | 5,2                 | 1,5                   | 6,7               | 4,4     |
| Minerais não metálicos      | 4,6                 | -19,0                 | 17,6              | 0,6     |
| Máquinas e mat. elétricos   | 3,3                 | -15,4                 | 1,9               | -2,7    |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Esse comportamento, que traduz tanto o aumento da demanda por crédito das empresas no mercado interno face às restrições em outras fontes de financiamento, quanto a maior cautela dos consumidores em comprometer renda futura na nova conjuntura econômica, é ratificado pela evolução do crédito na margem. Dessa forma, o aumento de 10,1% registrado no saldo das operações de crédito no estado no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando a expansão atingira 9,1%, traduziu elevações respectivas de 11,8% e 7,9% nos segmentos de pessoas jurídicas e pessoas físicas, ante, na mesma ordem, aumentos de 9,6% e 8,4% em agosto.

A produção industrial cearense cresceu 3,4% no período de doze meses finalizado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, de acordo com a PIM-PF do IBGE. Dos onze segmentos pesquisados, cinco registraram expansões no período, destacando-se o aumento de 10,9% no setor alimentação e bebidas, que detém a maior participação na estrutura fabril do estado. Na margem, a produção da indústria de transformação cearense recuou 0,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,1%, evidenciando os desempenhos negativos assinalados nos setores alimentação e bebidas e calçados, que representam, em conjunto, cerca de 48% da indústria estadual.

O faturamento real da indústria de transformação cearense, considerado como deflator o Índice de Preços por Atacado (IPA) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), registrou expansão de 8% no período de doze meses finalizado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, de acordo com dados do Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), registrando-se expansões em cinco dos sete segmentos pesquisados. Na mesma base de comparação, o pessoal empregado, o número de horas trabalhadas e a remuneração real experimentaram expansões respectivas de 7,8%, 4,7%

**Tabela 2.18 – Produção agrícola – Ceará**

Itens selecionados

| Discriminação                   | Em mil toneladas |                    |            |
|---------------------------------|------------------|--------------------|------------|
|                                 | Produção         |                    | Variação % |
|                                 | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> | 2008/2007  |
| Grãos                           | 575              | 1 127              | 96,1       |
| Caroço de algodão <sup>2/</sup> | 3                | 3                  | 4,3        |
| Arroz (em casca)                | 72               | 98                 | 36,7       |
| Feijão                          | 130              | 253                | 95,1       |
| Mamona                          | 1                | 8                  | 467,9      |
| Milho                           | 359              | 753                | 109,9      |
| Sorgo                           | 10               | 11                 | 13,9       |
| Outras lavouras                 |                  |                    |            |
| Abacaxi (mil frutos)            | 84 111           | 100 865            | 19,9       |
| Banana                          | 385              | 423                | 9,7        |
| Cana-de-açúcar                  | 2 251            | 2 271              | 0,9        |
| Castanha-de-caju                | 53               | 121                | 126,6      |
| Coco-da-baía (mil frutos)       | 210 514          | 253 972            | 20,6       |
| Mandioca                        | 769              | 916                | 19,0       |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

2/ Corresponde a 67% do peso do algodão herbáceo.

**Tabela 2.19 – Prognóstico agrícola – Ceará**

Itens selecionados

| Discriminação                   | Em mil toneladas |                    |            |
|---------------------------------|------------------|--------------------|------------|
|                                 | Produção         |                    | Variação % |
|                                 | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> | 2009/2008  |
| Grãos                           | 1 133            | 891                | -21,4      |
| Caroço de algodão <sup>2/</sup> | 2                | 2                  | -0,9       |
| Amendoim                        | 1                | 1                  | 1,2        |
| Arroz (em casca)                | 100              | 92                 | -8,3       |
| Feijão                          | 253              | 252                | -0,4       |
| Mamona                          | 11               | 16                 | 43,9       |
| Milho                           | 753              | 515                | -31,5      |
| Sorgo                           | 12               | 11                 | -4,3       |

Fonte: CONAB

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

2/ Corresponde a 67% do peso do algodão herbáceo.

**Tabela 2.20 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação                  | US\$ milhões |       |        |        |
|--------------------------------|--------------|-------|--------|--------|
|                                | Ceará        |       | Brasil |        |
|                                | 2007         | 2008  | Var. % | Var. % |
| Total                          | 1 148        | 1 277 | 11,2   | 23,2   |
| Básicos                        | 316          | 339   | 7,2    | 41,5   |
| Industrializados <sup>1/</sup> | 832          | 938   | 12,7   | 14,5   |
| Semimanufaturados              | 206          | 258   | 25,4   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup>    | 626          | 679   | 8,5    | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

e 3,2%. O Nuci atingiu 87,8% no trimestre encerrado em novembro, ante 88,4% no mesmo período de 2007.

A atividade agrícola cearense registrou crescimento de 96,1% da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2008, relativamente a 2007, traduzindo, em especial, os aumentos nas colheitas de milho, 109,9%, e feijão, 95,1%, principais grãos do estado. Adicionalmente, destaquem-se os crescimentos na produção de castanha-de-caju, 126,6%, e coco-da-baía, 20,6%. Vale mencionar que, em 2007, a produção do estado enfrentou seca severa, o que explica, em parte, os crescimentos relativos elevados em 2008.

O terceiro Levantamento de Intenção de Plantio da Safra de Grãos 2009, divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), em dezembro, indica que a produção de grãos do estado deverá recuar 21,4% no ano, com destaque para a expectativa de redução de 31,5% na safra de milho, evidenciando o desestímulo ao seu plantio derivado da conjunção de cotações deprimidas, a partir do segundo semestre de 2008, e o aumento nos preços dos insumos. A cultura de mamona deverá crescer 43,9% em 2009.

O déficit da balança comercial do Ceará atingiu US\$282 milhões em 2008, elevando-se 9,1% em relação ao ano anterior, segundo dados do MDIC, aumento associado às elevações respectivas de 11,2% e 10,8% registradas nas exportações e nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$1,3 bilhão e US\$1,6 bilhão. Ressalte-se a reversão na evolução das vendas externas do estado no último trimestre do ano, que recuaram 0,6% em relação a igual período de 2007, comparativamente à elevação de 15,6% nos nove primeiros meses do ano; assim como o desempenho das compras externas, que, após se elevarem 22,5% nessa base de comparação, decresceram 13,5% no último trimestre de 2008.

Consideradas por fator agregado, as exportações apresentaram elevação generalizada em 2008, com ênfase na expansão de 25,4% nas vendas de semimanufaturados, principal categoria da pauta, estimulada pelo aumento de 29,5% nas vendas de couros e peles. Os embarques de produtos básicos, favorecidos pelo aumento de 104,3% nas vendas de melões frescos, e os relativos a manufaturados, impulsionados pelo crescimento de 28,4% nas vendas de calçados de borracha, registraram elevações respectivas de 7,2% e 8,5% no ano.

Os EUA mantiveram-se como principal mercado, adquirindo 24,5% das exportações cearenses, ante 27,9% em 2007, seguindo-se a Argentina, 9,3%, com retração de 0,9 p.p.

Ressaltem-se, ainda, os aumentos dos embarques para Reino Unido, 62%, e Holanda, 48,7%, terceiro e quinto maiores compradores externos do estado, respectivamente. O IHH, considerados os trinta principais mercados, diminuiu 13,6% em relação ao de 2007, evidenciando redução da concentração das exportações do estado.

**Tabela 2.21 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |       |        |        |
|-----------------------|--------------|-------|--------|--------|
|                       | Ceará        |       |        | Brasil |
|                       | 2007         | 2008  | Var. % | Var. % |
| Total                 | 1 407        | 1 559 | 10,8   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 63           | 86    | 36,4   | 40,5   |
| Duráveis              | 44           | 46    | 4,3    | 54,0   |
| Não duráveis          | 20           | 41    | 108,3  | 26,2   |
| Bens intermediários   | 695          | 1 069 | 53,8   | 40,2   |
| Bens de capital       | 171          | 360   | 111,1  | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 477          | 43    | -91,0  | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

A evolução anual das importações refletiu elevações nas aquisições de bens de capital, 111,1%; bens intermediários, 53,8%; e bens de consumo, 36,4%, essas traduzindo o aumento de 108,3% nas compras de bens não duráveis, em especial produtos farmacêuticos, que quintuplicaram no período. Em sentido oposto, as importações de combustíveis e lubrificantes recuaram 91%, registrando-se retração de 85,5% nas relativas a querosenes para aviação. As maiores contribuições individuais para o crescimento anual das importações cearenses em 2008 originaram-se das elevações de 292,7% nas aquisições de equipamentos geradores de energia eólica, representando 6,9% das compras do estado; e de 46,3% nas relativas a trigo, principal produto da pauta, em linha com a demanda dos moinhos do estado.

As importações provenientes da China representaram 21,4% das aquisições do estado, seguindo-se as participações dos EUA, 11%; Argentina, 10,8%; e Índia, 10%. O IHH, considerados os trinta principais mercados de origem, aumentou 16,6% no ano, evidenciando maior concentração das importações do estado.

**Tabela 2.22 – Evolução do emprego formal – Ceará**  
Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |      |
|-----------------------------|---|------|------|------|------|
|                             | 2007  |      | 2008 |      |      |
|                             | Nov   | Fev  | Mai  | Ago  | Nov  |
| Total                       | 21,2  | -8,3 | 7,4  | 30,1 | 16,1 |
| Extrativa                   | 0   | 0    | 0,1  | 0    | 0,1  |
| Ind. de transformação       | 7,8   | -3,6 | 1,2  | 10,0 | 2,8  |
| Serv. ind. de util. pública | 0   | 0,4  | 0,2  | 0    | -0,2 |
| Construção civil            | 1,5   | 0,5  | 1,2  | 5,1  | -1,5 |
| Comércio                    | 5,6   | 0,9  | 0,8  | 3,2  | 6,8  |
| Serviços                    | 3,9   | -1,9 | 4,6  | 5,8  | 5,2  |
| Agropecuária                | 1,4   | -4,6 | -0,6 | 4,6  | 2,6  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

A economia cearense gerou, de acordo com dados do Caged/MTE, 47,2 mil empregos formais nos onze primeiros meses de 2008, volume 13,6% superior ao registrado em igual período do ano anterior. O arrefecimento do nível de atividade da economia do estado traduziu-se em redução do dinamismo do mercado de trabalho, evidenciado na retração de 24% no número de postos formais criados no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2007, movimento influenciado pelos recuos registrados nas atividades construção civil, 198%, e indústria de transformação, 64%. O nível de emprego formal no Ceará, considerados dados dessazonalizados, decresceu 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, resultado de expansões nas oito atividades pesquisadas, com ênfase no crescimento de 1,9% na construção civil.

O IPCA da região metropolitana de Fortaleza cresceu 6,27% em 2008, ante 4,18% no ano anterior. Essa variação, superior às assinaladas na região e no país, refletiu a ocorrência de aceleração tanto nos preços livres, de 5,75%

**Tabela 2.23 – IPCA – Fortaleza**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        | Ano   |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri |       |
| IPCA                 | 100,0               | 4,18       | 1,36    | 1,17   | 6,27  |
| Livres               | 71,1                | 5,75       | 1,14    | 1,58   | 7,32  |
| Comercializáveis     | 38,9                | 4,71       | 1,16    | 1,50   | 7,22  |
| Não comercializáveis | 32,2                | 7,06       | 1,11    | 1,68   | 7,46  |
| Monitorados          | 28,9                | 0,56       | 1,87    | 0,19   | 3,76  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 25,2                | 10,71      | -0,21   | 2,29   | 10,49 |
| Habitação            | 13,8                | 0,10       | 2,39    | 1,29   | 6,82  |
| Art.residência       | 3,6                 | -2,61      | -0,21   | 0,73   | 0,07  |
| Vestuário            | 7,3                 | 3,60       | 3,11    | 3,84   | 6,66  |
| Transportes          | 17,1                | 0,41       | 2,23    | -0,94  | 2,23  |
| Saúde                | 12,3                | 4,51       | 1,32    | 0,88   | 5,81  |
| Desp. pessoais       | 8,3                 | 5,90       | 2,45    | 1,68   | 7,39  |
| Educação             | 6,6                 | 4,99       | 1,33    | 0,15   | 6,97  |
| Comunicação          | 5,8                 | 1,86       | 0,66    | 0,51   | 2,02  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

para 7,32%, quanto nos preços monitorados, de 0,56% para 3,76%. No primeiro segmento, o aumento de 10,49% no grupo alimentação e bebidas constituiu-se na principal fonte de pressão inflacionária no ano, responsável por 40% da variação do índice, enquanto o desempenho dos preços monitorados esteve associado ao impacto dos aumentos na tarifa de energia elétrica, 6,68%, e nos planos de saúde, 7,05%, atenuado, em parte, pelo recuo de 4,08% no preço da gasolina.

A variação do IPCA atingiu 1,17% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,36% naquele finalizado em setembro, registrando-se, no período, aceleração de 1,14% para 1,58% nos preços livres e arrefecimento, de 1,87% para 0,19%, nos monitorados, segmento onde ocorreu redução de 0,94% no grupo transportes, em linha com os recuos observados nos itens álcool, 10,67%, e gasolina, 4,83%. O desempenho dos preços livres esteve associado ao comportamento dos preços dos alimentos, que, após recuarem 0,21% no trimestre finalizado em setembro, aumentaram 2,29%, impulsionados pelas expansões assinaladas nos itens carnes, 11,92%, e alimentação fora do domicílio, 3,32%, responsáveis, em conjunto, por 0,54 p.p. da inflação registrada no período.

A evolução da economia cearense nos próximos meses estará condicionada, a exemplo da trajetória projetada para o país, aos desdobramentos da crise que se propagou de forma generalizada sobre as economias maduras e emergentes. Embora as principais atividades da região já traduzam os impactos desse novo ambiente, expresso em restrições de crédito e deterioração de expectativas, a economia do estado poderá se beneficiar dos efeitos favoráveis sobre o mercado interno relacionados à continuidade dos desembolsos previstos no âmbito do PAC e do processo de transferência de renda associado aos programas sociais do governo federal implementados no estado.

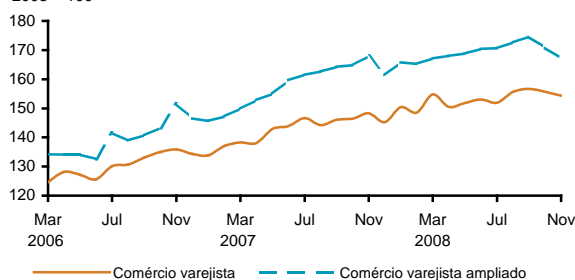
## Pernambuco

O PIB de Pernambuco aumentou 6,6% no período de doze meses encerrado em setembro, de acordo com a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco (Condepe/Fidem), resultado de crescimentos na agropecuária, 12,9%; indústria, 8,2%; e serviços, 5,6%. A agência, considerando os desempenhos favoráveis de setores relevantes na estrutura da economia estadual, em especial construção civil e comércio, estima, adicionalmente, expansão anual de 7% para o agregado em 2008.

**Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Pernambuco**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.24 – Índice de vendas no varejo – Pernambuco**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % acumulada em 12 meses |        |       |
|-------------------------------|----------------------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal                  | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 14,9                             | 7,8    | 6,6   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 9,6                              | 8,8    | 0,7   |
| Hiper, supermercados          | 23,4                             | 8,8    | 13,4  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 3,5                              | -1,6   | 5,1   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 12,0                             | 14,9   | -2,5  |
| Comércio varejista ampliado   | 14,6                             | 7,8    | 6,3   |
| Automóveis e motocicletas     | 12,3                             | 6,8    | 5,2   |
| Material de construção        | 23,7                             | 13,6   | 8,9   |

Fonte: IBGE

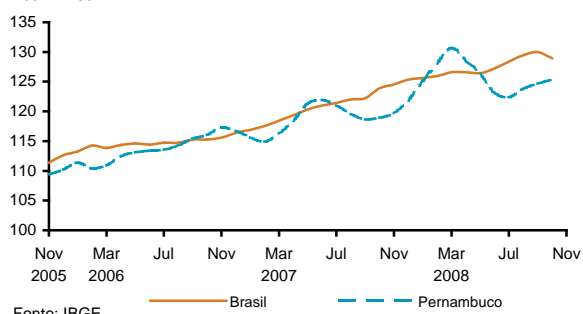
As vendas varejistas acumuladas em doze meses cresceram 7,8% em novembro, em relação a igual período de 2007, segundo a PMC do IBGE, ante 8,6% em agosto, na mesma base de comparação. O desempenho favorável do setor refletiu tanto o aumento de 8,8% registrado nas vendas do segmento hipermercado, supermercado, produtos alimentícios, bebidas e fumo, responsável por 3,9 p.p. da variação do índice geral, quanto as expansões respectivas de 15% e 13,1% experimentadas pelas vendas de móveis e eletrodomésticos, e artigos de uso pessoal e doméstico. As vendas varejistas no conceito ampliado apresentaram arrefecimento mais acentuado, expresso em expansões respectivas de 7,8% e 10,5% nos períodos considerados. Esse movimento, traduzindo, em especial, as restrições no mercado de crédito, refletiu o menor dinamismo das vendas de veículos e peças, que se elevaram 6,8% no período de doze meses encerrado em novembro, ante 14,2% em agosto, enquanto no segmento material de construção registraram-se expansões respectivas de 13,6% e 12,5%, nos mesmos períodos.

A análise na margem, em oposição à tendência observada no país, revela aumento do dinamismo do comércio varejista em Pernambuco, que registrou taxa de crescimento de 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando foi observada expansão de 0,8%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A aceleração assinalada no período traduziu o impacto mais acentuado das expansões das vendas nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 4%; hipermercado, supermercado, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 3,4%; e combustíveis e lubrificantes, 0,9%, em relação ao proporcionado pela retração de 6,6% nas relativas a tecidos, vestuários e calçados. Considerados o decréscimo de 4,7% observado nas vendas de veículos, motos, partes e peças e a expansão de 1,9% nas referentes a material de construção, o comércio varejista ampliado recuou 0,2% no trimestre encerrado em novembro, ante a expansão de 2%

naquele finalizado em agosto, quando as vendas dos dois segmentos mencionados registraram aumentos respectivos de 1,2% e 4,6%.

**Gráfico 2.12 – Produção industrial**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.25 – Produção industrial – Pernambuco**

Geral e setores selecionados

| Setores                        | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % no período |                   |                |
|--------------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------|----------------|
|                                |                          | 2008                  |                   |                |
|                                |                          | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Acum. 12 meses |
| Indústria geral                | 100,0                    | -1,9                  | 0,1               | 5,6            |
| Alimentação e bebidas          | 38,0                     | -5,7                  | 7,1               | 5,5            |
| Química                        | 14,7                     | 0,0                   | -3,2              | 5,2            |
| Metalurgia básica              | 14,4                     | 3,6                   | -1,1              | 8,1            |
| Minerais não-metálicos         | 7,2                      | 2,4                   | 4,4               | 3,3            |
| Produtos de metal              | 6,3                      | 29,5                  | -29,3             | 2,1            |
| Máq., aparel. e mat. elétricos | 5,5                      | -9,1                  | -4,7              | 0,9            |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A produção industrial acumulada em doze meses aumentou 5,6% em novembro, em relação a igual período de 2007, segundo a PIM-PF do IBGE, resultado 2,5 p.p. superior ao observado no Nordeste. O desempenho da indústria pernambucana nesse período esteve associado, em especial, ao dinamismo do setor sucroalcooleiro, que cresceu 56,6%, seguindo-se as expansões registradas nos segmentos metalurgia básica, 8,1%, e alimentos e bebidas, 5,5%.

A indústria do estado apresentou estabilidade da produção na margem, tendo registrado crescimento de 0,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia recuado 1,9%, na mesma base de comparação. Essa reversão refletiu a ocorrência de aumentos nas produções dos segmentos alimentação e bebidas, 7,1%, e minerais não metálicos, 4,4%, neutralizados, em parte, pela retração de 29,3% observada no setor produtos de metal. O Nuci do estado cresceu 3,1 p.p. no trimestre, para 76%, de acordo com dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe).

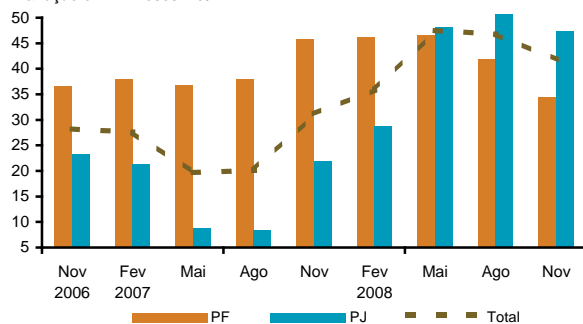
Estimativas do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco (Sindaúcar) revelam que o setor sucroalcooleiro deverá seguir registrando desempenho favorável na safra 2008/2009, iniciada em setembro. A moagem de cana aumentou 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao mesmo período do ano anterior, resultado que, associado à retração de 6,3% registrada na produção de açúcar, contribuiu para a elevação de 22,3% experimentada pela produção de álcool, no período.

Ressalte-se que, contrastando com o desempenho dos indicadores da indústria e do comércio, o Índice de Confiança do Empresariado Industrial (Icei) atingiu 55,5 pontos em outubro, menor nível da série iniciada no primeiro trimestre de 2005, de acordo com os dados da Fiepe dessazonalizados pelo Banco Central do Brasil (BCB).

O volume de crédito concedido no estado, consideradas operações superiores a R\$5 mil, manteve, em novembro, o dinamismo assinalado no decorrer do ano, mesmo incorporando o impacto do novo ambiente econômico sobre a evolução das operações destinadas a aquisições de veículos. Foram registrados, no mês, aumentos de 11,9% em relação a agosto, resultantes de expansões de 16,9% nos empréstimos a pessoas jurídicas e de 5,5% nos

**Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.26 – Desembolsos BNDES e BNB<sup>1/</sup>**

| Discriminação | Variação % acumulada em 12 meses |       |      |             |          |
|---------------|----------------------------------|-------|------|-------------|----------|
|               | 2006                             | 2007  | 2008 | R\$ milhões |          |
|               |                                  |       |      | 2008        | Part (%) |
| <b>BNDES</b>  |                                  |       |      |             |          |
| Pernambuco    | -19,6                            | 119,2 | 39,4 | 1 630       | 22,1     |
| Nordeste      | 27,2                             | 10,0  | 29,9 | 7 359       | 100      |
| <b>BNB</b>    |                                  |       |      |             |          |
| Pernambuco    | 24,5                             | -20,5 | 27,7 | 405         | 11,3     |
| Nordeste      | 20,9                             | 4,4   | 7,3  | 3 587       | 100,0    |
| <b>Total</b>  |                                  |       |      |             |          |
| Pernambuco    | -7,2                             | 66,4  | 37,0 | 2 036       | 18,6     |
| Nordeste      | 24,6                             | 7,8   | 21,5 | 10 947      | 100,0    |

Fontes: BNDES e BNB

1/ Posições de novembro.

contratados no segmento de pessoas físicas, e de 41,8% ante novembro de 2007, refletindo elevações respectivas de 47,4% e 34,5% nos segmentos mencionados.

Os desembolsos destinados ao financiamento de projetos de investimento no estado aumentaram 37% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, dos quais 31 p.p. relativos a desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e 6 p.p. aos realizados pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A. (BNB). A participação de Pernambuco nos desembolsos da região, que aumentaram 21,5% no período, alcançou 18,6%, ante 16,5% em novembro de 2007.

De acordo com o LSPA de dezembro, a produção agrícola do estado aumentou 3,9% em 2008, com ênfase nos aumentos, na ordem, de 34% e 44% registrados nas safras de feijão e milho primeira safra, favorecidos por elevações de 60% e 42% nas respectivas produtividades médias. A produção de cana-de-açúcar, determinante para o resultado agrícola do estado, cresceu 3,4% no ano, enquanto em relação às demais culturas ressaltou-se o recuo de 4,3% na colheita de uva, que vem se tornando importante produto de exportação.

**Tabela 2.27 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-novembro

| Discriminação               | US\$ milhões |      |        |        |
|-----------------------------|--------------|------|--------|--------|
|                             | Pernambuco   |      | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008 | Var. % | Var. % |
| Total                       | 871          | 938  | 7,7    | 22,7   |
| Básicos                     | 195          | 187  | -3,8   | 41,6   |
| Industrializados            | 676          | 750  | 11,1   | 13,5   |
| Semimanufaturados           | 166          | 181  | 8,9    | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 509          | 569  | 11,8   | 10,7   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O déficit do comércio exterior de Pernambuco atingiu US\$1,5 bilhão em 2008, elevando-se 80% em relação a 2007, resultado de aumentos de 7,7% nas exportações e de 43,3% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$938 milhões e US\$2,5 bilhões. A corrente de comércio expandiu 31% no ano.

As vendas de produtos manufaturados, que aumentaram 11,8% no ano, representando 61% das exportações do estado, estiveram impulsionadas pela expansão de 54% nos embarques de açúcar, item mais relevante da pauta exportadora. As vendas de semimanufaturados cresceram 8,9%, com ênfase no aumento de 34% nas relativas a borracha sintética, enquanto os embarques de produtos básicos recuaram 3,8%, evidenciando a retração de 26% nas exportações de crustáceos. As exportações do estado destinaram-se, em especial, aos Estados Unidos, Argentina e Nigéria, responsáveis, em conjunto, por 37% das vendas anuais. O IHH, considerados os trinta principais mercados de destino, recuou 24% no ano, evidenciando menor concentração das exportações do estado.

O desempenho das importações refletiu a elevação de 34,3% nas aquisições de matérias-primas e bens



**Tabela 2.28 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-novembro

| Discriminação         | US\$ milhões |      |        |        |
|-----------------------|--------------|------|--------|--------|
|                       | Pernambuco   |      | Brasil |        |
|                       | 2007         | 2008 | Var. % | Var. % |
| Total                 | 1719         | 2464 | 43,3   | 43,5   |
| Bens de consumo       | 163          | 223  | 36,6   | 36,9   |
| Duráveis              | 51           | 80   | 56,8   | 44,9   |
| Não duráveis          | 112          | 142  | 27,3   | 28,4   |
| Bens intermediários   | 1147         | 1541 | 34,3   | 37,6   |
| Bens de capital       | 147          | 292  | 98,7   | 50,0   |
| Comb. e lubrificantes | 262          | 408  | 56,1   | 58,4   |

Fonte: MDIC/Secex

intermediários, que, representando 62% das compras externas anuais do estado, evidenciaram as expansões nas compras de malte para produção de cerveja, 89%; farinha de trigo, 35%; e insumos para resina PET, 22,9%. As importações de bens de capital, impulsionadas pelo crescimento de 142% nas compras de maquinaria industrial, aumentaram 98,7% no ano, passando a representar 11,9% da pauta do estado, ante 8,6% em 2007. Adicionalmente, as aquisições de bens de consumo e as relativas a combustíveis e lubrificantes registraram expansões respectivas de 36,6% e 56,1% no ano. As importações do estado originaram-se, em especial, dos Estados Unidos, México e Argentina, responsáveis, em conjunto, por 48,5% das aquisições anuais. O IHH, considerados os trinta principais mercados de origem, recuou 6,9% no ano, evidenciando menor concentração das importações do estado.

**Tabela 2.29 – Evolução do emprego formal – Pernambuco**

Novos postos de trabalho

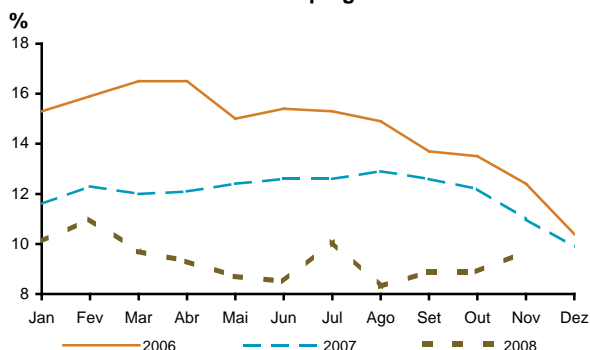
| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |       |      |      |
|-----------------------------|---|------|-------|------|------|
|                             | 2007  |      | 2008  |      |      |
|                             | Nov   | Fev  | Mai   | Ago  | Nov  |
| Total                       | 36,6  | -9,7 | -8,4  | 31,1 | 45,9 |
| Ind. de transformação       | 21,6  | -8,0 | -15,1 | 8,0  | 25,9 |
| Comércio                    | 6,6   | 0,0  | 2,2   | 2,7  | 5,8  |
| Serviços                    | 5,8   | 1,4  | 6,2   | 6,3  | 8,4  |
| Construção civil            | 4,4   | 3,6  | -0,5  | 4,0  | 5,7  |
| Agropecuária                | -1,9  | -6,9 | -1,6  | 9,8  | -0,2 |
| Serv. ind. de util. pública | 0,0   | 0,2  | 0,3   | 0,4  | 0,1  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,0   | 0,0  | 0,1   | 0,0  | 0,2  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Os indicadores do mercado de trabalho formal pernambucano seguem apresentando desempenho favorável, de acordo com estatísticas do Caged do MTE, registrando geração líquida de 45,9 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, ante 36,6 mil em igual trimestre de 2007, resultado de crescimento generalizado em todos os setores, à exceção da agropecuária. De janeiro a novembro, foram gerados 61,2 mil empregos, 26% a mais do que em igual período de 2007, dos quais 22,4 mil no setor de serviços e 12,7 mil na construção civil, que, beneficiada pelas obras no âmbito do PAC e pela construção de novas instalações industriais, se constituiu no segundo maior determinante do dinamismo do mercado de trabalho no ano. O índice de emprego formal, considerados dados dessazonalizados, aumentou 1,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

**Gráfico 2.14 – Taxa de desemprego aberto – Recife**

Fonte: IBGE

A taxa de desemprego da região metropolitana do Recife (RMR) atingiu 9,7% em novembro, segundo a PME do IBGE. O recuo de 1,3 p.p. registrado em relação a igual mês de 2007 refletiu elevações de 1,8% na população ocupada e de 0,4% da PEA. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 10% em novembro, 2,1 p.p. superior à assinalada em agosto, registrando-se, no período, elevação de 2,2% no rendimento médio real recebido habitualmente.

A inflação da RMR, medida pelo IPCA, atingiu 6,98% em 2008, ante 5,45% no ano anterior, refletindo acelerações tanto nos preços livres, de 7,19% para 8,06%, quanto nos monitorados, de 1,52% para 4,34%, ressaltando-se, neste segmento, as expansões nos preços dos itens passagens de ônibus urbano, 9,40%, e gás de botijão,

**Tabela 2.30 – IPCA – Recife**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        | Ano   |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 5,45       | 0,19    | 1,59   | 6,98  |
| Livres               | 71,3                | 7,18       | 0,06    | 2,14   | 8,06  |
| Comercializáveis     | 39,6                | 6,03       | 0,65    | 1,87   | 7,21  |
| Não comercializáveis | 31,7                | 8,64       | -0,65   | 2,48   | 9,15  |
| Monitorados          | 28,7                | 1,51       | 0,51    | 0,23   | 4,34  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 26,4                | 12,68      | -1,41   | 2,14   | 10,82 |
| Habitação            | 12,9                | 1,84       | 0,74    | 1,61   | 6,61  |
| Art.residência       | 4,3                 | 0,01       | -1,39   | 3,74   | 0,82  |
| Vestuário            | 7,6                 | 4,69       | 0,18    | 3,66   | 7,11  |
| Transportes          | 15,7                | 2,24       | 1,53    | -0,58  | 4,48  |
| Saúde                | 12,3                | 5,16       | 1,03    | 1,23   | 5,53  |
| Desp. pessoais       | 8,7                 | 5,95       | 0,53    | 3,64   | 10,23 |
| Educação             | 6,0                 | 5,12       | 0,14    | 0,13   | 5,98  |
| Comunicação          | 6,1                 | -0,26      | 1,58    | 0,20   | 2,31  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

18,56%, que haviam apresentado, na ordem, estabilidade e recuo de 10,51% em 2007.

A variação do IPCA atingiu 1,59% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,19% naquele finalizado em setembro, resultado de aceleração de 0,06% para 2,14% nos preços livres, pressionados pelo comportamento dos grupos alimentação e bebidas, e despesas pessoais, que exerceram contribuições individuais respectivas de 0,57 p.p. e 0,31 p.p. para a variação do indicador no período. Os preços monitorados apresentaram desaceleração de 0,51% para 0,23% no trimestre, ressaltando-se os reajustes da taxa de água e esgoto, 6,12%, e dos planos de saúde, 1,42%, neutralizados, em parte, pelo recuo de 4,60% no preço do gás de botijão, que havia exercido pressão acentuada sobre o indicador no trimestre finalizado em setembro. O índice de difusão do IPCA atingiu 70,7%, elevando-se 13 p.p. no período.

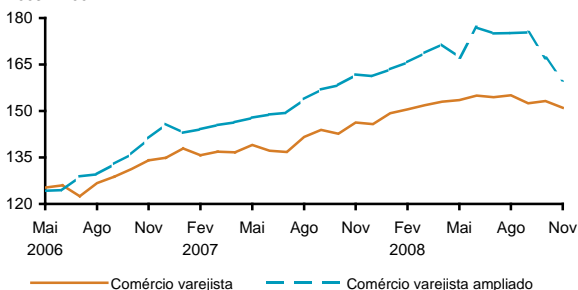
Os principais indicadores relacionados à evolução da economia pernambucana não vêm refletindo, em oposição ao padrão registrado na região e no país em geral, a deterioração observada nas principais economias mundiais. Esse comportamento, mesmo em cenário de redução dos níveis de confiança dos empresários e de perda de dinamismo em algumas modalidades de crédito, evidencia especificidades favoráveis da economia do estado para o enfrentamento do novo ambiente econômico. Entre esses condicionantes, ressaltam-se os desdobramentos favoráveis à preservação do mercado interno decorrentes da participação expressiva do setor público no PIB do estado, dos programas de transferência de renda do governo federal e da continuidade dos desembolsos previstos no âmbito do PAC. Adicionalmente, a economia do estado, além de não apresentar sensibilidade acentuada em relação ao desempenho das exportações, vem incorporando ganhos expressivos na indústria do turismo, que deverá passar a agregar maior fluxo de turistas brasileiros em face do processo de depreciação da taxa de câmbio.

Após apresentar dinamismo acentuado nos três primeiros trimestres do ano, sustentado, em especial, pelo desempenho das exportações dos complexos soja e carnes, a economia da região Centro-Oeste passou a evidenciar os desdobramentos do agravamento da crise nos mercados financeiros internacionais sobre o nível da demanda global e sobre os preços das principais *commodities* agrícolas. Nesse cenário, expresso na deterioração das expectativas de consumidores e empresários, observou-se retração da atividade industrial, perda de dinamismo no mercado de trabalho e retração nas áreas de plantio destinadas a culturas para exportação, como milho e soja.

**Gráfico 3.1 – Comércio varejista – Centro-Oeste**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

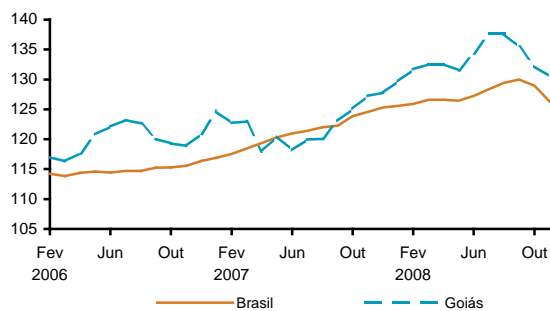
As vendas varejistas da região diminuíram 1,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando, no mesmo tipo de comparação, haviam aumentado 1,3%, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE. O desempenho negativo do setor, associado à deterioração das expectativas dos consumidores e das condições do mercado de crédito, refletiu, em especial, os recuos assinalados nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 3,5%, e combustíveis e lubrificantes, 6,1%, considerando conjuntamente os dados do Distrito Federal e de Goiás, únicas regiões no Centro-Oeste em que se dispõe de estatísticas do comércio segmentadas por atividade. No conceito ampliado, a retração atingiu 4,7% no trimestre encerrado em novembro, traduzindo contrações nas vendas dos segmentos veículos, motos, partes e peças, e material de construção, que atingiram, na ordem, 13,9% e 5% em Goiás e 12,4% e 5,5% no Distrito Federal. Ainda considerado o conceito ampliado, registraram-se, no período, recuos generalizados da atividade comercial nas unidades federativas da região, atingindo 7,2% em Goiás, 3,7% no Distrito Federal, 2,2% em Mato Grosso e 2,5% no Mato Grosso do Sul.

As vendas do comércio varejista acumuladas em doze meses, refletindo o desempenho desfavorável do comércio a partir de outubro, registraram crescimento de 9,4% em

novembro, em relação a igual período de 2007, ante 10,2% em agosto, na mesma base de comparação. Considerado o conceito ampliado, as vendas varejistas acumuladas em doze meses elevaram-se 12,4% em novembro, ante 15,3% em agosto, refletindo variações nas vendas dos segmentos veículos, motos, partes e peças, e material de construção, que atingiram, na ordem, 25% e 7,8% em Goiás e -3,4% e 3,7% no Distrito Federal.

**Gráfico 3.2 – Produção industrial**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

A produção industrial de Goiás, único estado da região Centro-Oeste incluído na PIM-PF do IBGE, cresceu 8,6% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, ante, no mesmo tipo de comparação, 9,5% em agosto. Registraram-se crescimentos nas indústrias extrativa, 15,7%, e de transformação, 8%, com ênfase no desempenho dos segmentos alimentos e bebidas, 10%, e produtos químicos, 9,1%. Considerados dados dessazonalizados, a produção industrial do estado decresceu 5,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, comparativamente à queda de 2,4% no país, ressaltando-se que a retração de 5,1% observada na indústria de transformação refletiu recuos generalizados na produção das atividades pesquisadas, em especial em metalurgia básica, 16,9%, e produtos químicos, 14,9%. A produção de alimentos e bebidas, que responde a cerca de 66% da produção goiana, recuou 2,6% no período.

**Tabela 3.1 – Produção industrial – Goiás**

Geral e setores selecionados

| Setores                    | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % trimestral |                   |              |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
|                            |                          | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |
| Indústria geral            | 100,0                    | 4,7                   | -5,2              | 8,6          |
| Indústria extrativa        | 8,0                      | 1,4                   | 2,8               | 15,7         |
| Indústria de transformação | 92,0                     | 4,7                   | -5,1              | 8,0          |
| Alimentos e bebidas        | 66,0                     | 4,8                   | -2,6              | 10,0         |
| Produtos químicos          | 12,0                     | -0,1                  | -14,9             | 9,1          |
| Metalurgia básica          | 7,8                      | 1,3                   | -16,9             | -7,9         |
| Minerais não metálicos     | 6,2                      | 3,4                   | -4,5              | 5,2          |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

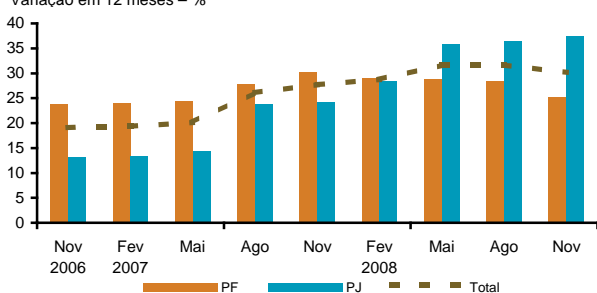
De acordo com a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), o faturamento real das indústrias cresceu 11,9% no ano, até novembro, em relação à igual período de 2007. Na mesma base de comparação, registraram-se aumentos respectivos de 13,5% e 6,6% nas remunerações pagas e no pessoal empregado. O Nuci atingiu 84,9% em novembro, ante 86,5% em igual mês de 2007.

O Índice de Confiança do Empresariado Industrial de Goiás (Icei/GO), da Fieg, situou-se em 51,6 pontos em outubro, menor nível desde outubro de 2005, ante 57,4 pontos em julho e 62,7 pontos em outubro de 2007. O Icei, que registrou retração generalizada quando segmentado por tamanho das empresas, apresentou recuos mais acentuados no âmbito das firmas exportadoras e daquelas que utilizam insumos importados.

Segundo dados preliminares do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), as vendas do produto no Centro-Oeste expandiram-se 7,2% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007, ante elevação de 14,6% no país.

**Gráfico 3.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 3.2 – Produção agrícola – Centro-Oeste**

Itens selecionados

| Discriminação    | Produção |                    | Variação % |
|------------------|----------|--------------------|------------|
|                  | 2007     | 2008 <sup>1/</sup> | 2008/2007  |
| Grãos            | 43 915   | 50 670             | 15,4       |
| Algodão (caroço) | 1 638    | 1 556              | - 5,0      |
| Arroz (em casca) | 1 164    | 1 110              | - 4,6      |
| Feijão           | 383      | 395                | 3,2        |
| Milho            | 13 490   | 16 883             | 25,2       |
| Soja             | 26 202   | 29 079             | 11,0       |
| Outras lavouras  |          |                    |            |
| Cana-de-açúcar   | 53 228   | 72 523             | 36,3       |
| Mandioca         | 1 511    | 1 466              | - 3,0      |
| Tomate           | 838      | 1 273              | 51,9       |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

**Tabela 3.3 – Prognósticos para 2009 – Centro-Oeste**

Itens selecionados

| Discriminação     | Produção |                    | Variação % |
|-------------------|----------|--------------------|------------|
|                   | 2008     | 2009 <sup>1/</sup> | 2009/2008  |
| Algodão           | 1 556    | 1 232              | -20,8      |
| Arroz             | 1 110    | 1 101              | -0,8       |
| Feijão (1ª safra) | 113      | 147                | 29,7       |
| Milho (1ª safra)  | 5 453    | 4 376              | -19,8      |
| Soja              | 29 079   | 28 603             | -1,6       |

Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

As operações de crédito acima de R\$5 mil atingiram R\$101 bilhões em novembro, registrando expansões de 7,6% no trimestre e de 30,2% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas jurídicas, com ênfase nos financiamentos para geração e distribuição de energia elétrica, totalizaram R\$43,4 bilhões, registrando acréscimos respectivos de 10,2% e 37,4% nos períodos considerados, enquanto os relativos ao segmento de pessoas físicas, impulsionados pelo desempenho dos financiamentos de custeio e crédito pessoal consignado, somaram R\$57,6 bilhões, elevando-se, na ordem, 5,7% e 25,2%.

A produção de grãos da região assinalou aumento anual de 15,4% em 2008, totalizando 50,7 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, passando a representar 34,4% da safra nacional, ante 32,6% no ano anterior. As culturas de milho e soja, responsáveis, em conjunto, por 91% da safra de grãos da região, registraram aumentos anuais respectivos de 25,2% e 11%, enquanto a relativa à cana-de-açúcar, responsável, segundo dados da Produção Agrícola Municipal de 2007, do IBGE, por 8,7% do valor da produção agrícola na região, aumentou 36,3%, no ano.

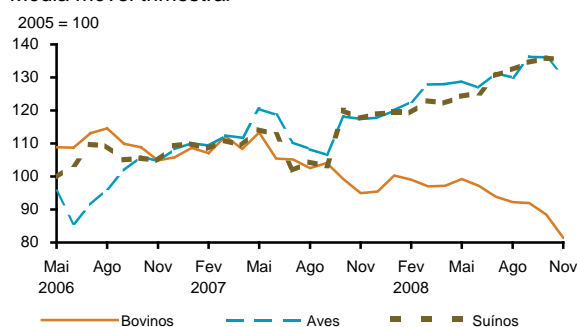
A safra de grãos da região deverá recuar 6% em 2009, de acordo com o terceiro prognóstico do IBGE, divulgado em dezembro. Essa perspectiva reflete, em grande parte, as reduções nas áreas plantadas de milho e de soja, evidenciando o desestímulo dos produtores face ao cenário de recuo dos preços das *commodities* e de aumento nos custos de produção.

De acordo com o Mapa, o volume de abate de bovinos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que compreende cerca de 96% dos realizados na região, recuou 11,8% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007. Essa evolução, contrastando com os aumentos respectivos de 13,6% e 16,1% assinalados nos abates de aves e suínos, esteve associada, em grande parte, às restrições comerciais impostas por países importadores. A participação da região no total dos abates no país atingiu, na ordem, 42,5%, 12,3% e 12,7%.

O superávit da balança comercial da região somou US\$5,1 bilhões em 2008, elevando-se 29,5% em relação ao ano anterior, resultado de crescimentos de 46,1% nas exportações e de 57,3% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$14,2 bilhões e US\$9,1 bilhões, registrando dinamismo superior ao assinalado em âmbito nacional. O

**Gráfico 3.4 – Abates de animais – Centro-Oeste**

Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

**Tabela 3.4 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | Centro-Oeste |        |        | Brasil |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 9 694        | 14 163 | 46,1   | 23,2   |
| Básicos                     | 8 104        | 12 210 | 50,7   | 41,5   |
| Industrializados            | 1 591        | 1 953  | 22,8   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 997          | 1 330  | 33,4   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 594          | 623    | 4,8    | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 3.5 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |       |        |        |
|-----------------------|--------------|-------|--------|--------|
|                       | Centro-Oeste |       |        | Brasil |
|                       | 2007         | 2008  | Var. % | Var. % |
| Total                 | 5 776        | 9 089 | 57,3   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 1 446        | 1 967 | 36,1   | 40,5   |
| Duráveis              | 376          | 838   | 122,9  | 54,0   |
| Não duráveis          | 1 070        | 1 129 | 5,6    | 26,2   |
| Bens intermediários   | 2 295        | 3 649 | 59,0   | 40,2   |
| Bens de capital       | 549          | 756   | 37,6   | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 1 486        | 2 716 | 82,8   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

desempenho desses fluxos externos evidenciou, no último trimestre do ano, a desaceleração observada no ritmo da atividade econômica mundial, registrando-se, no período, aumentos de 11,4% nas vendas e de 24,4% nas compras externas, em relação ao trimestre correspondente de 2007.

O aumento anual das exportações refletiu crescimento generalizado dos embarques em todas as categorias de fator agregado. As vendas de produtos básicos, que corresponderam a 86% da pauta da região, elevaram-se 50,7%, ante 41,5% do país, com ênfase nas expansões relacionadas aos itens de soja triturada, 88,6%; farelo de soja, 74,9%; carne de frango, 44,4%; e carne de bovino, 15%. As exportações de semimanufaturados elevaram-se 33,4%, impulsionadas pela elevação de 150,2% nas vendas de óleo de soja. Os embarques de manufaturados cresceram 4,8%, com destaque para os aumentos nas exportações de preparados de carne de frango, 57,8%; e adubos e fertilizantes, 78,8%. As vendas da região destinaram-se, em grande parte, a China, Holanda, Espanha, Rússia e Tailândia, 49% do total, enquanto o IHH, para os trinta principais mercados de destino, registrou elevação anual de 13,9%, evidenciando aumento da concentração das exportações da região.

O desempenho anual das importações, a exemplo do observado em relação às exportações, decorreu de expansões generalizadas nas aquisições em todas as categorias de uso final. As compras de bens intermediários cresceram 59%, estimuladas pelo aumento de 88,3% nas relativas a outras matérias-primas para a agricultura, enquanto as aquisições de combustíveis e lubrificantes expandiram-se 82,8%, com ênfase nos aumentos das compras de gás natural, 84,2% no ano, que refletiram o acréscimo de 59,2% registrado nos preços. Adicionalmente, as aquisições de bens de consumo aumentaram 36,1%, impulsionadas pelo crescimento de 134,8% nas referentes a automóveis, e as importações de bens de capital elevaram-se 37,6%, com ênfase nos aumentos das compras de partes e peças para bens de capital para indústria, 148,3%, e equipamento móvel de transporte, 71,3%. As importações da região originaram-se, em especial, da Bolívia, importante fornecedor de gás natural, 30% do total; e dos EUA, Coreia do Sul, China e Japão, países responsáveis, em conjunto, por 57% das importações da região. O IHH, calculado para os trinta maiores mercados de origem, elevou-se 14% no período, refletindo a maior concentração das importações no Centro-Oeste.

De acordo com o Caged/MTE, foram eliminados 520 empregos formais na região, no trimestre encerrado em novembro, ante a criação de 13.153 empregos em igual

**Tabela 3.6 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste**  
Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |       |
|-----------------------------|---|------|------|------|-------|
|                             | 2007  | 2008 |      |      |       |
|                             | Nov   | Fev  | Mai  | Ago  | Nov   |
| Total                       | 13,2  | 17,5 | 61,6 | 55,6 | -0,5  |
| Ind. de transformação       | -4,7  | -0,5 | 17,6 | 4,4  | -10,0 |
| Comércio                    | 14,4  | 2,5  | 6,8  | 11,7 | 10,8  |
| Serviços                    | 9,6   | 6,2  | 18,8 | 16,9 | 11,5  |
| Construção civil            | 6,1   | 4,0  | 10,5 | 11,3 | -2,5  |
| Agropecuária                | -12,3   | 5,5  | 6,1  | 10,3 | -9,4  |
| Serv. ind. de util. pública | -0,1  | -0,1 | 0,5  | 0,3  | 0,1   |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,1   | 0,0  | -0,2 | 0,6  | -1,0  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Tabela 3.7 – IPCA – Centro-Oeste**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        | Ano   |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri |       |
| IPCA                 | 100,0               | 4,58       | 0,70    | 1,68   | 5,33  |
| Livres               | 69,6                | 6,15       | 0,76    | 1,75   | 6,33  |
| Comercializáveis     | 31,3                | 4,78       | 0,45    | 1,79   | 6,00  |
| Não comercializáveis | 38,2                | 7,31       | 1,01    | 1,73   | 6,62  |
| Monitorados          | 30,4                | 1,26       | 0,61    | 1,50   | 3,09  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 19,3                | 10,81      | 0,22    | 2,67   | 10,84 |
| Habituação           | 14,2                | 3,95       | 1,07    | 1,24   | 4,31  |
| Art.residência       | 3,6                 | -0,64      | -0,66   | 2,91   | 1,82  |
| Vestuário            | 7,1                 | 5,71       | 0,97    | 3,29   | 6,14  |
| Transportes          | 22,1                | 0,79       | 0,67    | 1,29   | 2,13  |
| Saúde                | 10,5                | 4,99       | 1,20    | 1,19   | 4,86  |
| Desp. pessoais       | 9,4                 | 7,63       | 1,95    | 2,51   | 7,55  |
| Educação             | 7,9                 | 4,62       | 0,74    | 0,08   | 6,28  |
| Comunicação          | 5,9                 | 0,17       | -0,48   | 0,00   | 0,72  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

período de 2007. A redução acentuada do dinamismo do mercado de trabalho formal assinalada no período refletiu a eliminação de 10 mil postos de trabalho na indústria de transformação, 9,4 mil na agropecuária e 2,5 mil na construção civil, contrastando com a geração de 11,5 mil empregos no setor de serviços e de 10,7 mil no comércio. Apesar da recente retração no mercado de trabalho, foram criados 167,8 mil empregos formais na região nos onze primeiros meses, dos quais 56,4 mil no setor de serviços e 27,6 mil na construção civil. O nível do emprego formal aumentou 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados.

A variação anual do IPCA atingiu 5,33% na região Centro-Oeste em 2008, ante 4,58% em 2007, refletindo acelerações tanto dos preços livres, de 6,15% para 6,33%, pressionados pelos aumentos nos grupos alimentação, 10,84%, e despesas pessoais, 7,55%; quanto dos monitorados, de 1,26% para 3,09%, impulsionados pelas elevações nas passagens de ônibus interestadual, 15,39%; avião, 15,1%; e ônibus urbano, 5,32%; e nos preços dos planos de saúde, 6,19%.

O IPCA cresceu 1,68% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,70% naquele finalizado em setembro, evolução que traduziu acelerações dos preços livres, de 0,76% para 1,75%, e dos preços monitorados, de 0,61% para 1,50%. A evolução dos preços livres esteve associada às variações nos grupos alimentação e bebidas, 2,67%, e vestuário, 3,29%, enquanto no segmento de monitorados se destacaram os aumentos nos preços dos itens ônibus interestadual, 12,19%, e gasolina, 5,2%. O índice de difusão atingiu 59,72% no trimestre encerrado em dezembro, ante 57,92% naquele encerrado em setembro.

A trajetória da economia do Centro-Oeste deverá seguir influenciada, nos primeiros meses de 2009, pelos desdobramentos da desaceleração da demanda mundial sobre as exportações de produtos importantes na cadeia produtiva da região. O impacto sobre o mercado interno da região associado ao recuo da renda agrícola, determinado pelo ambiente de redução do *quantum* exportado em cenário de recuos nos preços de importantes *commodities* da pauta da região, poderá ser atenuado pelos efeitos de medidas anticíclicas, no âmbito das políticas monetária e fiscal, que delineiam perspectivas mais favoráveis em relação à recuperação da demanda doméstica, principalmente, por intermédio de incentivos para investimentos em infraestrutura e para o comércio de bens duráveis.

**Tabela 4.1 – Índice de vendas no varejo – Sudeste**

| Discriminação                              | Variação percentual |      |      |       |
|--|---------------------|------|------|-------|
|  | 2008                |      |      |       |
|  | Fev                 | Mai  | Ago  | Nov   |
| Trimestre/trimestre anterior <sup>1/</sup> |                     |      |      |       |
| Comércio varejista                         | 3,3                 | 2,8  | 2,2  | 0,6   |
| Combustíveis e lubrificantes               | 2,8                 | 6,5  | 5,5  | -1,6  |
| Hiper, supermercados                       | 1,6                 | 0,8  | 2,0  | 1,1   |
| Tecidos, vestuário e calçados              | 5,7                 | 3,1  | -1,4 | -4,5  |
| Móveis e eletrodomésticos                  | 5,9                 | 6,4  | 0,7  | 2,5   |
| Comércio varejista ampliado                | 2,2                 | 5,5  | 1,9  | -4,1  |
| Automóveis e motocicletas                  | 3,2                 | 8,5  | 1,4  | -12,5 |
| Material de construção                     | -3,3                | 3,3  | 3,8  | 0,2   |
| Acumulado em 12 meses                      |                     |      |      |       |
| Comércio varejista                         | 11,1                | 11,4 | 11,5 | 11,2  |
| Combustíveis e lubrificantes               | 4,4                 | 5,4  | 10,3 | 12,4  |
| Hiper, supermercados                       | 7,3                 | 7,1  | 7,1  | 6,9   |
| Tecidos, vestuário e calçados              | 13,7                | 14,7 | 13,7 | 11,0  |
| Móveis e eletrodomésticos                  | 16,7                | 18,1 | 17,8 | 18,1  |
| Comércio varejista ampliado                | 14,2                | 14,3 | 13,9 | 11,6  |
| Automóveis e motocicletas                  | 23,2                | 22,8 | 21,0 | 14,4  |
| Material de construção                     | 10,1                | 10,2 | 10,2 | 8,0   |

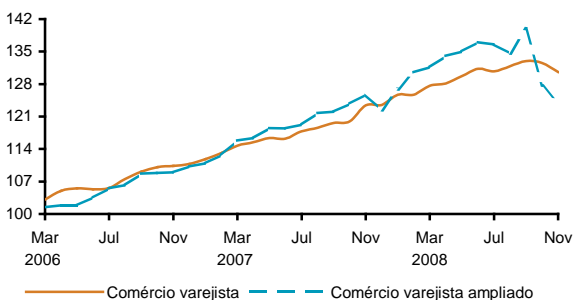
Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.1 – Comércio varejista – Sudeste**

Dados dessazonalizados

2004 = 100



Fonte: IBGE

Os principais indicadores relacionados à evolução da economia da região Sudeste, no quarto trimestre de 2008, passaram a incorporar os desdobramentos do agravamento da crise nos mercados financeiros internacionais. Nesse sentido, em linha com a deterioração tanto das expectativas de empresários e de consumidores, quanto das condições do mercado de crédito, registraram-se desaceleração do ritmo de crescimento do comércio varejista, em especial nos segmentos mais dependentes de crédito, recuo da produção industrial e interrupção no processo de geração de empregos.

As vendas varejistas aumentaram 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 2,2% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, ressaltando-se que apenas as vendas de móveis e eletrodomésticos registraram ritmo de expansão mais intenso no período. As vendas de veículos e motocicletas, evidenciando a restrição de crédito, recuaram 12,5%, enquanto as relativas a material de construção aumentaram 0,2%, comparativamente a expansões respectivas de 1,4% e 3,8% no trimestre finalizado em agosto, contribuindo para que as vendas varejistas no conceito ampliado recuassem 4,1%, ante crescimento de 1,9% no trimestre encerrado em agosto.

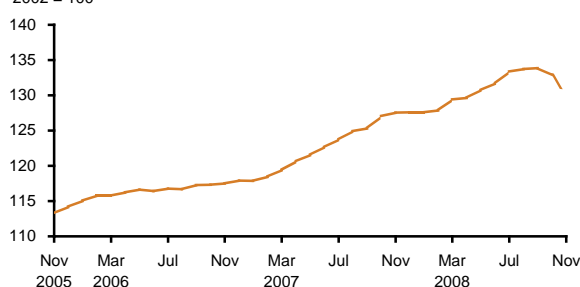
As vendas varejistas cresceram 11,2% no período de doze meses encerrado em novembro, com ênfase para o dinamismo dos segmentos móveis e eletrodomésticos, 18,1%, e combustíveis e lubrificantes, 12,4%. No conceito ampliado, a expansão atingiu 11,6%, registrando-se aumentos de 14,4% nas vendas de veículos e de 8% nas relativas a material de construção.

A produção da indústria da região recuou 2,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia apresentado aumento trimestral de 2,3%, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, registrando-se reduções tanto na indústria de transformação, 3%, quanto na extrativa, 4%. Das 23 atividades pesquisadas,



### Gráfico 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

### Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % no período                            |       |      |
|-----------------------------|--------------------------|--|-------|------|
|                             |                          | Ago <sup>2/</sup> Nov <sup>2/</sup> Ac. 12 meses |       |      |
|                             |                          |  |       |      |
| Indústria geral             | 100,0                    | 2,3  | -2,9  | 6,1  |
| Veículos automotores        | 11,5                     | 2,5  | -6,0  | 12,7 |
| Alimentos                   | 9,9                      | -2,6   | 1,4   | -0,2 |
| Metalurgia básica           | 8,5                      | 1,5  | -9,5  | 4,0  |
| Refino de petróleo e álcool | 7,7                      | 10,0   | -6,9  | 0,3  |
| Outros produtos químicos    | 7,1                      | 2,5  | -10,9 | 3,9  |
| Máquinas e Equipamentos     | 7,0                      | 0,3  | 1,6   | 9,1  |

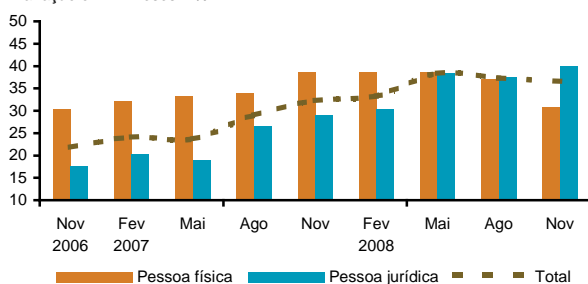
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

### Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito<sup>1/</sup>

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

quatorze registraram variações negativas no trimestre encerrado em novembro, com ênfase para as reduções nos segmentos metalurgia básica, 9,5%, e outros produtos químicos, 10,9%; e para os resultados favoráveis assinalados pelas indústrias farmacêutica, 5,3%, e de outros equipamentos de transporte, 19%. O crescimento da produção industrial acumulado em doze meses atingiu 6,1% em novembro, ante 7,2% em agosto.

O índice de confiança dos empresários, mensurado pela Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), passou de 58,1 pontos, em julho, para 50,6 pontos, em outubro, numa escala de zero a cem. Esse recuo refletiu reduções respectivas de 0,8 e 11,1 pontos nas avaliações quanto às condições atuais da economia e quanto à sua evolução nos próximos meses.

A despeito da recente deterioração das condições de crédito – aumento das taxas de juros, redução de prazos e maior seletividade –, o saldo das operações superiores a R\$5 mil aumentou 8,9% na região sudeste, em novembro, em relação a agosto, reflexo de elevações de 11,3% no segmento de pessoas jurídicas e de 4,6% no relativo a pessoas físicas, comparativamente a elevações respectivas de 9,3%, 11,3% e 6,1% em agosto, considerado o mesmo tipo de comparação. Ressalte-se que a aceleração registrada no segmento de pessoas jurídicas, consistente com a restrição de crédito no canal externo, esteve associada aos acréscimos nas concessões relativas às modalidades capital de giro e financiamento à exportação, enquanto o menor dinamismo no âmbito das pessoas físicas evidenciou a contração nos financiamentos para aquisições de veículos.

O crescimento do saldo das operações de crédito acumulado em doze meses atingiu 36,6% em novembro, resultante de altas de 39,9% no segmento de pessoas jurídicas e de 30,8% no referente a pessoas físicas. Assinale-se que essas taxas, embora elevadas, sugerem a reversão da trajetória crescente experimentada pelos saldos das operações de crédito na região, nessa base de comparação, desde o início de 2006. O saldo das operações de crédito na região representou, em novembro, 56,4% do total registrado no país, dos quais 65,4% correspondentes a operações no segmento de pessoas jurídicas.

A safra de grãos da região Sudeste atingiu 17,5 milhões de toneladas em 2008, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, elevando-se 10,3% em relação ao ano anterior. As produções de milho, principal cultura da região, e de soja totalizaram, na ordem, 11,4 milhões e 4 milhões

**Tabela 4.3 – Produção agrícola – Sudeste**

| Itens selecionados | Em mil toneladas |                    |           |
|--------------------|------------------|--------------------|-----------|
|                    | Produção         |                    | Var. %    |
|                    | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |           |
| Discriminação      |                  |                    | 2008/2007 |
| Grãos              | 15 891           | 17 526             | 10,3      |
| Arroz (em casca)   | 270              | 238                | -11,7     |
| Feijão             | 818              | 864                | 5,7       |
| Milho              | 10 102           | 11 396             | 12,8      |
| Soja               | 3 847            | 3 983              | 3,5       |
| Outras lavouras    |                  |                    |           |
| Café               | 1 855            | 2 328              | 25,5      |
| Banana             | 1 967            | 2 106              | 7,1       |
| Cana-de-açúcar     | 376 911          | 447 310            | 18,7      |
| Laranja            | 15 355           | 15 347             | 0         |
| Tomate             | 1 444            | 1 559              | 8,0       |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

**Tabela 4.4 – Prognósticos para 2009 – Sudeste**

| Itens selecionados | Em mil toneladas |                    |            |
|--------------------|------------------|--------------------|------------|
|                    | Produção         |                    | Variação % |
|                    | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> |            |
| Discriminação      |                  |                    | 2009/2008  |
| Arroz              | 238              | 232                | -2,7       |
| Feijão             | 864              | 888                | 2,7        |
| Milho              | 11 396           | 10 679             | -6,3       |
| Soja               | 3 983            | 4 080              | 2,4        |

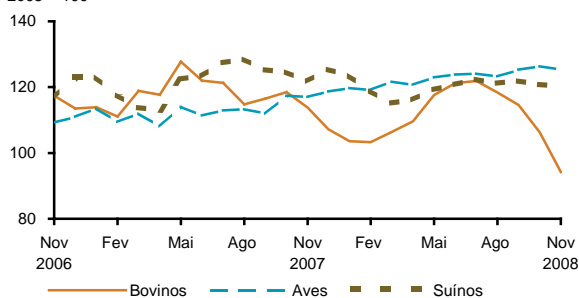
Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

**Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 4.5 – Exportação por fator agregado – FOB**

| Discriminação               | US\$ milhões |         |        |        |
|-----------------------------|--------------|---------|--------|--------|
|                             | Sudeste      |         |        | Brasil |
|                             | 2007         | 2008    | Var. % |        |
| Total                       | 86 524       | 106 667 | 23,3   | 23,2   |
| Básicos                     | 18 358       | 26 239  | 42,9   | 41,5   |
| Industrializados            | 68 166       | 80 428  | 18,0   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 11 055       | 14 247  | 28,9   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 57 111       | 66 181  | 15,9   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

de toneladas, representando acréscimos anuais respectivos de 12,8% e 3,5%. Adicionalmente, os aumentos das safras de cana-de-açúcar e de café, em ciclo bianual de alta, totalizaram 18,7% e 25,5%, respectivamente.

O terceiro prognóstico do IBGE prevê redução de 3,7% para a produção agrícola da região em 2009, influenciada pelo recuo de 6,3% estimado para a safra de milho, desestimulada pela evolução do preço do produto. Em sentido inverso, a cultura de soja deverá expandir 2,4% no ano.

Os abates de bovinos e de suínos recuaram 7,2% e 1,8%, respectivamente, nos onze primeiros meses do ano, em relação ao período correspondente de 2007, quando haviam aumentado, na ordem, 6,9% e 9,8%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com estatísticas do Mapa, que abrangem estabelecimentos inspecionados pelo SIF e representam, respectivamente, cerca de 80% e 75% dos abates realizados na região.

O saldo da balança comercial da região Sudeste totalizou US\$6,8 bilhões em 2008, recuando 55,7% em relação ao ano anterior, resultado de aumentos de 23,3% nas exportações e de 40,4% nas importações. As vendas externas cresceram em todos os grupos de fator agregado, com ênfase na elevação de 42,9% nos embarques de produtos básicos, impulsionada pelos aumentos nas vendas de óleos brutos de petróleo, 51,9%, e de minérios de ferro, 52%. Os principais destinos foram EUA, Argentina e China, que absorveram, em conjunto, 32,9% das exportações da região. O IHH relativo aos trinta principais países de destino recuou 8,9% em relação a 2007, significando diminuição na concentração das vendas externas.

As importações, consideradas por categorias de uso, registraram aumento generalizado em 2008, destacando-se as ampliações das compras de combustíveis e lubrificantes, 55,1%, e de bens de consumo duráveis, 52,2%. Os principais mercados de origem foram EUA, China e Alemanha, responsáveis por 39% das aquisições brasileiras. O IHH referente aos trinta principais mercados de origem recuou 3,5% no ano, ante retração de 3,2% registrada pelo indicador nacional, revelando menor concentração das aquisições externas.

O menor dinamismo apresentado pela economia da região Sudeste a partir de outubro restringiu o desempenho do mercado de trabalho formal, expresso, de acordo com o Caged do MTE, na criação de 93,9 mil empregos

**Tabela 4.6 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                       | Sudeste      |        |        | Brasil |
|                       | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 71 124       | 99 850 | 40,4   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 8 836        | 11 905 | 34,7   | 40,5   |
| Duráveis              | 3 565        | 5 426  | 52,2   | 54,0   |
| Não duráveis          | 5 271        | 6 479  | 22,9   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 35 252       | 47 712 | 35,3   | 40,2   |
| Bens de capital       | 16 631       | 24 092 | 44,9   | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 10 405       | 16 141 | 55,1   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.7 – Evolução do emprego formal – Sudeste**

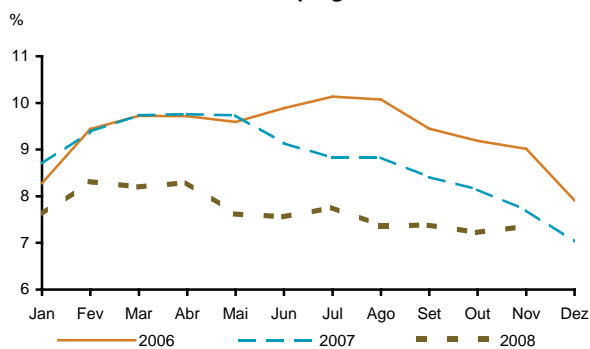
Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |       |       |       |        |
|-----------------------------|---|-------|-------|-------|--------|
|                             | 2007  |       | 2008  |       |        |
|                             | Nov   | Fev   | Mai   | Ago   | Nov    |
| Total                       | 271,9   | 16,8  | 497,6 | 436,0 | 93,9   |
| Ind. de transformação       | 56,8  | -10,4 | 138,0 | 68,3  | -8,3   |
| Comércio                    | 113,9   | 14,8  | 43,5  | 72,7  | 97,3   |
| Serviços                    | 133,9   | 59,7  | 152,2 | 132,3 | 109,0  |
| Construção civil            | 32,3  | 28,3  | 53,4  | 53,4  | 5,8    |
| Agropecuária                | -69,1   | -75,0 | 95,6  | 97,7  | -107,4 |
| Serv. ind. de util. pública | 0,4   | 1,9   | 2,2   | 1,1   | -0,4   |
| Outros <sup>2/</sup>        | 3,7   | -2,5  | 12,7  | 10,4  | -2,1   |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste**

Fonte: IBGE

no trimestre encerrado em novembro, resultado 65,5% inferior ao assinalado no período correspondente de 2007. Ressaltem-se, no período, a eliminação de 8,3 mil empregos observada na indústria de transformação, comparativamente à geração de 56,8 mil postos de trabalho no trimestre finalizado em novembro de 2007, e a redução acentuada, de 82%, nas contratações da construção civil. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal aumentou 1,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 1,8% no mesmo tipo de comparação. De janeiro a novembro, foram criados 1,25 milhão de empregos formais, salientando-se que o aumento de 8,2% em relação ao período correspondente de 2007 esteve associado, em parte, ao crescimento de 36% registrado na construção civil.

A taxa média de desemprego relativa às regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte situou-se, segundo a PME do IBGE, em 7,3% no trimestre encerrado em novembro, ante 8,1% no mesmo período de 2007. Essa evolução refletiu, em especial, a elevação de 3,6% assinalada no pessoal ocupado, enquanto o rendimento médio e a massa salarial apresentaram crescimentos reais respectivos de 5,3% e 9%, na mesma base de comparação. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego situou-se em 7,5% no trimestre encerrado em novembro, registrando estabilidade em relação ao período junho a agosto.

A inflação, medida pelo IPCA, atingiu 1,02% no quarto trimestre de 2008, ante 1,13% no trimestre encerrado em setembro. Essa relativa estabilidade refletiu a redução dos impactos dos aumentos dos gastos com despesas pessoais, transportes, habitação e comunicação, contrastando com o efeito da aceleração nos preços dos alimentos. O Índice de Difusão recuou 0,1 p.p. no trimestre, situando-se em 55,7%.

A variação acumulada em doze meses no IPCA da região Sudeste atingiu 5,72% em dezembro, ante 5,99% em setembro. Esse recuo traduziu o arrefecimento, de 7,42% para 6,75%, dos preços livres, determinado por reduções nas variações dos preços dos comercializáveis, de 7,54% para 6,67%, e dos não comercializáveis, de 7,33% para 6,83%, e a aceleração, de 2,92% para 3,52%, experimentada pelos preços monitorados.

A intensificação da crise financeira internacional, a partir de meados de 2008, impactou a trajetória de crescimento registrada pela economia da região. Esse movimento, expresso na deterioração das expectativas e

**Tabela 4.8 – IPCA – Sudeste**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        | Ano   |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri |       |
| IPCA                 | 100,0               | 4,25       | 1,13    | 1,02   | 5,72  |
| Livres               | 69,6                | 5,58       | 1,07    | 1,15   | 6,75  |
| Comercializáveis     | 30,8                | 5,45       | 0,90    | 0,83   | 6,67  |
| Não comercializáveis | 38,8                | 5,74       | 1,20    | 1,43   | 6,83  |
| Monitorados          | 30,4                | 1,25       | 1,30    | 0,71   | 3,52  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 21,9                | 10,71      | 0,88    | 1,52   | 10,71 |
| Habitação            | 20,4                | 1,34       | 0,63    | 0,00   | 5,06  |
| Art.residência       | 13,4                | -2,99      | 1,87    | 1,35   | 2,67  |
| Vestuário            | 10,4                | 3,58       | 1,39    | 0,84   | 8,13  |
| Transportes          | 10,0                | 1,73       | 2,20    | 1,66   | 2,18  |
| Saúde                | 7,3                 | 4,41       | 0,27    | 0,18   | 6,13  |
| Desp. pessoais       | 6,4                 | 6,73       | 1,41    | 0,46   | 7,15  |
| Educação             | 6,0                 | 4,34       | 1,24    | 2,83   | 3,77  |
| Comunicação          | 4,2                 | 1,31       | 0,93    | 0,85   | 2,37  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

em reduções nas vendas de bens de consumo duráveis, notadamente de veículos, e na produção da indústria de transformação, deverá afetar, nos próximos meses, as atividades da região de maneira relativamente difusa. A intensidade e a duração desse comportamento estarão associadas tanto à resposta da economia mundial às medidas anticíclicas adotadas recentemente em nível global, quanto ao impacto das decisões de política econômica adotadas no país. Nesse cenário e em resposta à condução da política monetária, o balanço de riscos mostra-se favorável à evolução dos preços na região.

## Minas Gerais

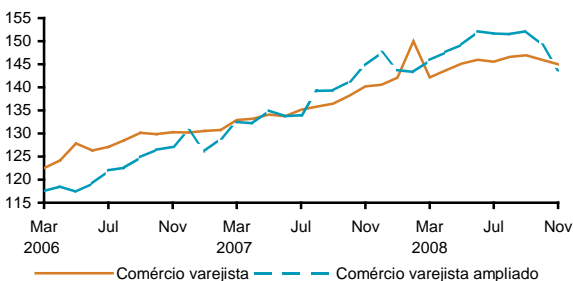
A atividade econômica em Minas Gerais apresentou retração no último trimestre do ano, com ênfase na desaceleração das exportações, em linha com a redução da demanda mundial e das cotações das *commodities* minerais; no recuo da atividade industrial, em especial das indústrias extrativa e metalúrgica; e no decréscimo das vendas de bens de consumo duráveis, notadamente veículos, refletindo a deterioração das expectativas e das condições de crédito.

As vendas varejistas registraram estabilidade no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando cresceram 1,7%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE, desaceleração consistente com os efeitos do agravamento da crise financeira internacional sobre o desempenho de segmentos mais dependentes do crédito. Considerado o conceito ampliado, as vendas apresentaram, na ordem, retração de 2,3% e expansão de 2,9% nos trimestres analisados, desaceleração associada, principalmente, ao recuo de 8,7% nas vendas de veículos, motos, peças e partes, que haviam aumentado 3,3% no trimestre finalizado em agosto, ressaltando-se que o saldo das operações de crédito para aquisição de veículos por pessoa física apresentou retração no período considerado.

**Gráfico 4.6 – Comércio varejista – MG**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 4.9 – Índice de vendas no varejo – MG**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % 12 meses |        |       |
|-------------------------------|---------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal     | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 15,0                | 8,1    | 6,4   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 13,0                | 12,9   | 0,1   |
| Hiper, supermercados          | 16,0                | 2,8    | 12,8  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 11,4                | 6,5    | 4,6   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 11,1                | 15,5   | -3,8  |
| Comércio varejista ampliado   | 15,7                | 10,1   | 5,2   |
| Automóveis e motocicletas     | 17,1                | 14,9   | 1,9   |
| Material de construção        | 17,9                | 8,6    | 8,6   |

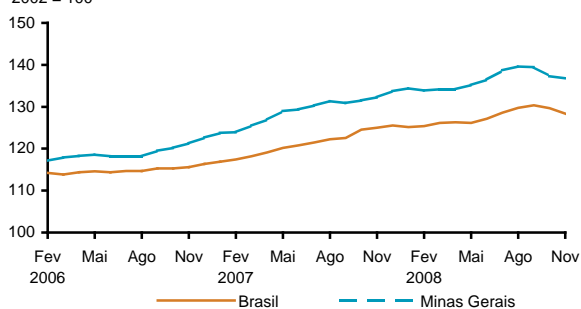
Fonte: IBGE

O comércio varejista do estado cresceu 8,1% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, ante 8,3% em agosto, no mesmo tipo de comparação, destacando-se o dinamismo dos segmentos escritório, informática e comunicação, 27,2%, e móveis e eletrodomésticos, 15,5%. As vendas varejistas aumentaram 10,1% no conceito ampliado, ante 12,1% em agosto, impactadas, em especial, pela desaceleração, de 21,9% para 14,9%, experimentada pelo segmento veículos, motos, partes e peças, afetado mais acentuadamente pelas restrições no canal de crédito. As vendas de material de construção acumuladas em doze meses cresceram 8,6% em novembro, mesmo percentual registrado em agosto.

Estatísticas da Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais ratificam a desaceleração da atividade varejista. Nesse sentido, o faturamento real do comércio varejista na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) acumulado em doze meses cresceu 5,2% em novembro, em relação ao mesmo período de 2007, ante 9,6% em agosto, na mesma base de comparação. Destacaram-se as quedas no faturamento real dos setores mais sensíveis às condições de crédito, como bens duráveis, 4,6%, e semiduráveis, 9,6%,

### Gráfico 4.7 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

### Tabela 4.10 – Produção industrial – Minas Gerais

Geral e setores selecionados

| Setores                    | Pesos <sup>1/</sup> 2008 | Variação % trimestral |                   |              |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
|                            |                          | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |
| Indústria geral            | 100,0                    | 3,3                   | -6,8              | 4,4          |
| Indústria extrativa        | 15,3                     | 4,6                   | -8,6              | 6,2          |
| Indústria de transformação | 84,7                     | 3,1                   | -6,5              | 4,1          |
| Metalurgia básica          | 18,9                     | 4,1                   | -7,4              | 2,5          |
| Veículos automotores       | 16,2                     | -1,5                  | -17,1             | 6,1          |
| Alimentos                  | 12,9                     | 1,7                   | 1,2               | 3,3          |
| Minerais não metálicos     | 6,2                      | 6,3                   | -1,0              | 10,8         |
| Outros produtos químicos   | 5,9                      | 5,6                   | -8,8              | -1,2         |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE referente ao último mês disponível.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

além da desaceleração nas vendas de concessionárias, com crescimento de 7,3% em novembro ante, 21,2% em agosto.

Além das restrições na oferta de crédito, a deterioração das expectativas vem exercendo impacto negativo sobre o desempenho das vendas. O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais (Fecomércio Minas), recuou 1,2% em novembro, em relação a outubro, para 50,9 pontos, traduzindo reduções nos componentes expectativa sobre a situação econômica do país, 5,1%; situação financeira da família, 5,2%; e pretensão de compra, 4,2%. O índice geral mantém-se, entretanto, na área de otimismo representada por valores superiores a cinquenta pontos na escala de zero (pessimismo extremo) a cem (otimismo extremo).

A produção da indústria mineira apresentou crescimento acumulado em doze meses de 4,4% em novembro, em relação a igual período de 2007, ante 7,1% em agosto, segundo a PIM-PF do IBGE. Registraram-se, no período, recuos nas indústrias extrativa, 4,6 p.p., e de transformação, 2,4 p.p., este evidenciando a desaceleração acentuada observada na produção de veículos automotores, cujo crescimento acumulado em doze meses passou de 18,8% em agosto para 6,1% em novembro.

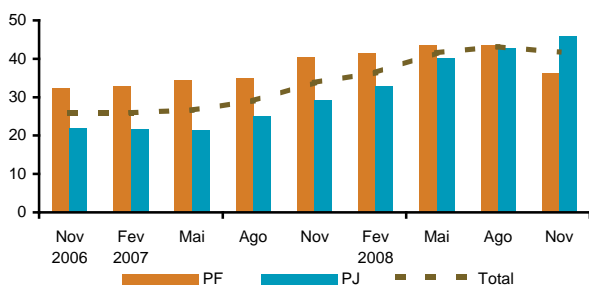
A análise na margem revela que a produção industrial do estado recuou 6,8% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando registrara aumento de 3,3%, considerados dados dessazonalizados. Registraram-se, no período, recuos de 8,6% na indústria extrativa e de 6,5% na de transformação, enquanto, por segmento, as reduções mais expressivas ocorreram nas produções relativas a veículos automotores, 17,1%, e outros produtos químicos, 8,8%.

A desaceleração da atividade industrial impactou a evolução do faturamento real da indústria – deflacionado pelo IPA-OG da FGV, cujo crescimento acumulado no período de doze meses recuou de 15,8% em agosto para 13,9% em novembro, segundo dados da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). Para os mesmos períodos, o crescimento das horas trabalhadas recuou de 9,5% para 9,3% e o do emprego, de 6,5% para 6,4%. O Nuci atingiu 85,2% em novembro, ante 87,1% no mês anterior e 85,8% em igual período de 2007.

O Índice de Confiança do Empresariado Industrial de Minas Gerais (Icei/MG), da Fiemg, situou-se em 53,7 pontos em outubro, 5,4 pontos inferior ao registrado em julho, representando o menor nível desde julho de 2006. De acordo com a Fiemg, esse recuo traduziu o impacto do agravamento da crise financeira internacional sobre as incertezas relacionadas ao desempenho dos mercados interno e externo, influenciando, em especial, a evolução do componente expectativas para os próximos seis meses.

**Gráfico 4.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 4.11 – Produção agrícola – Minas Gerais**

Itens selecionados

| Discriminação    | Em mil toneladas |                    |                         |
|------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                  | Produção         |                    | Variação %<br>2008/2007 |
|                  | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |                         |
| Grãos            | 9 427            | 10 241             | 8,6                     |
| Arroz (em casca) | 183              | 142                | -22,4                   |
| Feijão           | 481              | 565                | 17,4                    |
| Milho            | 6 066            | 6 608              | 8,9                     |
| Soja             | 2 418            | 2 536              | 4,9                     |
| Outras lavouras  |                  |                    |                         |
| Cana-de-açúcar   | 38 741           | 48 044             | 24,0                    |
| Café             | 987              | 1 417              | 43,5                    |
| Batata inglesa   | 1 126            | 1 204              | 6,9                     |
| Mandioca         | 904              | 888                | -1,8                    |
| Laranja          | 584              | 584                | 0,0                     |
| Banana           | 537              | 536                | -0,1                    |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

**Tabela 4.12 – Prognósticos para 2009 – Minas Gerais**

Itens selecionados

| Discriminação     | Em mil toneladas |                    |                         |
|-------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                   | Produção         |                    | Variação %<br>2009/2008 |
|                   | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> |                         |
| Arroz             | 142              | 137                | -3,8                    |
| Café              | 1 417            | 1 122              | -20,8                   |
| Feijão (1º safra) | 201              | 226                | 12,6                    |
| Milho (1º safra)  | 6 392            | 6 242              | -2,4                    |
| Soja              | 2 536            | 2 574              | 1,5                     |

Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

O saldo das operações de crédito superior a R\$5 mil reais atingiu R\$97,5 bilhões em novembro, em Minas Gerais, elevando-se 10,1% no trimestre e 41,8% nos últimos doze meses. Esses resultados, contrastando com o padrão observado em períodos recentes, estiveram alavancados por expansões respectivas de 13,5% e 45,9% no segmento de pessoas jurídicas, comparativamente a aumentos, na ordem, de 5,5% e 36,2% no segmento de pessoas físicas. Ressalte-se que o desempenho trimestral no segmento de pessoas jurídicas mostrou-se estimulado pelo aumento dos financiamentos à indústria siderúrgica, enquanto no segmento de pessoas físicas sobressaíram as operações relativas a crédito pessoal consignado e a financiamento habitacional.

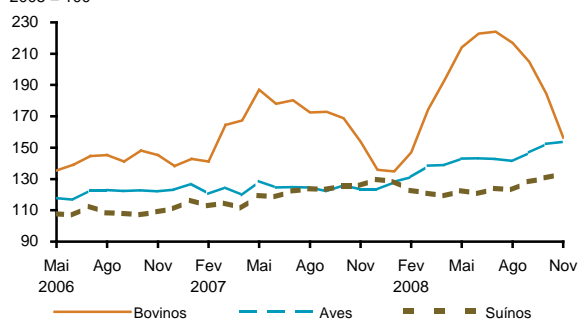
A safra de grãos do estado cresceu 8,6% em 2008, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, totalizando 10,2 milhões de toneladas e representando 6,9% da produção nacional, ante 7% no ano anterior. As safras de milho e de soja, que se constituem, na ordem, nos dois principais grãos produzidos no estado, apresentaram aumentos anuais respectivos de 8,9% e 4,9%, enquanto em relação às demais culturas, ressaltem-se os crescimentos anuais das culturas de café, principal produto agrícola do estado, 43,5%, e de cana-de-açúcar, 24%.

O terceiro prognóstico para a safra 2009, realizado pelo IBGE, indica que a produção mineira de grãos deverá recuar 1,6% em relação ao ano anterior. Esse resultado considera redução de 2,4% na safra de milho e elevação de 1,5% na relativa a soja, ambas apresentando, em linha com o aumento dos preços dos insumos e as incertezas inerentes às condições de comercialização, reduções nas áreas plantadas. A produção de feijão deverá crescer 12,6% em relação a 2008, favorecida por condições climáticas adequadas e preços favoráveis, contrastando com a retração de 20,8% projetada para a safra de café, prejudicada por fatores climáticos adversos e pelo ano de baixa produtividade do ciclo bianual do produto.

**Gráfico 4.9 – Abates de animais – Minas Gerais**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 4.13 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | Minas Gerais |        | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 18 355       | 24 444 | 33,2   | 23,2   |
| Básicos                     | 8 259        | 11 331 | 37,2   | 41,5   |
| Industrializados            | 10 096       | 13 114 | 29,9   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 4 199        | 6 332  | 50,8   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 5 897        | 6 782  | 15,0   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O volume de abate de bovinos em Minas Gerais, nos estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que abrange cerca de 70% dos abates no estado, cresceu 11% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007, enquanto os relativos a aves e suínos aumentaram 16,3% e 3,5%, respectivamente. O desempenho favorável da pecuária no estado traduziu, em especial no segmento de carnes bovinas, o crescimento da demanda interna, registrando-se, no período, retração de 22,1% dessas exportações, impactadas, em parte, pelo embargo da União Europeia. As vendas externas de suínos e aves apresentaram aumentos respectivos de 5,2% e 15,5% no período.

O saldo da balança comercial de Minas Gerais totalizou US\$14 bilhões em 2008, ante US\$11,9 bilhões no ano anterior. As exportações somaram US\$24,4 bilhões e as importações, US\$10,5 bilhões, registrando, na ordem, aumentos anuais de 33,2% e 61,1%, ante expansões respectivas de 23,2% e 43,6% no país. Ressalte-se que as taxas de crescimento dos fluxos de comércio exterior do estado apresentaram – em linha com o desaquecimento do comércio mundial – menor dinamismo em relação aos resultados dos nove primeiros meses do ano, quando as vendas e as compras externas registraram elevações respectivas de 39% e 63,9%, em relação a igual período de 2007. Essas retrações mostraram-se, no entanto, menos acentuadas do que as observadas em âmbito nacional, que atingiram, na ordem, 6 p.p. e 10 p.p.

As vendas de produtos básicos expandiram-se 37,2% em 2008, correspondendo a 46% da pauta exportadora mineira no ano, impulsionadas pelos aumentos de 50,2% nas vendas de minério de ferro e de 17,8% nas relativas a café. As exportações de bens semimanufaturados, com ênfase nas relativas a produtos compostos por ferro e aço, elevaram-se 50,8% no ano, enquanto as relativas a manufaturados, estimuladas pelos aumentos nas vendas de automóveis e de partes e peças para veículos e tratores, cresceram 15%. Os principais mercados de destino das exportações foram China, Alemanha, EUA, Argentina, Japão e Holanda, que, em conjunto, adquiriram 55% das vendas anuais do estado. O IHH para os trinta principais mercados de destino, revelando desconcentração das exportações, recuou 2,9% em relação a 2007.

As importações mineiras estiveram impulsionadas pelo elevado nível de atividade econômica, em especial de janeiro a setembro, apresentando, em linha com a perda de dinamismo do setor industrial, desaceleração no último trimestre do ano. Consideradas por categorias de uso, as compras do estado apresentaram aumento anual



**Tabela 4.14 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                       | Minas Gerais |        |        | Brasil |
|                       | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 6 504        | 10 481 | 61,1   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 489          | 1 020  | 108,5  | 40,5   |
| Duráveis              | 334          | 826    | 147,4  | 54,0   |
| Não duráveis          | 156          | 194    | 25,0   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 3 764        | 5 571  | 48,0   | 40,2   |
| Bens de capital       | 1 626        | 2 568  | 58,0   | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 625          | 1 321  | 111,2  | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.15 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais**

Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |       |       |       |
|-----------------------------|---|------|-------|-------|-------|
|                             | 2007  |      | 2008  |       |       |
|                             | Nov   | Fev  | Mai   | Ago   | Nov   |
| Total                       | 26,9  | 8,8  | 106,6 | 125,3 | -51,3 |
| Ind. de transformação       | 10,8  | -2,2 | 23,8  | 17,2  | -3,3  |
| Comércio                    | 21,7  | 3,7  | 6,0   | 10,9  | 23,2  |
| Serviços                    | 19,8  | 10,5 | 26,3  | 20,3  | 9,2   |
| Construção civil            | 7,7   | 1,5  | 19,0  | 15,0  | -3,1  |
| Agropecuária                | -34,2   | -5,4 | 28,1  | 59,8  | -76,5 |
| Serv. ind. de util. pública | 0,0   | 0,1  | 0,6   | -0,1  | -0,5  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 1,1   | 0,0  | 0,5   | 2,1   | -0,3  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

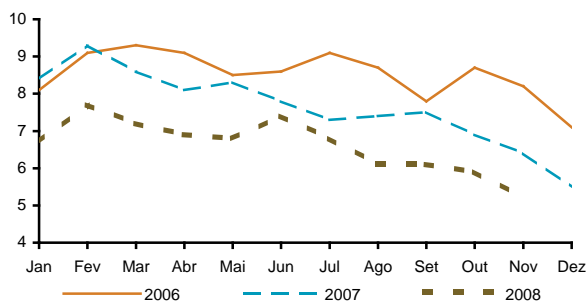
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

generalizado, com destaque para os crescimentos, acima da média do país, das importações de bens de consumo, 108,5%, influenciadas pelo aumento superior a 300% nas aquisições de automóveis; e de combustíveis e lubrificantes, 111,2%. As importações de bens de capital expandiram-se 58%, impulsionadas pelas aquisições de equipamentos móveis de transporte, maquinaria industrial e outros bens de capital, enquanto as relativas a bens intermediários, que representaram 53% da pauta mineira, aumentaram 48%, com ênfase nas compras de produtos minerais, acessórios de equipamentos de transporte, e outras matérias-primas para agricultura. Os principais mercados de origem foram EUA, China, Alemanha, Argentina e Itália, com participações conjuntas de 57% nas importações do estado. O IHH para os trinta maiores mercados de origem elevou-se 0,7% em 2008, revelando aumento de concentração das importações no ano.

Os indicadores do mercado de trabalho do estado passaram a incorporar o novo ambiente experimentado pela economia mundial, registrando-se, segundo o Caged do MTE, a eliminação de 51,3 mil empregos no trimestre encerrado em novembro, comparativamente à contratação líquida de 26,9 mil trabalhadores no mesmo período de 2007, com ênfase na redução de 76,5 mil postos de trabalho observada na agropecuária. Adicionalmente, foram extintos 3,3 mil empregos na indústria de transformação e 3,1 mil na construção civil, enquanto, em sentido inverso, o comércio – único setor a manter expansão de vagas em nível superior ao de 2007 – absorveu 23,2 mil novos trabalhadores, ante 21,7 mil no trimestre correspondente de 2007. O nível do emprego formal mostrou crescimento no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, 1,5%, considerados dados dessazonalizados, apesar das quedas mensais observadas em outubro, 0,3%, e em novembro, 0,5%.

O exame da evolução do mercado formal de trabalho no decorrer do ano evidencia, igualmente, a reversão do ritmo das contratações. Nesse sentido, de janeiro a novembro de 2008, foram criados 218,8 mil empregos formais no estado, resultado 10,6% superior ao registrado no mesmo período de 2007, enquanto nos nove primeiros meses do ano o aumento, no mesmo tipo de comparação, atingira 62,9%.

A taxa de desemprego na RMBH atingiu 5,2% em novembro, segundo a PME do IBGE, menor taxa de toda a série, iniciada em março de 2002, ante 6,4% em igual mês de 2007. Essa redução refletiu a ocorrência de aumentos de 4,1% no número de ocupados e de 2,8% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido pelos trabalhadores, deflacionado pelo Índice Nacional de Preços

**Gráfico 4.10 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte**

Fonte: IBGE

**Tabela 4.16 – IPCA – Belo Horizonte**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 5,86       | 0,85    | 0,93   | 5,34  |
| Livres               | 68,2                | 6,54       | 0,88    | 1,14   | 7,46  |
| Comercializáveis     | 32,9                | 4,63       | 1,10    | 1,04   | 7,59  |
| Não comercializáveis | 35,2                | 8,38       | 0,69    | 1,25   | 7,37  |
| Monitorados          | 31,8                | 4,35       | 0,73    | 0,43   | 0,87  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 23,3                | 11,45      | 0,95    | 0,79   | 10,48 |
| Habitação            | 13,3                | 6,05       | 1,05    | 1,04   | -0,65 |
| Art.residência       | 4,0                 | -0,43      | 1,67    | 1,07   | 3,86  |
| Vestuário            | 6,4                 | 5,93       | -0,59   | 1,05   | 3,50  |
| Transportes          | 19,6                | 3,89       | 0,53    | 0,44   | 3,07  |
| Saúde                | 10,2                | 4,64       | 1,39    | 1,43   | 6,85  |
| Desp. pessoais       | 10,0                | 7,21       | 0,36    | 2,58   | 8,93  |
| Educação             | 6,8                 | 3,61       | 1,04    | 0,05   | 5,54  |
| Comunicação          | 6,2                 | 0,14       | 1,77    | 0,08   | 2,53  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

ao Consumidor (INPC), aumentou 2,6% em relação a agosto e 3,1% comparativamente a novembro de 2007.

A variação do IPCA relativo à RMBH atingiu 5,34% em 2008, ante 5,86% no ano anterior, comportamento inverso ao apresentado pelo indicador nacional, que apresentou variações respectivas de 5,90% e 4,46% nos períodos considerados. A desaceleração registrada na RMBH traduziu, em especial, o comportamento dos preços monitorados, que, após aumento de 4,35% em 2007, aumentaram 0,87% em 2008, reflexo, em grande parte, da redução nas tarifas de energia elétrica. Os preços livres cresceram 7,46% em 2008, ante 6,54% no ano anterior.

O IPCA da RMBH cresceu 0,93% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,85% naquele finalizado em setembro. A variação dos preços livres atingiu 1,16%, ante 0,88% no trimestre anterior, com ênfase nas altas dos preços nos grupos despesas pessoais; alimentação, especialmente carnes e pescados; e habitação, enquanto o aumento dos preços monitorados, evidenciando a redução no preço da gasolina, recuou de 0,73% para 0,45% no período.

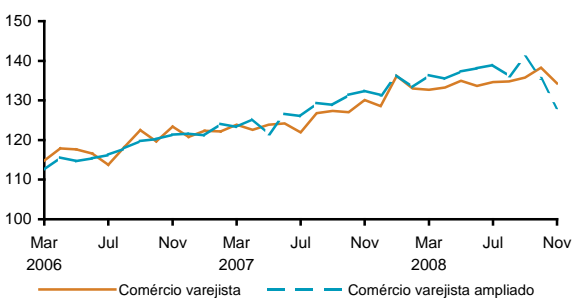
O agravamento da crise financeira internacional afetou o desempenho industrial do estado de forma acentuada. Nesse sentido, a produção de veículos, que detém peso de 16,2% na estrutura da indústria do estado, passou a refletir a retração observada na demanda doméstica, movimento consistente com o cenário de deterioração do nível de confiança e de redução do valor dos ativos financeiros de grande parte dos consumidores. Adicionalmente, os desempenhos dos setores extrativo mineral e de metalurgia básica, com pesos respectivos de 15,3% e 18,9% na indústria do estado, mostraram-se condicionados não só pela conjuntura interna, mas, principalmente, pela forte retração da demanda mundial. A esse ambiente devem ser incorporadas as perspectivas para a produção agrícola em 2009, que sugerem que o setor, contrastando com o padrão registrado em anos anteriores, não deverá contribuir para o crescimento da renda do estado. Nesse cenário, o balanço de riscos mostra-se favorável à evolução dos preços na região.

## Rio de Janeiro

A atividade econômica apresentou relativa desaceleração a partir de setembro, no estado do Rio de Janeiro, registrando-se retrações nas vendas nos segmentos do comércio varejista mais dependentes de operações de crédito; no ritmo de produção da indústria de transformação; nos indicadores de confiança; e na geração de postos de trabalho formal. O IPCA da região metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), evidenciando o comportamento dos preços de itens do grupo alimentação, apresentou, no último trimestre do ano, variação superior à registrada no país.

**Gráfico 4.11 – Comércio varejista – Rio de Janeiro**  
Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE, cresceram 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando aumentaram 0,5%, no mesmo tipo de comparação. A expansão trimestral esteve condicionada, em parte, pela manutenção do dinamismo das vendas nos segmentos móveis e eletrodomésticos, e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, que, embora dependentes de crédito, foram beneficiadas pela evolução dos respectivos preços no decorrer do ano. As vendas de combustíveis e lubrificantes, e de hipermercados e supermercados, grupos com participações expressivas no comércio local, registraram crescimento moderado no trimestre. Considerado o conceito ampliado, as vendas varejistas recuaram 2,1% no período, resultado consistente com os recuos respectivos de 0,2% e 11,7% assinalados nos segmentos material de construção e veículos, motos, partes e peças, mais dependentes de crédito.

**Tabela 4.17 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro**  
Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % 12 meses |        |       |
|-------------------------------|---------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal     | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 13,3                | 7,8    | 5,1   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 9,6                 | 8,4    | 1,0   |
| Hiper, supermercados          | 14,6                | 4,5    | 9,7   |
| Tecidos, vestuário e calçados | 13,6                | 8,7    | 4,5   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 6,3                 | 10,4   | -3,7  |
| Comércio varejista ampliado   | 12,5                | 7,9    | 4,3   |
| Automóveis e motocicletas     | 9,7                 | 8,2    | 1,4   |
| Material de construção        | 16,1                | 7,3    | 8,2   |

Fonte: IBGE

O comércio varejista do estado cresceu 7,8% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, com ênfase nas expansões das vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 29,4%; outros artigos de uso pessoal e doméstico, 13,9%; móveis e eletrodomésticos, 10,4%, enquanto a expansão no segmento hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo atingiu 4,5%, se constituindo no pior desempenho entre os grupos considerados pela pesquisa. Incorporados os aumentos das vendas de material de construção, 7,3%, e de veículos, motos, partes e peças, 8,2%, as vendas varejistas acumuladas no ano elevaram-se 7,9% no conceito ampliado.

A produção da indústria fluminense decresceu 0,2% no trimestre terminado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando, no mesmo tipo de comparação, crescera 2,1%, considerados dados dessazonalizado da PIM-PF, do

**Tabela 4.18 – Produção industrial – Rio de Janeiro**

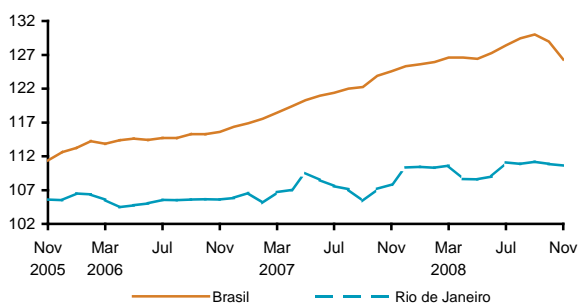
Geral e setores selecionados

| Setores                    | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |              |
|----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|--------------|
|                            |                     | 2008                  |                   |              |
|                            |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |
| Indústria geral            | 100,0               | 2,1                   | -0,2              | 2,6          |
| Indústria extrativa        | 18,5                | 3,5                   | 1,6               | 4,4          |
| Indústria de transformação | 81,5                | 2,8                   | -1,2              | 2,2          |
| Ref. de petróleo e álcool  | 12,5                | 10,2                  | -3,5              | -1,8         |
| Metalurgia básica          | 11,8                | -3,2                  | -6,5              | 1,0          |
| Alimentos                  | 8,6                 | -2,9                  | -4,3              | 0,5          |
| Outros prod. químicos      | 8,2                 | 12,8                  | -12,0             | 8,0          |
| Ed., imp. e rep. gravações | 8,0                 | 3,8                   | 0,4               | 4,2          |
| Veículos automotores       | 7,0                 | 2,7                   | 6,5               | 23,3         |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.12 – Produção industrial – Total**Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100

Fonte: IBGE

IBGE. A indústria extrativa cresceu 1,6%, ante 3,5% no trimestre finalizado em agosto, contrastando com a retração de 1,2% experimentada pela indústria de transformação, em que a persistência de resultados favoráveis no segmento veículos automotores e a recuperação observada nas indústrias farmacêutica e perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza não se mostraram suficientes para compensar os resultados desfavoráveis registrados em setores representativos no estado, a exemplo de metalurgia básica, outros produtos químicos e refino de petróleo.

Considerados períodos de doze meses encerrados em novembro de 2008 e do ano anterior, a produção industrial aumentou 2,6% no estado, resultado de elevações nas indústrias extrativa, 4,4%, e de transformação, 2,2%, esta estimulada pelo dinamismo na fabricação de veículos automotores, 23,3%.

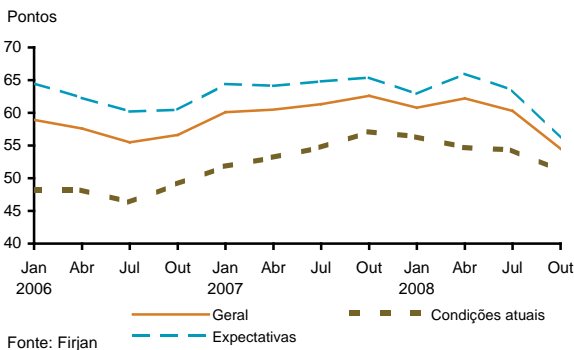
As vendas industriais reais decresceram 4,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, de acordo com dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) dessazonalizados pelo Banco Central. Ressalte-se que esse movimento, concentrado em novembro, deve ser relativizado, tendo em vista a base de referência elevada, devido à concentração de vendas do setor outros transportes, registrada em julho. As demais estatísticas divulgadas pela Firjan, envolvendo pessoal ocupado, massa salarial, horas trabalhadas e nível de utilização da capacidade instalada, ainda não refletiram, de maneira significativa, os impactos do agravamento da crise financeira internacional sobre a economia do estado.

Ainda de acordo com a Firjan, as vendas industriais reais acumuladas em doze meses aumentaram 9,9% em novembro, em relação a igual período de 2007, seguindo-se, nessa base de comparação, expansões na massa salarial real, 7,8%; nas horas trabalhadas, 6,3%; e no pessoal ocupado, 5%.

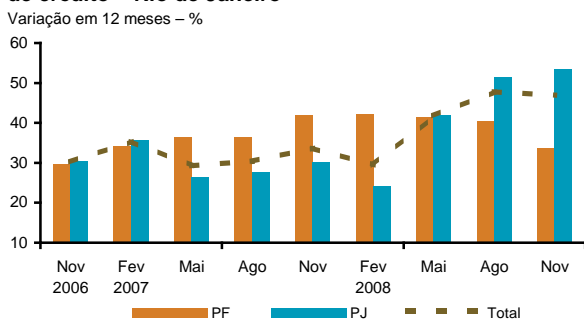
O Nuci, que atingiu 80,9% em novembro, ante 79,2% em agosto e 80,7% em novembro de 2007, reflete a ocorrência de condições operacionais heterogêneas nos distintos ramos produtivos. Nesse sentido, enquanto os segmentos produtos químicos, farmacêutica, e máquinas, aparelhos e material elétrico operam com elevada ociosidade, o Nuci associado aos segmentos vestuário e acessórios, papel e celulose, e produtos metálicos vem aumentando expressivamente, na margem.

O Índice de Confiança do Empresariado Industrial do Rio de Janeiro (Icei/RJ) atingiu 54,5 pontos em outubro,

**Gráfico 4.13 – Índice de Confiança do Empresariado Industrial – Rio de Janeiro**



**Gráfico 4.14 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro<sup>1/</sup>**



**Tabela 4.19 – Produção agrícola – Rio de Janeiro**

| Discriminação             | Em mil toneladas |                    |                         |
|---------------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                           | Produção         |                    | Variação %<br>2008/2007 |
|                           | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |                         |
| <b>Grãos</b>              |                  |                    |                         |
| Arroz (em casca)          | 8                | 8                  | 5,8                     |
| Feijão                    | 6                | 5                  | -10,5                   |
| Milho                     | 23               | 20                 | -12,8                   |
| <b>Outras lavouras</b>    |                  |                    |                         |
| Abacaxi (mil frutos)      | 42 922           | 66 294             | 54,5                    |
| Banana                    | 159              | 159                | 0,1                     |
| Café                      | 16               | 16                 | 1,6                     |
| Cana-de-açúcar            | 5 965            | 6 583              | 10,3                    |
| Coco-da-baía (mil frutos) | 77 947           | 81 093             | 4,0                     |
| Laranja                   | 56               | 57                 | 1,9                     |
| Mandioca                  | 132              | 129                | -2,1                    |
| Tomate                    | 197              | 208                | 5,8                     |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

ante 60,3 pontos em julho e 62,6 pontos em igual mês de 2007. O componente condições atuais situou-se em 51,1 pontos e o referente às expectativas, em 56,2 pontos, ambos registrando recuos expressivos nas bases de comparação consideradas. Ressalte-se que o índice de expectativas atingiu o menor patamar registrado pelo levantamento, iniciado em abril de 2005.

O saldo das operações de crédito no estado, superiores a R\$5 mil reais, totalizou R\$129,5 bilhões em novembro, elevando-se 10,8% no trimestre e 46,9% nos últimos doze meses. O estoque dessas operações, que correspondia a 12% das operações cursadas no país, concentrava-se no segmento de pessoas jurídicas, 70,6% do total, no qual se registraram expansões trimestral e anual de, respectivamente, 13,2% e 53,3%, comparativamente a, nas mesmas bases de comparação, 5,3% e 33,6% no segmento de pessoas físicas.

A análise desagregada da evolução das operações de crédito no período de doze meses revela, no segmento de pessoas jurídicas, crescimentos acentuados nos empréstimos para capital de giro e nos financiamentos rurais e agroindustriais. As operações com pessoas físicas estiveram concentradas nas modalidades arrendamento financeiro, crédito pessoal com consignação em folha de pagamento e financiamentos imobiliários. O desempenho trimestral traduziu, nas operações com pessoas jurídicas, o dinamismo dos empréstimos para capital de giro e dos financiamentos à exportação, enquanto nas operações com pessoas físicas ressaltaram-se os recuos nos estoques das operações de financiamento para veículos e crédito pessoal com consignação em folha de pagamento.

De acordo com o LSPA de dezembro, divulgado pelo IBGE, as produções de cana-de-açúcar e de café, as mais representativas do estado, apresentaram aumentos anuais respectivos de 10,3% e 1,6% em 2008. A produção de tomate, que representa cerca de 5% da safra nacional, cresceu 5,8% no ano, enquanto a colheita de abacaxi aumentou 54,5%, favorecida pela expansão da área plantada e, especialmente, por ganhos de produtividade. Entre as demais lavouras, assinalem-se as reduções nas produções de milho, 12,8%; feijão, 10,5%; e mandioca, 2,1%.

O terceiro prognóstico da safra de 2009 do estado, realizado pelo IBGE, estimou aumentos anuais acentuados para as produções de arroz, 30,7%; feijão primeira safra, 19,3%; e milho primeira safra, 9,1%, as duas últimas apresentando recuperação de áreas ocupadas. A safra de

arroz deverá se beneficiar de condições meteorológicas favoráveis e do estímulo proporcionado pelas elevadas cotações do produto.

Embora a participação do estado na pecuária nacional seja restrita e apresente trajetória decrescente, estatísticas do IBGE, disponíveis até setembro de 2008, e do Mapa, relativas a novembro, revelaram aumento substancial no abate de bovinos no estado, contrastando com a redução registrada em âmbito nacional. Esse movimento, justificado, em parte, pela redução nos abates em áreas criadoras prejudicadas pela febre aftosa, poderá se traduzir, tendo em vista o aumento do abate de novilhos e vitelos, em redução do rebanho no futuro próximo.

A balança comercial do estado acumulou superávit de US\$4,3 bilhões em 2008, ante US\$4,8 bilhões no ano anterior, de acordo com estatísticas da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/MDIC). Esse resultado refletiu elevações de 30,7% nas exportações e de 50,8% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$18,7 bilhões e US\$14,4 bilhões.

A pauta de exportação do estado segue concentrada em produtos básicos, em especial petróleo, respondendo por 94% do crescimento das vendas ao exterior em 2008. Os EUA constituíram-se no principal destino das exportações do estado, 22,7% do total, enquanto na América do Sul os principais mercados foram Chile, 7,3%, e Argentina, 3,9%. O IHH, considerados os trinta principais mercados de destino no ano, recuou 7,2%, indicando desconcentração dos destinos das exportações. Ressalte-se que o saldo comercial do estado, excluídos os óleos brutos de petróleo, apresentou deterioração acentuada ao longo de 2008, trajetória que, em ambiente de redução nos preços do produto, deverá ser intensificada no decorrer de 2009.

O aumento anual das importações refletiu a expansão generalizada das compras em todas as categorias de uso, com ênfase nos aumentos nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, 70,1%, e de bens de consumo duráveis, 57,7%, ambos superiores aos assinalados em âmbito nacional. O crescimento das importações, em linha com a depreciação do real e o arrefecimento da atividade econômica, desacelerou no trimestre encerrado em dezembro. As importações originaram-se, em especial, dos EUA e da Arábia Saudita, responsáveis, em conjunto, por 37% das aquisições anuais do estado. O IHH, considerados os trinta maiores mercados de origem, recuou 18,1% no ano, indicando desconcentração das importações do estado.

**Tabela 4.20 – Exportação por fator agregado – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões   |        |        |        |
|-----------------------------|----------------|--------|--------|--------|
|                             | Rio de Janeiro |        | Brasil |        |
|                             | 2007           | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 14 316         | 18 714 | 30,7   | 23,2   |
| Básicos                     | 8 424          | 12 542 | 48,9   | 41,5   |
| Industrializados            | 5 892          | 6 172  | 4,8    | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 318            | 188    | -40,9  | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 5 574          | 5 984  | 7,4    | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 4.21 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões   |        |        |        |
|-----------------------|----------------|--------|--------|--------|
|                       | Rio de Janeiro |        | Brasil |        |
|                       | 2007           | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 9 563          | 14 421 | 50,8   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 1 352          | 1 915  | 41,6   | 40,5   |
| Duráveis              | 584            | 920    | 57,7   | 54,0   |
| Não duráveis          | 769            | 994    | 29,4   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 3 792          | 5 227  | 37,8   | 40,2   |
| Bens de capital       | 1 518          | 2 346  | 54,6   | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 2 900          | 4 933  | 70,1   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.22 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro**  
Novos postos

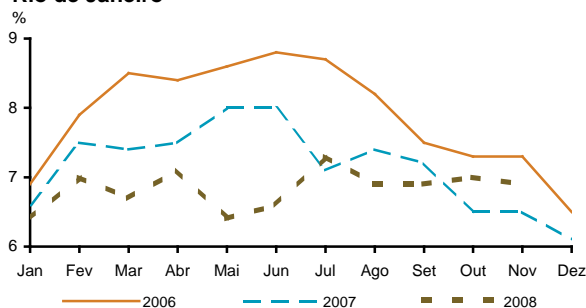
| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |      |
|-----------------------------|---|------|------|------|------|
|                             | 2007  |      | 2008 |      |      |
|                             | Nov   | Fev  | Mai  | Ago  | Nov  |
| Total                       | 58,5  | 14,8 | 55,9 | 53,7 | 54,2 |
| Ind. de transformação       | 6,3   | 0,4  | 7,9  | 9,7  | 5,0  |
| Comércio                    | 23,3  | -2,2 | 4,9  | 9,8  | 21,0 |
| Serviços                    | 24,9  | 11,3 | 27,6 | 18,1 | 23,0 |
| Construção civil            | 5,5   | 5,8  | 11,0 | 14,1 | 6,1  |
| Agropecuária                | -1,7  | -0,2 | 1,8  | 1,2  | -1,3 |
| Serv. ind. de util. pública | -0,3  | 0,7  | 1,0  | 0,1  | 0,1  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,5   | -1,1 | 1,7  | 0,8  | 0,3  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.15 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro**



Fonte: IBGE

**Tabela 4.23 – IPCA – Rio de Janeiro**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 3,80       | 1,06    | 1,77   | 6,36  |
| Livres               | 66,3                | 4,83       | 1,06    | 1,99   | 7,34  |
| Comercializáveis     | 31,2                | 4,53       | 1,03    | 2,27   | 7,18  |
| Não comercializáveis | 35,1                | 5,10       | 1,08    | 1,73   | 7,49  |
| Monitorados          | 33,7                | 1,89       | 1,07    | 1,35   | 4,47  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 22,7                | 8,56       | 0,17    | 3,36   | 11,57 |
| Habitação            | 14,5                | 1,16       | 1,87    | 1,34   | 6,59  |
| Art.residência       | 4,1                 | -0,09      | 0,04    | 3,41   | 3,99  |
| Vestuário            | 5,3                 | 3,51       | 3,12    | 3,01   | 8,78  |
| Transportes          | 20,4                | 1,96       | 1,11    | 1,36   | 4,21  |
| Saúde                | 11,0                | 3,68       | 0,92    | 1,17   | 4,68  |
| Desp. pessoais       | 8,5                 | 5,12       | 2,15    | 1,17   | 6,35  |
| Educação             | 6,8                 | 1,93       | 0,61    | 0,30   | 4,05  |
| Comunicação          | 6,8                 | 3,88       | 0,59    | -0,05  | 0,90  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

De acordo com estatísticas do Caged do MTE, foram criados, no estado, 54,2 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, ante 58,5 mil em igual período de 2007. Essa redução refletiu, em parte, o menor dinamismo na criação de empregos nos setores comércio, serviços e indústria de transformação. O nível de emprego do estado segue em linha com o comportamento do índice nacional, crescendo 1,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerando dados dessazonalizados. Nos onze primeiros meses do ano, foram criados 173,9 mil empregos formais no estado, ante 140,1 mil no mesmo período de 2007, dos quais 79 mil no setor de serviços e 37,7 mil na construção civil.

A taxa de desemprego média na RMRJ atingiu 6,9% no trimestre encerrado em novembro, de acordo com a PME do IBGE, mantendo-se estável ante igual período do ano anterior, enquanto a taxa relativa ao país recuou 1,1 p.p., para 7,6%, no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revela estabilidade da taxa de desemprego entre os trimestres encerrados em agosto e em novembro, quando se registraram acréscimos de 0,3% na ocupação e de 0,5% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas na RMRJ aumentou 7,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao mesmo período de 2007, comparativamente ao aumento de 4,9% no país, com ênfase na elevação de 10,1% percebida pelos trabalhadores do setor privado sem carteira.

O IPCA da RMRJ variou 6,36% em 2008, ante 5,9% no país, impulsionado pelos aumentos dos preços nos grupos alimentação e bebidas, 11,57%, e vestuário, 8,78%. Os preços monitorados aumentaram 4,47% no ano, enquanto os livres, evidenciando variações respectivas de 7,18% e 7,49% nos segmentos de bens comercializáveis e de bens não comercializáveis, cresceram 7,34%. Assinalem-se, no âmbito dos preços livres, as elevações nos itens tomate, 107,84%; feijão-preto, 71,34%; arroz, 37,94%; e pão francês, 20,83%, enquanto a evolução dos preços monitorados esteve associada aos reajustes nos itens ônibus urbano, 6,37%; plano de saúde 6,19%; e energia elétrica residencial, 5,9%.

O IPCA da RMRJ cresceu 1,77% no trimestre finalizado em dezembro, comparativamente à variação de 1,09% registrada pelo indicador nacional, diferença relacionada, em especial, ao desempenho dos preços no subgrupo alimentação no domicílio, que cresceram 3,57% na RMRJ e 1,46% no país. A variação trimestral do indicador regional incorporou, ainda, o aumento de 3,41% registrado

no grupo artigos de residência, atenuado, em parte, pela redução de 0,05% assinalada no grupo comunicação.

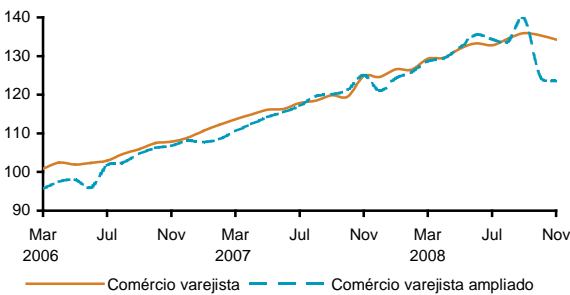
Os indicadores econômicos estaduais revelaram desaceleração do nível de atividade no final de 2008 – expressa em paralisações de linhas de produção, reduções de turnos de trabalho e férias coletivas. Os fluxos externos tendem a refletir o desaquecimento da economia mundial e o menor dinamismo da economia doméstica, enquanto a deterioração das expectativas de empresários e de consumidores e as restrições impostas pelo canal de crédito devem influenciar as decisões de investimentos e afetar as vendas, com desdobramentos sobre o mercado de trabalho e a geração de renda. Nesse ambiente, é reforçada a importância do êxito de medidas anticíclicas adotadas internamente.



## São Paulo

**Gráfico 4.16 – Comércio varejista – Sudeste**

Dados dessazonalizados  
2004 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 4.24 – Índice de vendas no varejo – São Paulo**

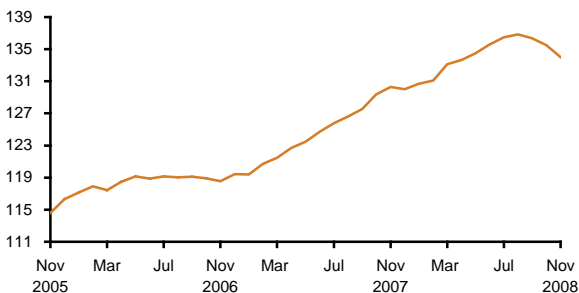
| Discriminação                              | Variação percentual |      |      |       |
|--|---------------------|------|------|-------|
|  | 2008                |      |      |       |
|  | Fev                 | Mai  | Ago  | Nov   |
| Trimestre/trimestre anterior <sup>1/</sup> |                     |      |      |       |
| Comércio varejista                         | 3,7                 | 3,5  | 2,5  | 1,2   |
| Combustíveis e lubrificantes               | 3,6                 | 3,4  | 6,2  | -0,8  |
| Hiper, supermercados                       | 1,0                 | 2,3  | 3,0  | 1,8   |
| Tecidos, vestuário e calçados              | 5,9                 | 4,4  | -1,3 | -3,1  |
| Móveis e eletrodomésticos                  | 5,6                 | 8,5  | 0,2  | 2,7   |
| Comércio varejista ampliado                | 1,3                 | 5,1  | 3,5  | -3,9  |
| Automóveis e motocicletas                  | 2,2                 | 11,3 | 0,1  | -14,5 |
| Material de construção                     | -4,6                | 5,7  | 2,5  | -0,6  |

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.17 – Produção industrial – São Paulo**

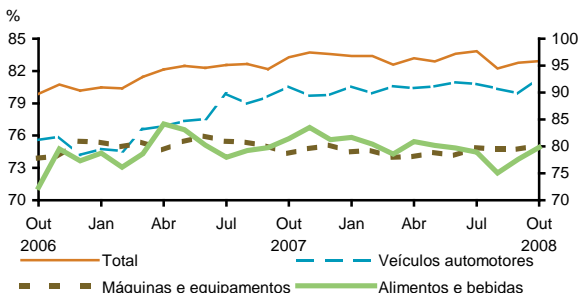
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Gráfico 4.18 – Utilização da capacidade instalada na indústria de transformação – São Paulo**

Dados dessazonalizados



Fonte: Fiesp

A economia do estado de São Paulo apresentou, a partir de outubro, perda significativa do dinamismo observado ao longo do ano, registrando-se recuo da produção industrial e reduções significativas nas taxas de crescimento do comércio varejista e dos fluxos de comércio exterior. A expectativa em relação ao comportamento da atividade econômica também se traduziu em desaceleração do crescimento dos índices de preços no estado, a exemplo do ocorrido em âmbito nacional, atingindo vários grupos de agregação do índice.

As vendas do comércio varejista paulista cresceram 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando registraram expansão de 2,5%, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Incorporadas as retrações registradas nos segmentos veículos, motos, partes e peças, 14,5% – atingidos intensamente pela restrição de crédito e pela deterioração das expectativas –, e material de construção, 0,6%, as vendas varejistas recuaram 3,9% no conceito ampliado, ante a elevação de 3,5% observada no trimestre finalizado em agosto.

O comércio do estado cresceu 13,4% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2007, ressaltando-se as expansões nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 20,4%, e combustíveis e lubrificantes, 13,4%. Considerado o conceito ampliado, o aumento atingiu 12,5%, consistente com os desempenhos dos segmentos veículos, 11,7%, e material de construção, 8,5%.

A produção industrial de São Paulo recuou 2,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando, na mesma base de comparação, crescera 1,8%, considerados dados dessazonalizados da PIM do IBGE. Ocorreram reduções nas produções de treze dos vinte setores pesquisados, destacando-se as contribuições negativas dos grupos outros produtos químicos e refino de petróleo e álcool, e os resultados favoráveis associados às atividades indústria farmacêutica e outros equipamentos de transporte. A produção da indústria acumulada em doze meses aumentou 7% em novembro, em relação a igual período de 2007, revelando desaceleração em relação à expansão de 8,8% registrada, nesse tipo de comparação, em agosto.

Dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) ratificam a perda de dinamismo, na margem, da atividade fabril. As vendas

**Tabela 4.25 – Produção industrial – São Paulo**

Geral e setores selecionados

| Setores                  | Variação % trimestral    |                   |              |      |
|--------------------------|--------------------------|-------------------|--------------|------|
|                          | Pesos <sup>1/</sup> 2008 |                   |              |      |
|                          | Ago <sup>2/</sup>        | Nov <sup>2/</sup> | Ac. 12 meses |      |
| Indústria geral          | 100,0                    | 1,8               | -2,1         | 7,0  |
| Veículos automotores     | 12,3                     | 2,9               | -3,3         | 13,2 |
| Máquinas e equipamentos  | 9,9                      | 0,0               | 1,6          | 9,6  |
| Alimentos                | 10,0                     | -2,5              | 3,1          | -1,7 |
| Refino de petr. e álcool | 7,5                      | 12,4              | -8,6         | -1,1 |
| Outros prod. químicos    | 7,5                      | -0,4              | -12,6        | 4,1  |
| Farmacêutica             | 6,2                      | 14,2              | 7,4          | 15,2 |

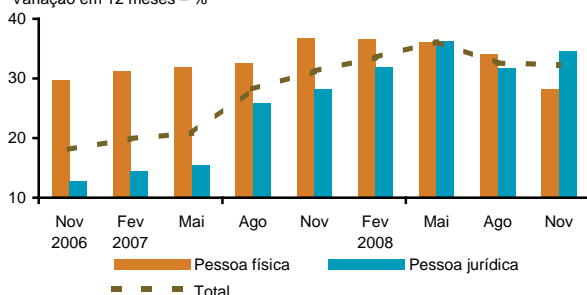
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.19 – Evolução do saldo das operações de crédito – SP<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 4.26 – Produção agrícola – São Paulo**

Itens selecionados

| Discriminação                | Em mil toneladas |                    |                     |
|------------------------------|------------------|--------------------|---------------------|
|                              | Produção         |                    | Var. %<br>2008/2007 |
|                              | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |                     |
| Produção de grãos            | 6 312            | 7 134              | 13,0                |
| Arroz (em casca)             | 71               | 82                 | 16,2                |
| Feijão                       | 315              | 277                | -12,0               |
| Milho                        | 3 922            | 4 673              | 19,2                |
| Soja                         | 1 429            | 1 447              | 1,2                 |
| Outras lavouras selecionadas |                  |                    |                     |
| Café                         | 235              | 277                | 18,2                |
| Cana-de-açúcar               | 327 684          | 387 507            | 18,3                |
| Laranja                      | 14 694           | 14 688             | 0,0                 |
| Tomate                       | 713              | 770                | 7,9                 |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

reais da indústria do estado registaram estabilidade e as horas trabalhadas na produção recuaram 4,2% no trimestre finalizado em dezembro, em relação ao encerrado em setembro, quando esses indicadores haviam registrado, na ordem, decréscimo de 1,3% e aumento de 0,5%, no mesmo tipo de comparação. O Nuci atingiu 80,3% em dezembro, ante 82,2% em setembro.

O saldo da carteira de crédito do estado de São Paulo, consideradas as operações acima de R\$5 mil, cresceu 32,3% em novembro, em relação a igual mês de 2007, refletindo aumentos de 28,2% no volume de empréstimos a pessoas físicas e de 34,6% no relativo a pessoas jurídicas. O estoque dessas operações aumentou 8,2% em relação a agosto, evidenciando variações respectivas de 4,1% e 10,5% nos dois segmentos. Ressalte-se que o desempenho do segmento pessoas jurídicas traduz, em grande parte, a demanda de empresas por recursos no mercado interno, em face da restrição experimentada pelos canais de crédito externos, após a intensificação da crise nos mercados financeiros internacionais. O saldo das operações de crédito do estado representou, ao final de novembro, 33,6% das operações registradas no país e 59,5% das relativas à região Sudeste, das quais 65,3% no segmento de pessoas jurídicas.

A safra de grãos do estado aumentou 13% em 2008, totalizando 7,1 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. Esse resultado foi impulsionado, em especial, pelo crescimento de 19,2% registrado na produção de milho, que atingiu 4,7 milhões de toneladas. As produções de café e de cana-de-açúcar aumentaram, na ordem, 18,2% e 18,3%, a primeira em ciclo bianual de alta e a segunda refletindo expansão de 9,6% na área plantada.

De acordo com o terceiro prognóstico do IBGE, a produção paulista de grãos deverá recuar em 2009, em relação ao ano anterior, refletindo a perspectiva de retração anual de 8,3% na safra de milho, que traduz a conjuntura desfavorável para o seu cultivo, associada à redução de preço devido a frustrações de expectativas de exportação e ao aumento do custo de insumos agrícolas.

De acordo com estatísticas do Mapa, o volume de abate de bovinos e de suínos recuou 17,1% e 8,7%, respectivamente, nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período anterior, quando haviam apresentado aumentos respectivos de 0,8% e 5,9%, no mesmo tipo de comparação. Os dados do Mapa referem-se a estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, representando, no estado, cerca de 90% dos abates de bovinos e 95% do relativo a suínos.

**Tabela 4.27 – Prognóstico para 2009 – São Paulo**

Itens selecionados

| Discriminação        | Em mil toneladas |                    |            |
|----------------------|------------------|--------------------|------------|
|                      | Produção         |                    | Variação % |
|                      | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> |            |
| Arroz                | 82               | 80                 | -2,6       |
| Feijão <sup>2/</sup> | 100              | 142                | 41,1       |
| Milho <sup>2/</sup>  | 3 711            | 3 403              | -8,3       |
| Soja                 | 1 447            | 1 506              | 4,1        |

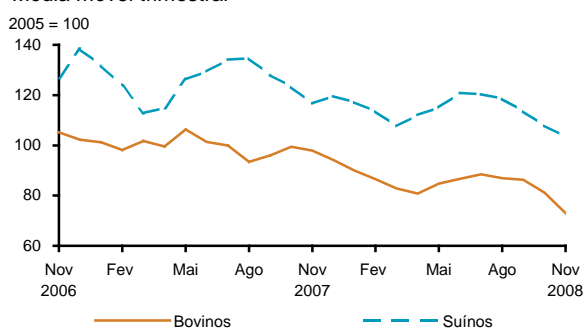
Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

2/ Primeira safra.

**Gráfico 4.20 – Abates de animais – São Paulo**

Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

**Tabela 4.28 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | São Paulo    |        | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 51 734       | 57 703 | 11,5   | 23,2   |
| Básicos                     | 3 552        | 4 583  | 29,0   | 41,5   |
| Industrializados            | 48 183       | 53 120 | 10,2   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 4 706        | 4 386  | -6,8   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 43 476       | 48 734 | 12,1   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A balança comercial de São Paulo apresentou déficit de US\$8,6 bilhões em 2008, ante superávit de US\$3,3 bilhões no ano anterior, registrando-se acréscimos anuais de 11,5% nas exportações e de 37% nas importações. A taxa de crescimento das exportações, significativamente inferior à observada na região, refletiu, em especial, a elevação de 12,1% registrada nas vendas de manufaturados, que detém participação expressiva na pauta do estado, destacando-se, nesta categoria, o desempenho dos itens álcool etílico, 75,7%, e aviões, 21%. As exportações de produtos básicos, favorecidas pelos aumentos nos embarques de óleos brutos de petróleo, 117,3%, e soja, 90,5%, elevaram-se 29% no ano, enquanto as relativas a semimanufaturados, influenciadas pelas retrações nas vendas de catodos de níquel, 44,4%, produtos de ferro e aço, 34,8%, e ligas de alumínio, 25,9%, recuaram 6,8%. As exportações do estado mantiveram-se estáveis no trimestre encerrado em dezembro, em relação a igual período de 2007, registrando-se elevações nas relativas a produtos básicos, 14,8%, e a semimanufaturados, 1,2%, e recuo de 1,4% nas vendas de manufaturados. Os três principais mercados de destino foram EUA, Argentina e México, que adquiriram 34,2% das vendas do estado, enquanto o IHH relativo aos trinta principais países de destino cresceu 0,9% no ano, indicando aumento anual da concentração das exportações.

As importações cresceram 37% em 2008, comparativamente a expansões respectivas de 40,4% e 43,6% na região Sudeste e no país. Foram observados aumentos em todas as categorias de uso, com ênfase no registrado nas compras de bens de consumo duráveis, 45,1%, impulsionadas pelas aquisições de automóveis. As aquisições de bens de capital elevaram-se 41,4%, sobressaindo as relativas a dispositivos de cristais líquidos; seguindo-se as de combustíveis e lubrificantes, 36,4%, com destaque para as compras de querosene de aviação e de óleo diesel, e as referentes a bens intermediários, 36,3%, impulsionadas pelas aquisições de outros cloretos de potássio. As importações registraram crescimento de 18,9% quando considerados os trimestres encerrados em dezembro de 2008 e do ano anterior, resultado de elevações generalizadas – mas em ritmo inferior ao assinalado nos nove primeiros meses do ano – das aquisições em todas as categorias de uso, movimento que evidencia, em parte, o impacto da crise na economia mundial sobre a demanda por importados. Os três principais mercados de origem foram EUA, China e Alemanha, responsáveis por 40,5% das compras do estado, enquanto o IHH relativo aos trinta principais mercados de origem recuou 1,6% no ano, indicando redução da concentração das importações ante o observado em 2007.

**Tabela 4.29 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação         | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                       | São Paulo    |        |        | Brasil |
|                       | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                 | 48 419       | 66 341 | 37,0   | 43,6   |
| Bens de consumo       | 5 774        | 7 611  | 31,8   | 40,5   |
| Duráveis              | 2 038        | 2 957  | 45,1   | 54,0   |
| Não duráveis          | 3 736        | 4 654  | 24,6   | 26,2   |
| Bens intermediários   | 24 489       | 33 381 | 36,3   | 40,2   |
| Bens de capital       | 11 802       | 16 683 | 41,4   | 43,0   |
| Comb. e lubrificantes | 6 354        | 8 666  | 36,4   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.30 – Evolução do emprego formal – São Paulo**

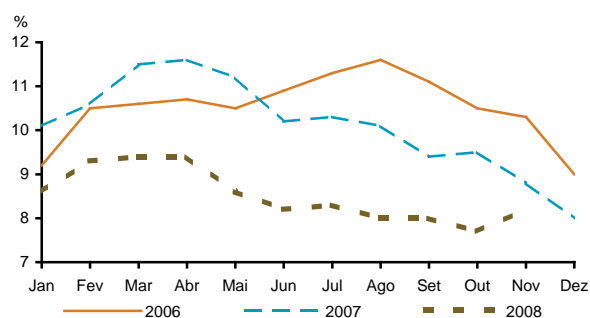
Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |       |       |       |       |
|-----------------------------|---|-------|-------|-------|-------|
|                             | 2007  |       | 2008  |       |       |
|                             | Nov   | Fev   | Mai   | Ago   | Nov   |
| Total                       | 180,8   | -10,1 | 311,3 | 250,4 | 85,7  |
| Ind. de transformação       | 37,8  | -8,5  | 103,5 | 38,2  | -10,6 |
| Comércio                    | 63,9  | 12,2  | 30,1  | 50,5  | 47,6  |
| Serviços                    | 85,5  | 34,9  | 93,7  | 88,2  | 73,6  |
| Construção civil            | 19,5  | 20,3  | 20,4  | 21,3  | 4,3   |
| Agropecuária                | -28,7   | -69,2 | 55,1  | 44,0  | -27,2 |
| Serv. ind. de util. pública | 0,5   | 1,2   | 0,6   | 0,9   | -0,1  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 2,1   | -1,0  | 7,9   | 7,3   | -1,9  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.21 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo**

Fonte: IBGE

De acordo com o Caged/MTE, foram gerados, no estado, 85,7 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 180,8 mil em igual período de 2007, recuo associado, em grande parte, à redução de 78% observada nas contratações da construção civil e à eliminação de 10,6 mil postos de trabalho na indústria de transformação, setor onde ocorrera a criação de 37,8 mil empregos no trimestre encerrado em novembro de 2007. Nos onze primeiros meses do ano, foram criadas 811 mil vagas formais no estado, representando acréscimo de 3,3% em relação a igual período de 2007, com ênfase na expansão de 18% experimentada pelo setor de serviços. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

A taxa média de desemprego da região metropolitana de São Paulo (RMSP) situou-se em 8% no trimestre encerrado em novembro, ante 9,2% em igual trimestre de 2007, segundo a PME do IBGE, refletindo aumentos de 4,2% no pessoal ocupado e de 2,8% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido e a massa salarial elevaram-se 3,6% e 8%, respectivamente, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 8,1% no trimestre finalizado em novembro, ante 8% naquele finalizado em agosto.

O IPCA da RMSP variou 5,61% em 2008, ante 3,89% no ano anterior, refletindo acelerações tanto nos preços livres, de 5,61% para 6,25%, quanto nos monitorados, de -0,02% para 4,02%. Ressalte-se que a evolução dos preços nesse segmento traduziu, em especial, reajustes nas tarifas de energia elétrica residencial, 9,95%; de telefonia fixa, 5,55%; e nos preços dos produtos farmacêuticos, 5,34%, que haviam registrado, na ordem, variações de -15,53%, 0,34% e -1,33% em 2007.

A variação do IPCA atingiu 0,73% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,27% naquele finalizado em setembro, desaceleração associada, em parte, ao impacto mais acentuado da redução das variações dos preços nos grupos saúde, habitação, transportes, despesas pessoais e artigos de residência, em relação ao proporcionado pela aceleração dos preços no grupo vestuário.

A economia do estado de São Paulo, em linha com a trajetória registrada na região, passou a refletir, nos últimos meses do ano, os impactos do acirramento da crise financeira internacional. Espera-se que o ambiente de deterioração das expectativas de empresários e consumidores e de redução

**Tabela 4.31 – IPCA – São Paulo**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 3,89       | 1,27    | 0,73   | 5,61  |
| Livres               | 71,4                | 5,61       | 1,17    | 0,81   | 6,25  |
| Comercializáveis     | 30,7                | 5,30       | 0,77    | 0,42   | 6,11  |
| Não comercializáveis | 40,7                | 5,85       | 1,49    | 1,11   | 6,38  |
| Monitorados          | 28,6                | -0,02      | 1,52    | 0,53   | 4,02  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 21,2                | 11,17      | 1,15    | 1,01   | 10,44 |
| Habitação            | 13,0                | -0,11      | 2,14    | 1,46   | 6,31  |
| Art.residência       | 4,3                 | -5,00      | 1,05    | -0,27  | 1,70  |
| Vestuário            | 6,1                 | 2,82       | 1,07    | 3,36   | 9,43  |
| Transportes          | 20,7                | 0,92       | 0,46    | -0,70  | 1,05  |
| Saúde                | 10,2                | 4,64       | 1,59    | 0,51   | 6,50  |
| Desp. pessoais       | 10,6                | 7,22       | 2,82    | 1,56   | 6,90  |
| Educação             | 7,7                 | 5,56       | -0,11   | 0,18   | 3,10  |
| Comunicação          | 6,3                 | 0,63       | 1,64    | 0,80   | 2,95  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

da demanda global, que se traduziu em arrefecimento das atividades industrial e varejista e na redução dos fluxos externos a partir de meados de 2008, mostre sinais de recuperação nos próximos trimestres, em resposta às medidas de estímulo adotadas pelo governo e de uma eventual recuperação na economia mundial.

A economia da região Sul, mesmo apresentando, na margem, redução da produção da indústria e desaceleração tanto das vendas varejistas quanto dos fluxos comerciais com o exterior, seguiu registrando dinamismo no trimestre encerrado em novembro de 2008. Ressalte-se que o arrefecimento assinalado no período, além de se mostrar consistente com as mudanças no cenário econômico mundial, foi influenciado pelos efeitos dos distúrbios climáticos registrados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Os preços ao consumidor apresentaram desaceleração no último trimestre do ano, trajetória que deverá persistir nos próximos meses, conforme antecipado pelo recuo experimentado pelo índice de difusão no mesmo período.

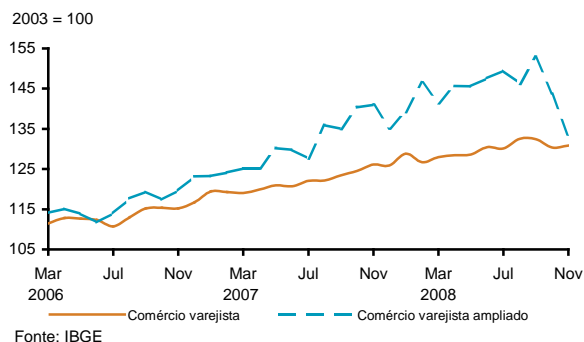
**Tabela 5.1 – Índice de vendas no varejo – Sul**  
Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % acumulada em 12 meses |        |       |
|-------------------------------|----------------------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal                  | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 11,8                             | 7,1    | 4,4   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 3,8                              | 3,9    | -0,1  |
| Hiper, supermercados          | 14,0                             | 3,8    | 9,8   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 9,1                              | 12,0   | -2,6  |
| Tecidos, vestuário e calçados | 8,4                              | 4,3    | 3,9   |
| Comércio varejista ampliado   | 15,4                             | 10,8   | 4,2   |
| Automóveis e motocicletas     | 21,2                             | 18,2   | 2,5   |
| Material de construção        | 18,4                             | 9,5    | 8,1   |

Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista registraram crescimento de 0,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 2,1%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados da PMC do IBGE, dessazonalizados pelo Banco Central. Registraram-se, no período, aumentos nas vendas dos segmentos hiper e supermercados, 0,1%; e móveis e eletrodomésticos, 0,2%, contrastando com os recuos nas relativas a tecidos, vestuário e calçados, 2,1%; e combustíveis e lubrificantes, 0,1%. O comércio varejista da região, considerado o conceito ampliado, recuou 3,1% no trimestre, refletindo reduções de 9% nas vendas de automóveis e motocicletas, afetadas pelas restrições no mercado de crédito, e de 5,6% nas referentes a material de construção.

**Gráfico 5.1 – Comércio varejista – Sul**  
Dados dessazonalizados  
2003 = 100



As vendas acumuladas em doze meses cresceram 7,1% em novembro, em relação ao período correspondente de 2007, impulsionadas pelas expansões nos segmentos material de escritório e informática, 64,6%, e móveis e eletrodomésticos, 12%. No conceito ampliado, a expansão atingiu 10,8% nessa base de comparação, registrando-se crescimentos de 9,5% nas vendas de material de construção e de 18,2% nas relativas a automóveis e motocicletas.

A atividade varejista, em linha com a deterioração da confiança do consumidor e a piora das condições de crédito, deverá registrar desaceleração no decorrer de 2009, em especial nos segmentos em que os bens incorporam maior valor agregado e apresentam, portanto, maior sensibilidade a variações na renda e nas taxas de juros. Em sentido inverso, as vendas de combustíveis, evidenciando o acréscimo acentuado da frota em circulação ao longo de 2008, e as relativas à construção civil, impulsionadas pela continuidade das obras do PAC, deverão seguir apresentando dinamismo em 2009.

A produção industrial da região, acumulada em doze meses, cresceu 5,2% em novembro, em relação a igual período de 2007, segundo a PIM-PF do IBGE. Das dezenove atividades pesquisadas da indústria de transformação, doze, representando 77,6% da produção, apresentaram resultados favoráveis, em especial veículos automotores, 23,7%; outros equipamentos de transporte, 17%; e minerais não metálicos, 13,3%, enquanto os recuos mais significativos ocorreram nas produções de madeira, 9,3%; fumo, 7,8%; e calçados, 7,1%.

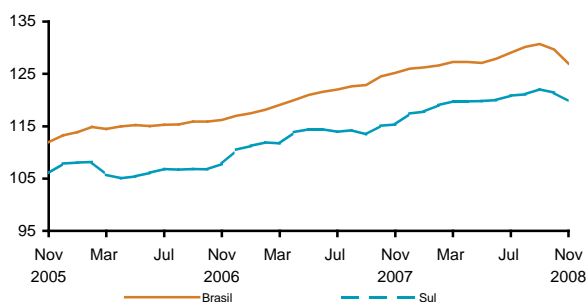
Os efeitos da crise econômica mundial impactaram, na margem, a produção da indústria da região, que recuou 1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 1% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. O recuo trimestral ganha maior relevância a partir da identificação das reduções mensais registradas em outubro, 2,6%, e em novembro, 3,9%. Ressaltem-se, no trimestre, o aumento de 5,8% no segmento produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos, contrastando com a retração de 14,6% observada na atividade outros produtos químicos.

Indicadores da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes) do IBGE ratificaram a desaceleração da indústria da região. Nesse sentido, o nível de emprego industrial, o número de horas pagas e a folha real de pagamentos, após registrarem expansões respectivas de 1,4%, 1,2% e 5,3% no período de doze meses encerrado em agosto, em relação a igual intervalo de 2007, elevaram-se, na ordem, 1%, 0,7% e 4,9% em novembro, na mesma base de comparação.

O Índice de Confiança do Empresariado Industrial do Rio Grande do Sul (Icei/RS), medido pela CNI, evidenciando reduções nas avaliações das condições atuais da economia e das expectativas para os próximos seis meses, recuou 6,2 p.p. em outubro, em relação a julho, comparativamente à redução de 5,6 p.p. no índice do país, situando-se em 50,3

**Gráfico 5.2 – Produção industrial – Sul**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul**

Geral e setores selecionados

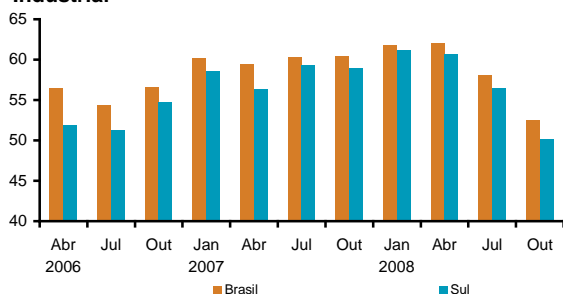
| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |       |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|-------|
|                             |                     | 2008                  |                   |       |
|                             |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Acum. |
|                             |                     | 12 meses              |                   |       |
| Indústria geral             | 100,0               | 1,0                   | -1,0              | 5,2   |
| Alimentos                   | 20,2                | -2,8                  | 2,8               | 1,7   |
| Veículos automotores        | 12,0                | 6,3                   | 0,1               | 23,7  |
| Máquinas e equipamentos     | 11,1                | -1,9                  | 1,3               | 11,3  |
| Refino de petróleo e álcool | 7,9                 | -5,7                  | -1,9              | 2,0   |
| Outros produtos químicos    | 6,0                 | 15,7                  | -14,6             | -5,9  |
| Borracha e plástico         | 4,8                 | 6,6                   | -5,3              | 6,7   |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

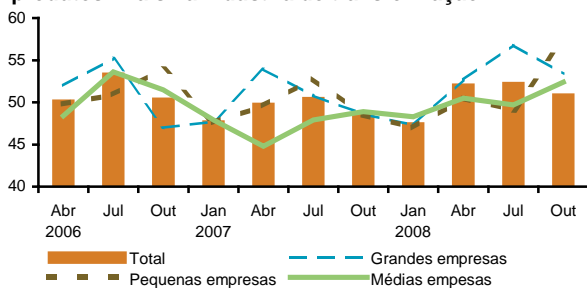
**Gráfico 5.3 – Índice de Confiança do Empresariado Industrial<sup>1/</sup>**



Fonte: CNI

1/ O índice varia entre 0 e 100.

**Gráfico 5.4 – Evolução do nível de estoques de produtos finais na indústria de transformação<sup>1/</sup>**



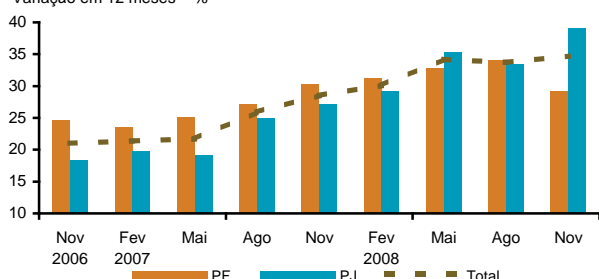
1/ O índice varia entre 0 e 100. Acima de 50 significa estoques acima do planejado.

pontos. No mesmo período, o nível de estoques de produtos finais declinou 2,7 p.p., para 50,9 pontos, evidenciando redução nas grandes empresas e elevação nos relativos às pequenas e médias.

Resultados preliminares divulgados pelo Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC) revelaram aumento anual de 23,9% nas vendas do produto em 2008, ante expansão de 29,8% nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007. Esses percentuais evidenciam o maior dinamismo do setor na região, em relação ao registrado no país, em que as vendas assinalaram altas respectivas de 14,2% e de 12,4%, nas mesmas bases de comparação.

**Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$210,1 bilhões em novembro, 19,4% do total do país, elevando-se 10,2% em relação a agosto e 34,7% em doze meses. Os empréstimos para pessoas físicas atingiram R\$89,7 bilhões, com expansões de 8,2% no trimestre e de 29,3% em doze meses, enquanto os destinados ao segmento de pessoas jurídicas, que cresceram, na ordem, 11,7% e 39,1%, totalizaram R\$120,4 bilhões. Ressalte-se, no trimestre encerrado em novembro, o menor dinamismo das contratações referentes às modalidades financiamentos para veículos e exportações e empréstimos consignados.

**Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

| Discriminação    | Em mil toneladas |                             |                      |
|------------------|------------------|-----------------------------|----------------------|
|                  | Produção 2007    | Produção 2008 <sup>1/</sup> | Variação % 2008/2007 |
| Grãos            | 60 163           | 61 319                      | 1,9                  |
| Arroz (em casca) | 7 553            | 8 562                       | 13,4                 |
| Feijão           | 1 124            | 1 047                       | -6,8                 |
| Milho            | 24 021           | 24 781                      | 3,2                  |
| Soja             | 22 917           | 20 617                      | -10,0                |
| Trigo            | 3 851            | 5 599                       | 45,4                 |
| Outras lavouras  |                  |                             |                      |
| Fumo             | 884              | 824                         | -6,8                 |
| Maçã             | 1 111            | 1 119                       | 0,7                  |
| Uva              | 858              | 936                         | 9,1                  |
| Mandioca         | 5 377            | 5 966                       | 11,0                 |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

A produção de grãos da região Sul elevou-se 1,9% em 2008, segundo o LSPA de dezembro, do IBGE. Esse resultado refletiu os aumentos observados nas safras de trigo, 45,4%, e arroz, 13,4%, enquanto, em sentido inverso, as culturas de soja e feijão apresentaram reduções respectivas de 10% e 6,8%. Embora os preços médios dos principais produtos agrícolas tenham crescido no ano, em linha com a intensificação da demanda mundial observada até o acirramento da crise nos mercados financeiros, os preços de produtos importantes na estrutura agrícola da região experimentaram recuo acentuado na margem. Nesse sentido, os preços médios de milho, soja e trigo registraram retrações respectivas de 16,7%, 4,3% e 16,4% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro.

O Terceiro Levantamento de Intenção de Plantio da Safra de Grãos 2009, realizado pelo IBGE, em dezembro, projeta retração anual de 7% para a produção da região. Esse resultado incorpora expectativas de crescimento para as safras de arroz, 1,9%, e de feijão, 0,7%, em oposição aos recuos estimados para as culturas de trigo, 16,6%; milho, 12,9%; e soja, 1,2%. O desempenho negativo da safra de milho, além de refletir os aumentos dos custos de produção,



**Tabela 5.4 – Prognósticos para 2009 – Sul**

Itens selecionados

| Discriminação | Em mil toneladas |                    |            |
|---------------|------------------|--------------------|------------|
|               | Produção         |                    | Variação % |
|               | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> |            |
| Arroz         | 8 562            | 8 725              | 1,9        |
| Feijão        | 1 047            | 1 054              | 0,7        |
| Milho         | 24 781           | 21 576             | -12,9      |
| Soja          | 20 617           | 21 379             | -1,2       |
| Trigo         | 5 599            | 4 668              | -16,6      |

Fonte: IBGE

1/ Terceiro prognóstico, de dezembro de 2008.

**Tabela 5.5 – Indicadores da pecuária – Sul**

Janeiro-novembro2008/Janeiro-novembro2007

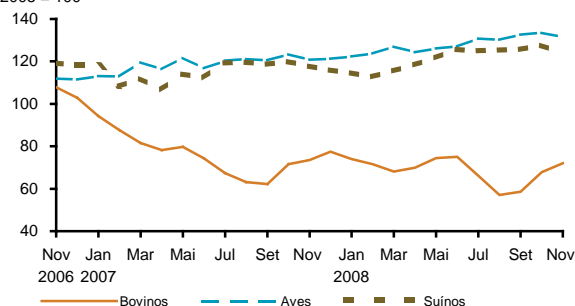
| Discriminação | Variação %                |                     |                 |
|---------------|---------------------------|---------------------|-----------------|
|               | Abates<br>(nº de animais) | Exportações<br>(kg) | Preços<br>(R\$) |
| Bovinos       | -7,6                      | 10,3                | 30,2            |
| Suínos        | 5,9                       | -11,8               | 45,1            |
| Aves          | 8,4                       | 11,1                | 21,8            |

Fontes: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC.

**Gráfico 5.6 – Abates de animais – Sul**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 5.6 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | Sul          |        | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 34 752       | 41 964 | 20,8   | 23,2   |
| Básicos                     | 12 638       | 16 342 | 29,3   | 41,5   |
| Industrializados            | 22 115       | 25 622 | 15,9   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 3 006        | 3 473  | 15,5   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 19 108       | 22 149 | 15,9   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

as cotações deprimidas do produto e os elevados estoques existentes, estará condicionado aos problemas climáticos registrados na região – chuvas excessivas no litoral e seca no oeste, que também impactaram negativamente as safras de feijão e de soja.

De acordo com o Mapa, os abates de aves e de suínos registraram aumentos respectivos de 8,4% e 5,9% nos onze primeiros meses do ano, em relação ao período correspondente de 2007, passando a representar, na ordem, 62,3% e 73,1% da produção nacional do período. Em sentido oposto, os abates de bovinos recuaram 7,6%, na mesma base comparação. A produção de leite apresentou expansão de 14,3% em 2008, segundo estatísticas do IBGE e da Embrapa Gado de Leite, comparativamente à elevação de 9,5% no país.

O superávit do comércio externo da região atingiu US\$4,9 bilhões em 2008, recuando 53,6% em relação ao registrado no ano anterior, resultado de expansões de 20,8% nas exportações e de 53,2% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$42 bilhões e US\$37,1 bilhões. Ressalte-se que o dinamismo dos fluxos externos da região – considerados os nove primeiros meses de 2008 e do ano anterior, as vendas e as compras externas registram expansões respectivas de 30,4% e 70,9% –, além de refletir a desaceleração da atividade econômica mundial, foi sensibilizado, em novembro, pelo impacto das chuvas sobre o funcionamento de importante porto e de algumas estradas em Santa Catarina.

O desempenho das exportações refletiu o aumento de 29,3% nos embarques de produtos básicos, com ênfase nos aumentos das vendas de carnes, 33,1%, e de soja, 27,2%, seguindo-se os relativos a manufaturados, 15,9%, e a semimanufaturados, 15,5%. A redução nos preços observada no último trimestre em importantes produtos da pauta da região, em cenário de desaceleração da demanda externa, sugere a continuidade, em 2009, da perda recente de dinamismo registrada em 2008, quando as exportações se destinaram, em especial, aos EUA, 10,3% do total; Argentina, 8,9%; e China, 8,7%. O IHH das exportações, considerados os trinta principais destinos, aumentou 3,4% no ano, indicando maior concentração das vendas externas em 2008.

A evolução anual das importações traduziu elevações nas aquisições de matérias-primas, 57,2%, com ênfase nas relativas a outros cloretos de potássio, 164,4%; bens de capital, 52,6%, impulsionadas pelo aumento de

**Tabela 5.7 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação   | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------|--------------|--------|--------|--------|
|                 | Sul          |        | Brasil |        |
|                 | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total           | 24 186       | 37 065 | 53,2   | 43,6   |
| Bens de capital | 3 643        | 5 558  | 52,6   | 43,0   |
| Matérias-primas | 12 087       | 19 000 | 57,2   | 40,2   |
| Bens de consumo | 3 285        | 4 765  | 45,1   | 40,5   |
| Duráveis        | 2 254        | 3 104  | 37,7   | 54,0   |
| Não duráveis    | 1 031        | 1 661  | 61,1   | 26,2   |
| Combustíveis    | 5 172        | 7 742  | 49,7   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.8 – Evolução do emprego formal – Sul**

Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |       |      |      |
|-----------------------------|---|------|-------|------|------|
|                             | 2007  |      | 2008  |      |      |
|                             | Nov   | Fev  | Mai   | Ago  | Nov  |
| Total                       | 133,3   | 42,4 | 120,2 | 88,0 | 75,9 |
| Ind. de transformação       | 40,2  | 4,9  | 49,8  | 27,1 | -4,5 |
| Comércio                    | 44,4  | 7,5  | 23,2  | 20,5 | 37,0 |
| Serviços                    | 28,4  | 16,2 | 33,3  | 30,6 | 29,7 |
| Construção civil            | 6,0   | 5,5  | 12,2  | 15,1 | 2,7  |
| Agropecuária                | 13,8  | 8,2  | -1,8  | -8,7 | 9,9  |
| Serv. ind. de util. pública | -0,1  | 0,1  | 0,2   | 0,8  | 0,3  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,5   | -0,1 | 3,3   | 2,6  | 0,7  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Tabela 5.9 – IPCA – Sul**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       |         | 2008   |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 3,61       | 1,14    | 0,88   | 6,04  |
| Livres               | 71,9                | 4,49       | 1,27    | 1,05   | 7,46  |
| Comercializáveis     | 34,9                | 4,10       | 0,76    | 1,11   | 6,74  |
| Não comercializáveis | 37,0                | 4,86       | 1,76    | 1,00   | 8,16  |
| Monitorados          | 28,1                | 1,47       | 0,82    | 0,42   | 2,46  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 22,2                | 8,40       | 0,71    | 1,83   | 11,85 |
| Habituação           | 13,8                | 1,51       | 1,51    | 0,91   | 5,10  |
| Art.residência       | 4,7                 | -2,01      | 0,64    | -0,31  | 1,17  |
| Vestuário            | 6,9                 | 1,56       | 0,94    | 2,81   | 7,19  |
| Transportes          | 20,4                | 1,72       | 1,72    | -0,31  | 2,92  |
| Saúde                | 10,3                | 4,42       | 1,05    | 0,53   | 4,63  |
| Desp. pessoais       | 10,4                | 4,59       | 1,82    | 1,59   | 6,54  |
| Educação             | 6,3                 | 3,14       | 0,33    | 0,12   | 4,87  |
| Comunicação          | 5,0                 | -0,92      | 0,24    | 0,14   | 1,13  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

21,9% nas compras de outros veículos com motor diesel; combustíveis, 49,7%; bens de consumo duráveis, 37,7%; e bens de consumo semi e não duráveis, 61,1%. Repetindo as perspectivas em relação ao desempenho das exportações, o cenário de preços mais deprimidos, a partir do último trimestre de 2008, e a trajetória de arrefecimento da demanda interna sugerem redução das aquisições externas em 2009. Os principais países de origem das importações da região Sul foram Argentina, 16,4%; Nigéria, 12,4%; e China, 10,1%. A evolução do IHH, medido para os trinta principais países de origem, recuou 11,9% no ano, revelando maior diversificação dos países fornecedores.

O mercado de trabalho formal da região registrou, segundo o Caged/MTE, a criação de 75,9 mil empregos no trimestre encerrado em novembro, volume 43% inferior ao assinalado no mesmo período de 2007. A desaceleração observada no período traduziu, em especial, a eliminação de 4,5 mil postos de trabalho na indústria de transformação, ante 40,2 mil contratações líquidas em igual período de 2007, ressaltando-se o corte de 6 mil vagas na indústria calçadista. Adicionalmente, ocorreram reduções respectivas de 16,7% e 4,6% nas contratações líquidas relacionadas aos segmentos comércio e serviços.

O nível de emprego formal aumentou 6,6% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007, comparativamente à expansão de 6,5% no país, com ênfase no aumento de 20,3% no nível de emprego da construção civil, que contribuiu com 0,8 p.p. para a variação total no período. Em relação aos principais setores empregadores, assinalem-se as expansões observadas nos serviços, 6%, e na indústria de transformação, 7,7%. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego cresceu 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 1,8% no mesmo tipo de comparação.

A inflação na região Sul, medida pelo IPCA, atingiu 6,04% em 2008, ante 3,61% em 2007, traduzindo acelerações tanto nos preços livres, de 4,49% para 7,46%, quanto nos monitorados, de 1,47% para 2,46%, com ênfase no reajuste de 6,28% nos planos de saúde – principal pressão altista nesse grupo, exercendo impacto de 0,17 p.p. sobre a variação do IPCA no ano, atenuado, em parte, pela redução de 5,66% nas tarifas de telefonia celular. Entre os preços livres, a variação do grupo não comercializáveis atingiu 8,16%, refletindo, em especial, os aumentos dos itens alimentação fora do domicílio, 12,63%, e empregado doméstico, 9,87%, que responderam, em conjunto, por 1,22 p.p. da variação

do IPCA da região. A variação anual dos preços dos bens comercializáveis totalizou 6,74%, pressionada pelos aumentos dos preços de itens alimentícios, em especial carnes, 24,47%; arroz, 33,17%; frango, 20,26%; e produtos panificados, 12,23%.

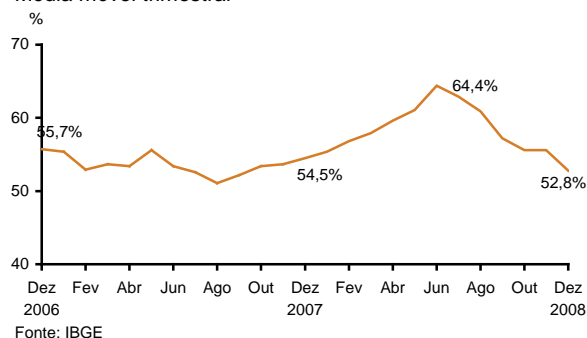
A variação do IPCA atingiu 0,88% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,14% naquele finalizado em setembro, desaceleração associada aos aumentos de 0,42% nos preços monitorados e de 1,05% nos livres, ante 0,82% e 1,27%, respectivamente, no período junho a setembro. O recuo na variação dos preços monitorados refletiu o aumento menos acentuado nas tarifas de energia elétrica e a redução dos preços dos combustíveis, enquanto a desaceleração no segmento de preços livres esteve associada às expansões respectivas de 1,11% e 1,00% nos reajustes dos bens comercializáveis e daqueles não comercializáveis, ante, na ordem, 0,76% e 1,76% no trimestre finalizado em setembro. Ressalte-se que a desaceleração nos itens não comercializáveis decorreu, fundamentalmente, do recuo de 3,65% nos preços dos automóveis usados, com impacto de -0,11 p.p. sobre a variação trimestral do IPCA.

O índice de difusão, indicando menor disseminação dos reajustes de preços, atingiu 52,8% no trimestre encerrado em dezembro, ante 57,2% naquele terminado em setembro.

A desaceleração observada na atividade econômica da região Sul no último trimestre de 2008, consistente com o acirramento da crise internacional, tende a prosseguir no início de 2009, conforme sugerem os resultados recentes de pesquisas relacionadas às expectativas de consumidores e empresários. Outro aspecto relevante à perda de dinamismo da economia da região constitui-se em sua interligação com o desempenho da agropecuária, tendo em vista que a redução da produção no setor implica, adicionalmente, a desaceleração da produção de parcela relevante da indústria local, provedora de insumos agrícolas para todo o país.

**Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul**

Média móvel trimestral

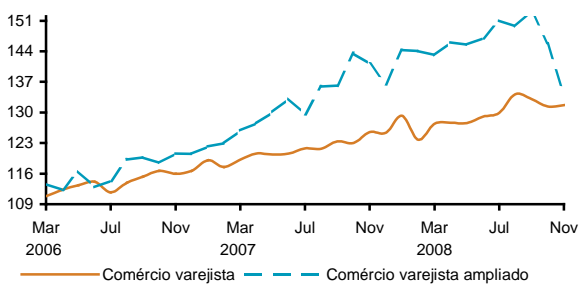


## Paraná

**Gráfico 5.8 – Comércio varejista – Paraná**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.10 – Índice de vendas no varejo – Paraná**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % 12 meses |        |               |
|-------------------------------|---------------------|--------|---------------|
|                               | Receita             | Volume | Preço nominal |
| Comércio varejista            | 12,4                | 7,3    | 4,7           |
| Combustíveis e lubrificantes  | 0,4                 | 0,6    | -0,1          |
| Hiper, supermercados          | 14,5                | 4,3    | 9,8           |
| Tecidos, vestuário e calçados | 7,9                 | 4,8    | 3,0           |
| Móveis e eletrodomésticos     | 9,1                 | 11,6   | -2,2          |
| Comércio varejista ampliado   | 15,8                | 10,9   | 4,4           |
| Automóveis e motocicletas     | 21,7                | 18,5   | 2,7           |
| Material de construção        | 13,6                | 5,0    | 8,2           |

Fonte: IBGE

**Tabela 5.11 – Produção industrial – Paraná**

Geral e setores selecionados

| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |       |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|-------|
|                             |                     | 2008                  |                   |       |
|                             |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | Acum. |
|                             |                     | 12 meses              |                   |       |
| Indústria geral             | 100,0               | 1,0                   | 0,9               | 9,3   |
| Produtos alimentícios       | 22,9                | 0,3                   | 2,7               | -2,9  |
| Veículos automotores        | 17,3                | 6,6                   | 4,5               | 29,6  |
| Celulose e papel            | 7,3                 | -0,1                  | 3,9               | 16,9  |
| Edição e impressão          | 6,6                 | -11,0                 | -12,7             | 18,1  |
| Refino de petróleo e álcool | 9,6                 | -6,3                  | 7,3               | 8,2   |
| Máquinas e equipamentos     | 9,6                 | -2,2                  | -0,9              | 13,7  |
| Madeira                     | 4,4                 | -3,9                  | -2,8              | -0,1  |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A desaceleração registrada pela atividade econômica paranaense no final de 2008 caracterizou-se pelo arrefecimento das vendas varejistas e por reduções nos fluxos de comércio externo e no ritmo de contratações. A atividade industrial, no entanto, seguiu apresentando dinamismo na margem, favorecendo o aumento do ritmo de crescimento da massa salarial nesse segmento. As perspectivas para o desempenho do setor agrícola em 2009 mostram-se, igualmente, desfavoráveis, devendo refletir reduções tanto na produção física quanto nos preços dos principais produtos cultivados no estado.

As vendas varejistas aumentaram 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 2,7%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, ressaltando-se o aumento de 1% nas vendas de hipermercados e supermercados e a redução de 2,2% nas relativas a tecidos, vestuário e calçados. Incorporados os recuos de 7,7% registrado no segmento de veículos, motos, partes e peças, mais sensível às restrições no mercado de crédito, e de 10,2% assinalado nas vendas de material de construção, o comércio varejista ampliado apresentou retração de 3,3% no trimestre.

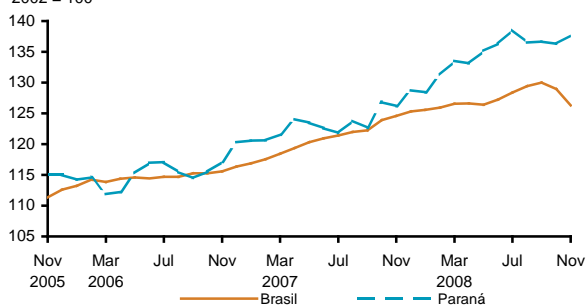
As vendas acumuladas em doze meses, sustentadas pelo dinamismo observado até setembro, cresceram 7,3% em novembro, em relação a igual período de 2007, com ênfase nos desempenhos dos segmentos equipamentos e materiais de escritório, informática e comunicação, 93,4%, e artigos de uso pessoal e doméstico, 18,1%. No conceito ampliado, a expansão atingiu 10,9%, ante, mantida a base de comparação, 14,7% em agosto, refletindo as desacelerações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, de 28,1% para 18,5%, e nas relativas a material de construção, de 13,9% para 5%.

De acordo com a PIM-PF do IBGE, a produção industrial do Paraná, acumulada em doze meses, cresceu 9,3% em novembro, em relação a igual período de 2007, segundo melhor resultado desde julho de 2005. Ressaltem-se, no período, os desempenhos dos segmentos veículos automotores, 29,6%; edição e impressão, 18,1%; e celulose e papel, 16,9%.

Na margem, a análise de dados dessazonalizados revela que a produção da indústria cresceu 0,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto,

### Gráfico 5.9 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



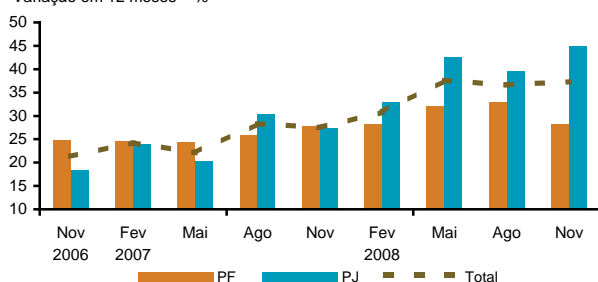
Fonte: IBGE

quando se elevava 1%, no mesmo tipo de comparação. Dentre as quatorze atividades pesquisadas, seis apresentaram expansão, com destaque para refino de petróleo e álcool, 7,3%, e veículos automotores, 4,5%, enquanto os recuos mais representativos ocorreram nos segmentos outros produtos químicos, 37,1%, e edição e impressão, 12,7%.

O faturamento da indústria paranaense recuou 3,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevava 0,2%, no mesmo tipo de comparação, enquanto o emprego industrial e a massa salarial apresentaram, na ordem, variações respectivas de -0,7% e 0,1%, e de 2,5% e 2,1%, sempre considerados dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). O Nuci elevou-se 0,8 p.p. no trimestre, situando-se em 80,3%.

### Gráfico 5.10 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O consumo aparente de cimento no estado aumentou 30% nos dez primeiros meses de 2008, em relação ao mesmo período do ano anterior, de acordo com dados do SNIC, enquanto, segundo o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon-PR), a área liberada para novas construções residenciais e não residenciais, em Curitiba, registrou expansão de 70,3% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período em 2007, ante aumento de 75% nas liberações acumuladas até julho.

O saldo das operações de crédito acima de R\$5 mil totalizou R\$77,9 bilhões em novembro, elevando-se 10% em relação a agosto e 37,3% em doze meses, e representando 37,1% do total dessas operações na região. Os empréstimos para pessoas físicas atingiram R\$33,5 bilhões, com expansões de 7,6% no trimestre e de 28,3% em doze meses, enquanto os direcionados ao segmento de pessoas jurídicas, que aumentaram, na ordem, 11,9% e 45%, somaram R\$44,3 bilhões. A segmentação das operações reflete tanto a maior procura das empresas por crédito no sistema bancário, após as restrições observadas em outras fontes de financiamento, quanto a maior cautela dos consumidores em contrair novos empréstimos, em cenário de perspectivas de redução de renda e deterioração nas condições das novas concessões.

### Tabela 5.12 – Produção agrícola – Paraná

| Discriminação   | Em mil toneladas |                             |                      |
|-----------------|------------------|-----------------------------|----------------------|
|                 | Produção 2007    | Produção 2008 <sup>1/</sup> | Variação % 2008/2007 |
| Grãos           | 29 451           | 31 946                      | 8,5                  |
| Feijão          | 767              | 764                         | -0,4                 |
| Milho           | 14 258           | 15 369                      | 7,8                  |
| Soja            | 11 877           | 11 897                      | 0,2                  |
| Trigo           | 1 927            | 3 202                       | 66,1                 |
| Outros          | 623              | 714                         | 14,7                 |
| Outras lavouras |                  |                             |                      |
| Batata          | 592              | 684                         | 15,6                 |
| Café (em grão)  | 97               | 146                         | 49,9                 |
| Cana-de-açúcar  | 45 888           | 55 606                      | 21,2                 |
| Fumo            | 157              | 148                         | -5,7                 |
| Mandioca        | 3 365            | 4 044                       | 20,2                 |

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

A produção de grãos do Paraná registrou aumento anual de 8,5% em 2008, totalizando 31,9 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. A safra do estado, que representou 21,9% da nacional, traduziu a ocorrência de aumentos de 4,2% na área colhida e de 4,1% no rendimento médio, em cenário de condições climáticas favoráveis e maior utilização de tecnologia. O valor bruto

**Tabela 5.13 – Prognósticos para 2009 – Paraná**  
Itens selecionados

| Discriminação   | Em mil toneladas |                    |            |
|-----------------|------------------|--------------------|------------|
|                 | Produção         |                    | Variação % |
|                 | 2008             | 2009 <sup>1/</sup> |            |
| Grãos de Verão  | 22062,8          | 16688,1            | -24,4      |
| Arroz           | 172,7            | 155,7              | -9,8       |
| Feijão          | 428,7            | 375,0              | -12,5      |
| Milho 1ª safra  | 9739,3           | 5980,0             | -38,6      |
| Soja 1ª safra   | 11687,4          | 10150,0            | -13,2      |
| Outros          | 34,7             | 27,4               | -21,0      |
| Outras Culturas |                  |                    |            |
| Cana            | 55605,9          | 56834,4            | 2,2        |
| Mandioca        | 4043,8           | 4179,2             | 3,3        |

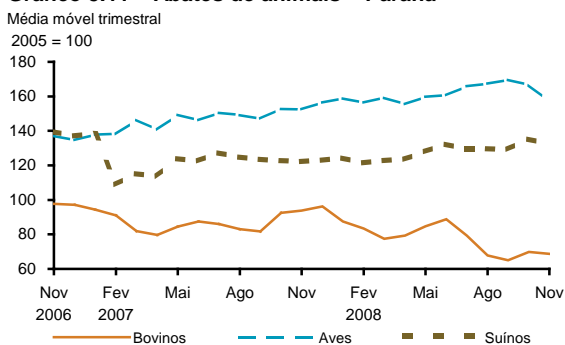
Fonte: Seab/Deral

1/ Dados divulgados em janeiro de 2009.

da produção (VBP) agrícola, considerados o LSPA e os preços médios recebidos pelos produtores, divulgados pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), registrou aumento anual de 35,7% no estado, com ênfase nos aumentos relativos às lavouras de feijão, 118,6%; trigo, 98,1%; soja, 35,3%; e milho, 17,1%.

De acordo com a Seab, a primeira safra agrícola de 2009 do estado deverá totalizar 16,7 milhões de toneladas de grãos, recuando 24,4% em relação à safra correspondente de 2008. A quebra prevista, de cinco milhões de toneladas, que se constituiu na mais acentuada já registrada em safras de verão no Paraná, reflete as reduções projetadas para as lavouras de feijão, 12,5%; milho, 38,6%; e soja, 13,2%, enquanto, em relação às demais lavouras, ressaltam-se as projeções de aumentos nas produções de cana, 2,2%, e mandioca, 3,3%, resultantes de crescimentos de 2,7% e 8,1% nas respectivas áreas plantadas, que têm avançado, principalmente, sobre as áreas de pastagens e foram pouco afetadas pela estiagem.

**Gráfico 5.11 – Abates de animais – Paraná**



Fonte: Mapa

Estatísticas do Mapa, referentes a estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram aumentos respectivos de 8,1% e 6,2% no volume de abates de aves e suínos, e recuo de 13,5% no relativo a bovinos, nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2007. Nesse período, os preços médios recebidos pelos criadores paranaenses elevaram-se, na ordem, 20,4%, 58,7% e 40,3%, conforme dados da Seab, condicionados pelo retorno do Paraná à condição de área livre de aftosa com vacinação, a partir de maio. A participação dos abates de aves, suínos e bovinos do Paraná no total registrado para o Brasil alcançou 26,5%, 16,8% e 4,1%, respectivamente.

**Tabela 5.14 – Balança comercial – FOB**  
Janeiro-dezembro

| Discriminação        | US\$ milhões |        |        |        |
|----------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                      | Paraná       |        |        | Brasil |
|                      | 2007         | 2008   | Var. % |        |
| Exportação           | 12 353       | 15 247 | 23,4   | 23,2   |
| Importação           | 9 018        | 14 570 | 61,6   | 43,6   |
| Saldo                | 3 335        | 677    | -79,7  | -38,2  |
| Corrente de comércio | 21 371       | 29 818 | 39,5   | 32,0   |

Fonte: MDIC/Secex

A balança comercial do estado registrou superávit de US\$0,7 bilhão em 2008, ante US\$3,3 bilhões no ano anterior, de acordo com estatísticas da Secex/MDIC. As exportações totalizaram US\$15,2 bilhões e as importações, US\$14,6 bilhões, elevando-se, na ordem, 23,4% e 61,6%, desempenhos expressivos, mas inferiores aos registrados nos nove primeiros meses do ano, quando esses fluxos cresceram, na ordem, 34,7% e 75%. O arrefecimento do dinamismo das vendas externas mostrou-se mais significativo no segmento de bens manufaturados, expresso em taxas de expansão respectivas de 15,4% e 22,6%, nos períodos considerados, enquanto as importações apresentaram desaceleração mais acentuada na categoria combustíveis e lubrificantes, em que as taxas de crescimento atingiram, na ordem, 83,6% e 122,1%.

**Tabela 5.15 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------------------|--------------|--------|--------|--------|
|                             | Paraná       |        | Brasil |        |
|                             | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 12 353       | 15 247 | 23,4   | 23,2   |
| Básicos                     | 4 234        | 5 787  | 36,7   | 41,5   |
| Industrializados            | 8 119        | 9 460  | 16,5   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 1 319        | 1 612  | 22,2   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 6 800        | 7 848  | 15,4   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

O aumento anual das exportações traduziu, em grande parte, a elevação de 36,7% nas vendas externas de produtos básicos, em especial soja, carne de frango congelada, farelo de soja e milho, implicando elevação anual de 3,7 p.p. de sua participação na pauta exportadora do estado. O desempenho das exportações dessa categoria refletiu tanto a evolução favorável do agronegócio paranaense, associado à demanda mundial crescente na maior parte do ano, quanto a concentração dos embarques no primeiro semestre, quando as cotações das principais *commodities* se encontravam em patamar mais elevado. As vendas externas de produtos semimanufaturados, concentradas nas relativas a óleo de soja em bruto e açúcar de cana em bruto, elevaram-se 22,2% no ano, enquanto as referentes a produtos manufaturados, responsáveis por 51,5% do total exportado em 2008, aumentaram 15,4%, impulsionadas pelo desempenho dos itens automóveis de passageiros, óleo de soja refinado, tratores, madeira compensada e álcool etílico. Os principais destinos das vendas externas paranaenses foram Argentina, China, Alemanha, Holanda, Estados Unidos e França, responsáveis, em conjunto, por 44,2% do total exportado em 2008. Considerados os trinta principais mercados de destino, o IHH aumentou 7% no ano, indicando maior concentração das vendas.

**Tabela 5.16 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação   | US\$ milhões |        |        |        |
|-----------------|--------------|--------|--------|--------|
|                 | Paraná       |        | Brasil |        |
|                 | 2007         | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total           | 9 018        | 14 570 | 61,6   | 43,6   |
| Bens de capital | 1 441        | 2 055  | 42,5   | 43,0   |
| Matérias-primas | 4 493        | 7 250  | 61,4   | 40,2   |
| Bens de consumo | 1 331        | 2 047  | 53,8   | 40,5   |
| Duráveis        | 999          | 1 460  | 46,2   | 54,0   |
| Não duráveis    | 332          | 586    | 76,5   | 26,2   |
| Combustíveis    | 1 753        | 3 218  | 83,6   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

A evolução anual das importações em 2008 refletiu aumentos generalizados das aquisições em todas as categorias de uso final, com ênfase na expansão de 83,6% nas relativas a combustíveis e lubrificantes. As compras de matérias-primas e bens intermediários, com maior representatividade na pauta, elevaram-se 61,4%, impulsionadas pelas importações de partes e peças para veículos, adubos ou fertilizantes, circuitos integrados e partes de máquinas para processamento de dados. As aquisições de bens de capital cresceram 42,5%, com destaque para as relativas a máquinas automáticas para processamento de dados, bombas e compressores, e instrumentos para medida. As importações de bens de consumo duráveis cresceram 46,2%, impulsionadas pela demanda interna por automóveis para passageiros, obras de plástico, móveis e aparelhos eletromecânicos ou térmicos de uso doméstico, enquanto as associadas a bens de consumo não duráveis expandiram 76,5%, concentradas em feijão preto em grãos e medicamentos para medicina humana e veterinária. As importações paranaenses originaram-se, principalmente, na Nigéria, China, Argentina, Alemanha, Estados Unidos e França, com participação de 54,6% no total do ano, enquanto o IHH, considerados os trinta principais mercados de origem, apresentou recuo anual de 0,1%, evidenciando menor concentração das compras externas do estado.

**Tabela 5.17 – Evolução do emprego formal – Paraná**

Novos postos de trabalho

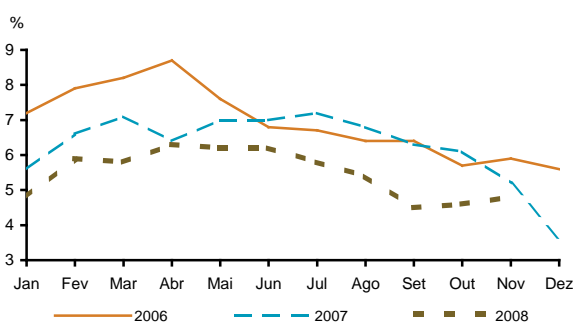
| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |      |
|-----------------------------|---|------|------|------|------|
|                             | 2007  | 2008 |      |      |      |
|                             | Nov   | Fev  | Mai  | Ago  | Nov  |
| Total                       | 36,3  | -4,2 | 68,2 | 45,7 | 23,2 |
| Ind. de transformação       | 10,8  | -6,4 | 24,0 | 13,1 | 1,6  |
| Comércio                    | 14,9  | 2,3  | 10,4 | 10,8 | 12,4 |
| Serviços                    | 9,2   | 3,8  | 16,9 | 13,9 | 7,5  |
| Construção civil            | 1,0   | 2,6  | 5,6  | 6,2  | 1,3  |
| Agropecuária                | 0,1   | -6,7 | 10,7 | 1,0  | 0,4  |
| Serv. ind. de util. pública | -0,1  | 0,0  | 0,2  | 0,3  | 0,1  |
| Outros <sup>2/</sup>        | 0,0   | 0,0  | 0,0  | 0,0  | 0,0  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A economia do Paraná gerou 23,2 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, resultado 35,9% inferior ao registrado em igual período do ano anterior, de acordo com o Caged/MTE, ressaltando-se que essa desaceleração traduziu, em especial, o desempenho da indústria de transformação. Apesar do arrefecimento recente, foram criados, nos onze primeiros meses do ano, 160,7 mil empregos formais no estado, resultado mais expressivo para o período e 13,6% superior ao assinalado de janeiro a novembro de 2007. A análise por setores, nessa base de comparação, revela que a geração de empregos formais ocorreu com maior intensidade nos segmentos serviços, 14,6 mil; construção civil, 9,3 mil; e comércio, 5,4 mil. O nível de emprego elevou-se 1,5% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, considerados dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.12 – Taxa de desemprego aberto – RMC**

Fonte: Iparides/IBGE

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego para a região metropolitana de Curitiba (RMC), elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparides) em convênio com o IBGE, a taxa de desemprego aberto atingiu 4,8% em novembro, ante 5,4% em agosto, reflexo de aumentos de 0,5% na população ocupada e de 0,7% na PEA. Os rendimentos médios reais habituais aumentaram 4,7% no trimestre e 4,9% em doze meses.

**Tabela 5.18 – IPCA – Paraná**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 3,48       | 0,95    | 0,52   | 5,41  |
| Livres               | 71,3                | 4,03       | 0,84    | 0,82   | 7,13  |
| Comercializáveis     | 33,9                | 3,48       | 0,25    | 0,65   | 6,01  |
| Não comercializáveis | 37,4                | 4,59       | 1,41    | 1,00   | 8,24  |
| Monitorados          | 28,7                | 2,03       | 1,18    | -0,27  | 1,16  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 21,1                | 7,15       | 0,39    | 1,76   | 12,45 |
| Habitação            | 13,4                | 1,79       | 1,57    | 0,58   | 5,12  |
| Art.residência       | 4,5                 | -2,54      | 0,13    | -1,94  | -1,14 |
| Vestuário            | 6,3                 | 1,55       | -0,67   | 2,07   | 5,29  |
| Transportes          | 22,8                | 1,55       | 1,67    | -0,68  | 1,51  |
| Saúde                | 9,9                 | 5,66       | 0,92    | 0,40   | 4,41  |
| Desp. pessoais       | 10,2                | 6,66       | 2,30    | 1,28   | 7,81  |
| Educação             | 6,5                 | 3,92       | 0,10    | 0,07   | 5,02  |
| Comunicação          | 5,2                 | 0,97       | -0,19   | 0,24   | 0,94  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

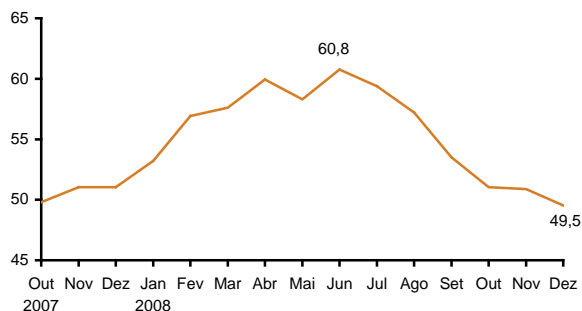
O IPCA da RMC variou 5,41% em 2008, ante 3,48% no ano anterior, mantendo-se abaixo da inflação em âmbito nacional. A aceleração anual refletiu movimentos idênticos nos preços livres – que, traduzindo expansões de 8,24% nos preços dos bens não comercializáveis e de 6,01% nos preços dos bens e serviços comercializáveis, aumentaram 7,13%, ante 4,03% em 2007 – e nos preços dos monitorados, que expandiram 1,16% e 2,03%, respectivamente. Considerado por grupos, os preços da alimentação seguiram se constituindo na principal fonte de pressão inflacionária, variando 12,45% no ano, ante 11,11% no país, com ênfase nas elevações dos itens cereais, 47,89%; tubérculos, 30,77%; e carnes, 30,70%. Em sentido oposto, a variação dos preços no grupo transportes atingiu 1,51%, refletindo, em especial, o recuo de 3,17% experimentado pelo item gasolina.

A inflação da RMC atingiu 0,52% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,95% naquele finalizado em setembro, desaceleração associada à retração de 1,45 p.p., para -0,27%, na variação dos preços monitorados, e à estabilidade observada na variação dos preços livres. O desempenho dos preços livres refletiu movimentos distintos nos grupos de bens comercializáveis e daqueles não comercializáveis, registrando-se, no primeiro, aceleração de



0,25% para 0,65%, com destaque para os aumentos de 1,76% em alimentação e de 2,07% em vestuário; e arrefecimento, de 1,41% para 1,00%, nos preços dos não comercializáveis, ressaltando-se as altas nos itens despesas pessoais, 1,28%, e habitação, 0,58%. Ressalte-se que a evolução trimestral dos preços do grupo alimentação evidenciou a preponderância do impacto dos aumentos nos itens feijão-preto, açúcar refinado e carnes, em relação ao proporcionado pelos recuos em produtos *in natura*, macarrão e farinha de trigo.

**Gráfico 5.13 – Índice de difusão IPCA – Curitiba**  
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

A média trimestral do índice de difusão, revelando menor disseminação dos aumentos de preços entre os itens pesquisados, atingiu 49,5% no trimestre encerrado em dezembro, ante 53,5% naquele finalizado em setembro.

Os principais indicadores relacionados à evolução da economia paranaense sugerem a manutenção, no decorrer de 2009, da trajetória de desaceleração observada recentemente. A queda acentuada das vendas de veículos, em nível nacional, tende a impactar o emprego na cadeia produtiva – as montadoras têm concedido férias coletivas e iniciado o processo de dispensas de trabalhadores – e, conseqüentemente, a massa salarial do estado, com reflexos no desempenho do comércio varejista. Adicionalmente, em linha com o cenário de redução da demanda por bens e serviços, alguns segmentos industriais, em especial o setor sucroalcooleiro, anunciaram a postergação do cronograma de investimentos, movimento semelhante ao assinalado na indústria da construção civil, expresso em cancelamentos de novos lançamentos residenciais por parte de grandes construtoras. O prognóstico para a primeira safra agrícola de 2009 registra recuo na produção de grãos, que, tendo em vista o novo patamar dos preços das principais *commodities* agrícolas e o aumento dos custos dos insumos, influenciará negativamente os fluxos do comércio externo e a renda agrícola do estado.

## Rio Grande do Sul

**Tabela 5.19 – Taxas de variação do PIB por setores de atividade – Rio Grande do Sul**

| Discriminação              | Variação % |      |
|----------------------------|------------|------|
|                            | 2007       | 2008 |
| Agropecuária               | 18,2       | -8,4 |
| Indústria                  | 7,2        | 6,7  |
| Indústria de transformação | 7,9        | 6,5  |
| Siup <sup>1/</sup>         | 4,2        | 4,3  |
| Construção civil           | 5,7        | 9,3  |
| Serviços                   | 5,3        | 4,6  |
| Comércio                   | 7,5        | 7,0  |
| Transportes e armazenagem  | 5,2        | 5,1  |
| Administração pública      | 1,9        | 2,6  |
| Demais serviços            | 5,8        | 4,4  |
| PIB                        | 7,0        | 3,8  |

Fonte: FEE

1/ Corresponde à produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana.

O PIB do estado cresceu 3,8% em 2008, ante 7% no ano anterior, de acordo com estimativas preliminares da Fundação de Economia e Estatística (FEE). O principal determinante dessa desaceleração constituiu-se no recuo de 8,4% registrado na agropecuária, após expansão de 18,2% em 2007, movimento associado, em grande parte, à quebra da safra de culturas, a exemplo da soja, com peso importante na composição do valor adicionado da agricultura. As estimativas relacionadas aos desempenhos dos setores industrial, 6,7%, e de serviços, 4,6%, embora inferiores, não diferem substancialmente dos aumentos respectivos de 7,2% e 5,3% observados em 2007. A evolução de indicadores setoriais evidencia, em linha com o observado no país, perda de dinamismo da economia no último trimestre do ano.

As vendas do comércio varejista registraram estabilidade no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 1%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressaltem-se, no período, as reduções observadas nos segmentos hiper e supermercados, 1,3%, e tecidos, vestuário e calçados, 2,2%, contrastando com os aumentos nas vendas de combustíveis e lubrificantes, 1,9%, e móveis e eletrodomésticos, 1,1%. Incorporadas as reduções respectivas de 7,4% e 3,2% registradas nos segmentos veículos, motos, partes e peças e material de construção, mais sensíveis às condições de crédito, o comércio varejista recuou 1,9% no conceito ampliado.

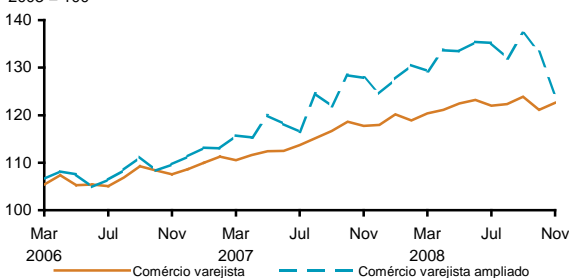
As vendas acumuladas em doze meses elevaram-se 7,3% em novembro, com ênfase nas expansões assinaladas em móveis e eletrodomésticos, 13,6%, e equipamentos para escritório, informática e comunicação, 22%. Considerado o conceito ampliado, o aumento atingiu 10,6%, registrando-se crescimentos de 17,7% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de 15,1% nas relativas a material de construção, atividades que mostravam forte dinamismo até a eclosão da recente crise econômica.

O Índice de Vendas do Comércio (IVC), mensurado pela FEE, revelou aumento de 5% nas vendas acumuladas nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007. Essa expansão, segmentada por regiões do estado, traduziu elevações de 11,5% no centro e de 7% no noroeste, áreas onde o comércio é mais influenciado pela renda agrícola; de 3,6% na região metropolitana, área mais industrializada; e de 4,2% na região sul-campanha, refletindo, em parte, o adiamento de investimentos programados para

**Gráfico 5.14 – Índice de volume de vendas no varejo**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.20 – Índice de vendas no varejo – Rio Grande do Sul**

Novembro de 2008

| Discriminação                 | Variação % acum. 12 meses |        |       |
|-------------------------------|---------------------------|--------|-------|
|                               | Receita nominal           | Volume | Preço |
| Comércio varejista            | 12,1                      | 7,3    | 4,5   |
| Combustíveis e lubrificantes  | 8,0                       | 7,7    | 0,3   |
| Hiper, supermercados          | 13,9                      | 4,0    | 9,6   |
| Tecidos, vestuário e calçados | 7,9                       | 2,1    | 5,7   |
| Móveis e eletrodomésticos     | 10,7                      | 13,6   | -2,6  |
| Comércio varejista ampliado   | 15,0                      | 10,6   | 4,0   |
| Automóveis e motocicletas     | 20,0                      | 17,7   | 2,0   |
| Material de construção        | 22,4                      | 15,1   | 6,3   |

Fonte: IBGE

**Tabela 5.21 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**  
 Geral e atividades selecionadas

| Setores                     | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % no período |                   |          |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------|-------------------|----------|
|                             |                     | 2008                  |                   |          |
|                             |                     | Ago <sup>2/</sup>     | Nov <sup>2/</sup> | 12 Meses |
| Indústria geral             | 100,0               | 2,5                   | -1,9              | 4,1      |
| Alimentos                   | 16,3                | -6,8                  | 2,9               | 8,1      |
| Refino de petróleo          | 11,3                | -5,0                  | -11,6             | -4,5     |
| Outros produtos químicos    | 10,8                | 19,9                  | -10,1             | -2,8     |
| Calçados e artigos de couro | 10,6                | -5,2                  | -2,7              | -7,1     |
| Veículos automotores        | 9,7                 | 9,8                   | -9,0              | 16,1     |
| Máquinas e equipamentos     | 9,7                 | 3,4                   | 4,9               | 26,1     |

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de novembro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 5.22 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul**

| Discriminação      | Variação %        |                   |          |
|--------------------|-------------------|-------------------|----------|
|                    | 2008              |                   |          |
|                    | Ago <sup>2/</sup> | Nov <sup>2/</sup> | 12 Meses |
| IDI                | 2,4               | 1,0               | 6,6      |
| Vendas industriais | -2,3              | 5,5               | 4,2      |
| Pessoal ocupado    | 1,5               | -0,9              | 4,9      |
| Horas trabalhadas  | 1,7               | 1,0               | 6,3      |
| Nuci <sup>1/</sup> | 87,7              | 86,0              | 86,7     |

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

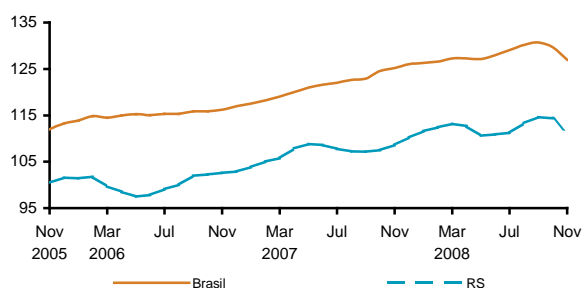
iniciar no período, principalmente na área do porto de Rio Grande e em produtoras de celulose.

A produção industrial gaúcha, acumulada em doze meses, elevou-se 4,1% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, de acordo com a PIM-PF do IBGE. O desempenho manteve-se respaldado, principalmente, nos acréscimos das produções de bens de capital, estimuladas pelo crescimento de 26,1% em máquinas e equipamentos, e de bens de consumo durável, com ênfase na expansão de 16,1% na atividade veículos automotores. No mesmo período, o Índice de Desempenho Industrial (IDI)<sup>6</sup> da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) cresceu 6,6%, com destaque, em linha com os ganhos de renda dos produtores agrícolas e com o patamar de preços vigente no início do ano, para a expansão de 36,6% observada na produção de máquinas agrícolas.

Na margem, a indústria do estado evidenciou os impactos do acirramento da crise nos mercados financeiros internacionais, expresso no recuo de 1,9% na produção relativa ao trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados. Sete das catorze atividades da indústria de transformação registraram recuos na produção, com ênfase em refino de petróleo e álcool, 11,6%, e outros produtos químicos, 10,1%. Em sentido inverso, ressaltam-se as expansões nas atividades celulose, papel e produtos de papel, 13,1%, e máquinas e equipamentos, 4,9%.

De acordo com a Fiergs, o IDI cresceu 1% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando a expansão atingira 2,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A desaceleração trimestral do indicador refletiu a ocorrência de aumentos nas vendas industriais, 5,5%, e nas horas trabalhadas, 1%, contrastando com os recuos assinalados no pessoal ocupado na produção, 0,9%, e no Nuci, 1,7 p.p. A Fiergs projeta que o IDI varie, em 2009, de -2,1%, em um cenário pessimista, a 3,1%, numa visão otimista do comportamento da economia global. A federação identificou como atividades mais sujeitas a riscos as relacionadas ao complexo metal-mecânico, couro-calçados, produtos químicos e borracha e plástico, em decorrência da evolução incerta do preço das *commodities*, do crédito, do câmbio e da renda externa.

**Gráfico 5.15 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**  
 Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
 2002 = 100



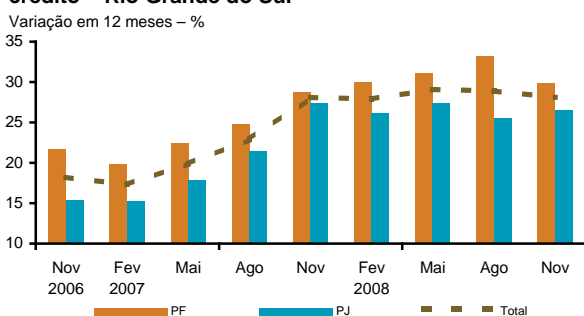
Fonte: IBGE

6/ O IDI é uma pesquisa mensal que objetiva avaliar o comportamento da indústria de transformação gaúcha a partir da análise das variáveis vendas totais, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada, compras totais, pessoal empregado total e remuneração paga aos trabalhadores, relativas a uma amostra dos maiores estabelecimentos industriais do Estado.

O Iicei/RS, indicador antecedente da atividade calculado pela Fiergs, atingiu cinquenta pontos em outubro, ante sessenta pontos em igual mês de 2007 e 54 pontos em julho. A retração refletiu, em especial, a deterioração das expectativas e da confiança relativas às condições atuais da economia brasileira.

O Índice de Atividade da Construção Civil Gaúcha (IAC-RS), divulgado pelo Sinduscon/RS, aumentou 6,5% em outubro, em relação ao mês correspondente de 2007. A mesma fonte estima crescimento de 7,3% para o setor em 2008, ante estimativa de 9,3% realizada pela FEE. Para 2009, apesar das evidências de crise, as expectativas são favoráveis, condicionadas, em parte, pelos investimentos previstos na proposta orçamentária do governo do estado, que totalizam cerca de R\$94 milhões para ampliação e reformas de escolas e R\$118 milhões para a construção, ampliação e reformas de casas prisionais.

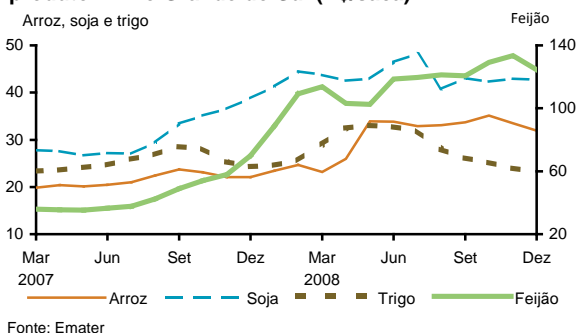
**Gráfico 5.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul<sup>1/</sup>**



Adicionalmente, conforme protocolo de intenções assinado com o governo estadual, estão previstos investimentos estrangeiros no valor de US\$1,2 bilhão em 2009, direcionados para a construção de um terminal de gás natural liquefeito (GNL) e de usina térmica, empreendimentos que irão reforçar o abastecimento de energia da metade Sul do estado.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$77,9 bilhões em novembro, crescendo 7,6% em relação a agosto e 28,2% em doze meses, e representando 7,2% do total dessas operações no país. Os empréstimos para pessoas físicas atingiram R\$36,4 bilhões, elevando-se 9,4% no trimestre e 29,9% em doze meses, enquanto o saldo relativo ao segmento de pessoas jurídicas somou R\$41,5 bilhões, registrando aumentos respectivos de 6% e 26,6%. Ressalte-se que, a despeito da expansão trimestral observada no crédito em novembro, registraram-se reduções nas modalidades financiamento para veículos, projetos rurais e agroindustriais, e exportações.

**Gráfico 5.17 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)**



A produção de grãos do estado decresceu 6,1% em 2008, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, resultado associado a recuos acentuados nas safras de feijão, 27,9%, soja, 21,7%, e milho, 10,8%, enquanto, em sentido inverso, as colheitas de arroz e trigo apresentaram expansões respectivas de 16,3% e 19,6% no ano. O impacto da redução da produção agrícola sobre a renda do setor foi atenuado pelo comportamento dos preços da maior parte das culturas, que, embora incorporassem reduções nos últimos meses, apresentaram cotações médias mais elevadas do que em 2007.

**Tabela 5.23 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**

Itens selecionados

| Discriminação          | Em mil toneladas |                    |                         |
|------------------------|------------------|--------------------|-------------------------|
|                        | Produção         |                    | Variação %<br>2008/2007 |
|                        | 2007             | 2008 <sup>1/</sup> |                         |
| <b>Grãos</b>           | 24 455           | 22 960             | -6,1                    |
| Arroz (em casca)       | 6 340            | 7 371              | 16,3                    |
| Feijão                 | 142              | 102                | -27,9                   |
| Milho                  | 5 969            | 5 322              | -10,8                   |
| Soja                   | 9 929            | 7 773              | -21,7                   |
| Trigo                  | 1 720            | 2 058              | 19,6                    |
| <b>Outras lavouras</b> |                  |                    |                         |
| Fumo                   | 479              | 446                | -6,9                    |
| Maçã                   | 469              | 515                | 9,6                     |
| Uva                    | 704              | 776                | 10,2                    |
| Mandioca               | 1 379            | 1 340              | -2,8                    |

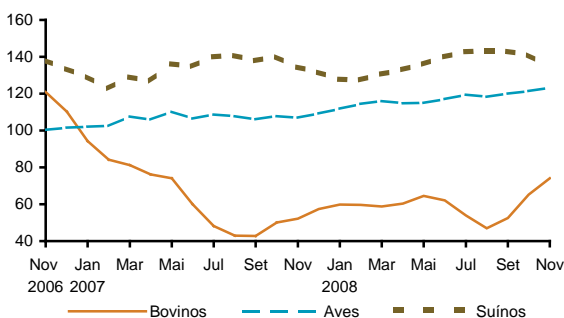
Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2008.

**Gráfico 5.18 – Abates de animais – Rio Grande do Sul**

Média móvel trimestral

2005=100



Em relação às culturas permanentes que, segundo o IBGE, representam cerca de 15% da produção agrícola do Rio Grande do Sul, ressaltam-se os crescimentos anuais respectivos de 9,6% e 10,2% nas produções de maçã e uva, que responderam, na ordem, por 45,9% e 55,3% da produção nacional.

O terceiro prognóstico para a safra de 2009, realizado pelo IBGE, registrou expectativas favoráveis para as principais culturas do estado, embora indicando crescimentos inferiores aos apontados no prognóstico anterior. A exceção ao quadro positivo constitui-se na projeção de recuo de 2,7% para a safra de milho, refletindo tanto o desestímulo representado pela conjunção da evolução recente dos custos de produção e dos preços do produto, quanto os prejuízos inerentes à seca observada em diversas regiões produtoras do estado.

Os abates de aves, bovinos e suínos apresentaram aumentos respectivos de 10,5%, 1,7% e 1,5% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2007, segundo estatísticas do Mapa, representando, na ordem, 17,4%, 3,1% e 15,6% da produção do país.

A produção de leite do estado, com participação aproximada de 15% no total do país, cresceu 12,8% em 2008, segundo dados do IBGE e da Embrapa Gado de Leite, registrando, na margem, aumento de 2,8% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, considerados dados dessazonalizados. De acordo com estatísticas da Associação Riograndense de Empreendimento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), o preço médio do leite pago ao produtor em 2008, após experimentar expansão média de 33,6% no primeiro semestre, situou-se, em média, 10,6% acima do patamar de 2007. Na margem, o preço do leite recuou 20,4% no trimestre finalizado em dezembro, ressaltando-se que o declínio recente no preço do produto traduz a expressiva elevação de sua oferta, associada às boas condições das pastagens e à maturação de investimentos que ampliaram a capacidade produtiva da indústria beneficiadora de leite no estado.

O superávit da balança comercial do estado totalizou US\$3,9 bilhões em 2008, recuando 18,9% em relação ao ano anterior, desaceleração associada aos crescimentos registrados nas exportações, 22,9%, e nas importações, 42,9%, que atingiram, na ordem, US\$18,5 bilhões e US\$14,5 bilhões. O impacto da redução do nível da atividade na economia mundial sobre os fluxos externos do estado torna-se evidente quando

**Tabela 5.24 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação               | US\$ milhões      |        |        |        |
|-----------------------------|-------------------|--------|--------|--------|
|                             | Rio Grande do Sul |        |        | Brasil |
|                             | 2007              | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total                       | 15 018            | 18 460 | 22,9   | 23,2   |
| Básicos                     | 5 736             | 7 332  | 27,8   | 41,5   |
| Industrializados            | 9 282             | 11 128 | 19,9   | 14,5   |
| Semimanufaturados           | 1 503             | 1 671  | 11,2   | 24,2   |
| Manufaturados <sup>1/</sup> | 7 779             | 9 457  | 21,6   | 12,1   |

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.25 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-dezembro

| Discriminação   | US\$ milhões      |        |        |        |
|-----------------|-------------------|--------|--------|--------|
|                 | Rio Grande do Sul |        |        | Brasil |
|                 | 2007              | 2008   | Var. % | Var. % |
| Total           | 10 168            | 14 525 | 42,9   | 43,6   |
| Bens de capital | 1 278             | 2 097  | 64,1   | 43,0   |
| Matérias-primas | 4 407             | 6 459  | 46,6   | 40,2   |
| Bens de consumo | 1 083             | 1 460  | 34,8   | 40,5   |
| Duráveis        | 834               | 1 129  | 35,3   | 54,0   |
| Não duráveis    | 248               | 331    | 33,2   | 26,2   |
| Combustíveis    | 3 401             | 4 510  | 32,6   | 56,7   |

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.26 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul**

Novos postos de trabalho

| Discriminação               | Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup> |      |      |      |      |
|-----------------------------|---|------|------|------|------|
|                             | 2007  |      | 2008 |      |      |
|                             | Nov   | Nov  | Fev  | Mai  | Ago  |
| Total                       | 55,4  | 31,0 | 29,1 | 17,3 | 27,4 |
| Ind. de transformação       | 18,8  | 9,8  | 13,2 | 5,8  | -5,1 |
| Comércio                    | 17,7  | 4,0  | 4,3  | 5,0  | 15,7 |
| Serviços                    | 10,0  | 5,7  | 8,3  | 10,4 | 12,8 |
| Construção civil            | 3,4   | 1,6  | 3,4  | 3,9  | 0,7  |
| Agropecuária                | 5,7   | 10,1 | -1,0 | -8,4 | 2,9  |
| Serv. ind. de util. pública | 0,0   | -0,1 | 0,2  | 0,1  | 0,2  |
| Outros <sup>2/</sup>        | -0,2  | -0,1 | 0,7  | 0,5  | 0,2  |

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

se comparam as taxas de crescimento anuais das vendas e das compras externas com as assinaladas nos nove primeiros meses do ano, quando se situavam, na ordem, em 31,9% e 65,5%. Ressalte-se que a trajetória declinante dos preços das principais *commodities* de exportação e importação deverá reduzir a corrente de comércio em 2009.

A evolução anual das exportações traduziu as expansões relativas às vendas de produtos básicos, 27,8%, com destaque para soja e carnes, principalmente pela variação nos preços; semimanufaturados, 11,2%, com ênfase para os desempenhos de óleo de soja e de couros; e manufaturados, 21,6%, impulsionadas pela exportação de uma plataforma de exploração de petróleo. Os principais destinos das exportações gaúchas foram EUA, 13,5%; China, 10,4%; Argentina, 8,8%; e Rússia, 4,6%. O IHH, considerados os trinta principais destinos, elevou-se 4,7% no ano, indicando tendência de concentração das exportações.

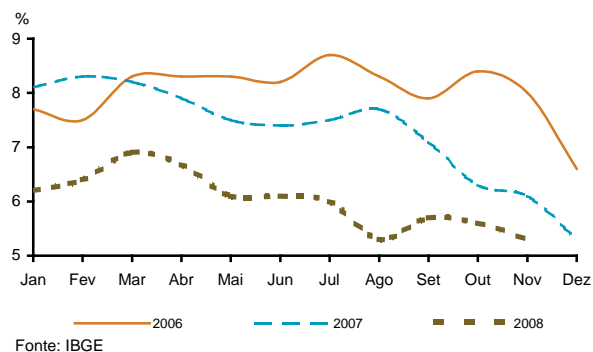
O dinamismo das importações refletiu a ocorrência de aumentos generalizados das aquisições em todas as categorias, com ênfase nos relativos às compras de bens de capital, 64,1%; e de matérias-primas, 46,6%. As importações de bens de consumo aumentaram 34,8% no ano, enquanto as relativas a combustíveis, impactadas pelo patamar mais elevado dos preços, principalmente até setembro, cresceram 32,6%. As aquisições do estado foram provenientes, em especial, da Argentina, 25,7%; Nigéria, 11,9%; Angola, 7,9%; e EUA, 6,3%. O IHH, considerados os trinta principais mercados de origem, indicando redução da concentração das importações, recuou 23,9% no ano.

A economia gaúcha gerou 27,4 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, volume 50,5% inferior ao registrado em igual período de 2007, de acordo com estatísticas do Caged/MTE. A desaceleração registrada no período refletiu a eliminação de 5,1 mil empregos formais na indústria de transformação, ante a criação de 18,8 mil no mesmo período de 2007, destacando-se as dispensas, em conjunto, de oito mil trabalhadores nas indústrias calçadista, química e mecânica. As contratações líquidas do comércio recuaram 11,3% no período, enquanto, na construção civil, onde o emprego apresentava ampliação acentuada desde o início de 2007, a redução atingiu 78,2%.

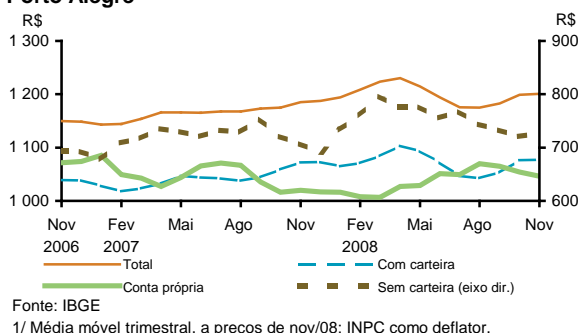
O nível médio do emprego formal cresceu 6% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2007, enquanto, na margem, considerados dados dessazonalizados, o indicador aumentou 0,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto,

quando crescera 1,7%, nesse tipo de comparação. Note-se que a desaceleração registrada no trimestre decorreu de igual movimento – excetuando-se as atividades indústria extrativa mineral e serviços industriais de utilidade pública, responsáveis em conjunto por apenas 0,8% do estoque de empregos formais no estado – em todos os setores considerados, ressaltando-se a redução, de 2,2% para 0,3%, nas taxas relacionadas à indústria de transformação.

**Gráfico 5.19 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre**



**Gráfico 5.20 – Rendimento habitual médio real<sup>1/</sup> – Porto Alegre**



A taxa de desemprego aberto na região metropolitana de Porto Alegre (RMPA), medida pela PME do IBGE, atingiu 5,3% em novembro, ante 6,1% em novembro de 2007, refletindo elevações de 0,8% na ocupação e de 0,5% na PEA. A taxa situou-se em 5,5% no trimestre encerrado em novembro, persistindo a trajetória declinante, nessa base de comparação, observada desde igual período do ano anterior, quando a taxa de desemprego da RMPA estava em 6,5%.

O rendimento médio real habitualmente recebido na RMPA recuou 1,8% em novembro, em relação ao mês anterior, refletindo retrações de 4,6% nos rendimentos do setor privado com carteira assinada e de 5,2% nos percebidos pelos trabalhadores do setor público. Apesar da redução na margem, o rendimento acumulou, até novembro, aumento real de 2,8%.

A variação do IPCA na RMPA atingiu 6,57% em 2008, ante 3,71% em 2007. A aceleração da taxa anual refletiu reajustes de 7,68% nos preços livres e de 3,60% nos monitorados, ante variações respectivas de 4,81% e 0,95% em 2007, assinalando-se que a aceleração dos preços monitorados refletiu, em especial, as elevações nos itens ônibus intermunicipal, 10,92%; taxa de água, 8,54%; plano de saúde, 6,54%; ônibus urbano, 5,00%; e telefone fixo, 3,20%, que, em conjunto, impactaram o IPCA em 0,68 p.p. em 2008.

O desempenho dos preços livres refletiu tanto a aceleração de 4,49% para 7,36% no segmento de bens comercializáveis, com ênfase nos aumentos dos preços do vestuário, 8,36%, e da alimentação, 12,25%, e impactos respectivos de 0,6 p.p. e 2,6 p.p. na inflação do ano, quanto o aumento de 5,12% para 8,00% na variação dos preços dos bens não comercializáveis, pressionados pelas expansões nos itens feijão, 58,59%; alimentação fora do domicílio, 13,93%; e empregado doméstico, 9,00%, que exerceram contribuição conjunta de 1,5 p.p. para a variação anual do índice.

O IPCA da RMPA aumentou 1,17% no último trimestre de 2008, ante 1,31% no trimestre encerrado em setembro, resultado de reajustes de 1,21% nos preços livres

**Tabela 5.27 – IPCA – RMPA**

| Discriminação        | Pesos <sup>1/</sup> | Variação % |         |        |       |
|----------------------|---------------------|------------|---------|--------|-------|
|                      |                     | 2007       | 2008    |        |       |
|                      |                     | Ano        | III Tri | IV Tri | Ano   |
| IPCA                 | 100,0               | 3,71       | 1,31    | 1,17   | 6,57  |
| Livres               | 73,1                | 4,81       | 1,63    | 1,21   | 7,68  |
| Comercializáveis     | 36,2                | 4,49       | 1,33    | 1,48   | 7,36  |
| Não comercializáveis | 36,9                | 5,12       | 1,93    | 0,94   | 8,00  |
| Monitorados          | 26,9                | 0,95       | 0,43    | 1,08   | 3,60  |
| Principais itens     |                     |            |         |        |       |
| Alimentação          | 23,2                | 9,46       | 0,97    | 1,89   | 12,25 |
| Habitação            | 14,1                | 1,28       | 1,45    | 1,18   | 5,24  |
| Art. residência      | 4,9                 | -1,92      | 1,06    | 1,06   | 2,59  |
| Vestuário            | 7,4                 | 3,58       | 2,29    | 3,42   | 8,36  |
| Transportes          | 18,2                | 2,61       | 1,75    | 0,00   | 3,72  |
| Saúde                | 10,5                | 4,03       | 1,16    | 0,63   | 5,27  |
| Desp. pessoais       | 10,5                | 4,43       | 1,42    | 1,84   | 6,67  |
| Educação             | 6,2                 | 2,35       | 0,52    | 0,17   | 5,80  |
| Comunicação          | 4,9                 | -2,52      | 0,60    | 0,06   | 1,12  |

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2008.

e de 1,08% nos monitorados, segmento que registrou forte aceleração no período, em razão dos reajustes nas tarifas de ônibus intermunicipal, 6,03%, e energia elétrica, 3,11%. Dentre os preços livres, a maior pressão foi exercida pelo segmento de bens comercializáveis, que registrou variação de 1,48%, impactada pelo efeito da depreciação cambial. A desaceleração experimentada pelos preços dos bens não comercializáveis esteve influenciada pelas reduções nos itens condomínio e automóvel usado.

A evolução recente dos indicadores da economia gaúcha sugere a continuidade da desaceleração da atividade iniciada no último trimestre de 2008. Essa trajetória encontra-se expressa nas projeções da Fiergs para o crescimento do PIB do estado em 2009, que deverá oscilar de 0,3%, em um cenário pessimista em que haveria redução de 1,5% na produção da indústria e crescimentos respectivos de 3,8% e 0,6% na agropecuária e nos serviços, a 2,3%, projeção que incorpora crescimentos para a agropecuária, 5,2%, e para indústria e serviços, os dois últimos atingindo 2%.



## Evolução do IDH das Grandes Regiões e Unidades da Federação

**Tabela 1 – IDH Brasil, grandes regiões e unidades da federação**

| Discriminação          | Ano                |                    |                    |
|------------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
|                        | 2005 <sup>1/</sup> | 2006 <sup>2/</sup> | 2007 <sup>2/</sup> |
| Brasil                 | 0,794              | 0,803              | 0,816              |
| Região Sul             | 0,829              | 0,837              | 0,850              |
| Região Sudeste         | 0,824              | 0,835              | 0,847              |
| Região Centro-Oeste    | 0,815              | 0,824              | 0,838              |
| Região Norte           | 0,764              | 0,772              | 0,786              |
| Região Nordeste        | 0,720              | 0,733              | 0,749              |
| 1 Distrito Federal     | 0,874              | 0,882              | 0,900              |
| 2 Santa Catarina       | 0,840              | 0,848              | 0,860              |
| 3 São Paulo            | 0,833              | 0,842              | 0,857              |
| 4 Rio de Janeiro       | 0,832              | 0,846              | 0,852              |
| 5 Rio Grande do Sul    | 0,832              | 0,840              | 0,847              |
| 6 Paraná               | 0,820              | 0,827              | 0,846              |
| 7 Mato Grosso do Sul   | 0,802              | 0,815              | 0,830              |
| 8 Minas Gerais         | 0,800              | 0,813              | 0,825              |
| 9 Goiás                | 0,800              | 0,807              | 0,824              |
| 10 Espírito Santo      | 0,802              | 0,808              | 0,821              |
| 11 Mato Grosso         | 0,796              | 0,804              | 0,808              |
| 12 Amapá               | 0,780              | 0,789              | 0,800              |
| 13 Amazonas            | 0,780              | 0,784              | 0,796              |
| 14 Tocantins           | 0,756              | 0,769              | 0,784              |
| 15 Rondônia            | 0,776              | 0,779              | 0,784              |
| 16 Roraima             | 0,750              | 0,784              | 0,782              |
| 17 Pará                | 0,755              | 0,764              | 0,782              |
| 18 Acre                | 0,751              | 0,763              | 0,780              |
| 19 Sergipe             | 0,742              | 0,756              | 0,770              |
| 20 Bahia               | 0,742              | 0,754              | 0,767              |
| 21 Rio Grande do Norte | 0,738              | 0,742              | 0,753              |
| 22 Paraíba             | 0,718              | 0,729              | 0,752              |
| 23 Ceará               | 0,723              | 0,731              | 0,749              |
| 24 Pernambuco          | 0,718              | 0,733              | 0,742              |
| 25 Piauí               | 0,703              | 0,721              | 0,740              |
| 26 Maranhão            | 0,683              | 0,707              | 0,724              |
| 27 Alagoas             | 0,677              | 0,700              | 0,722              |

1/ Calculados pelo PNUD.

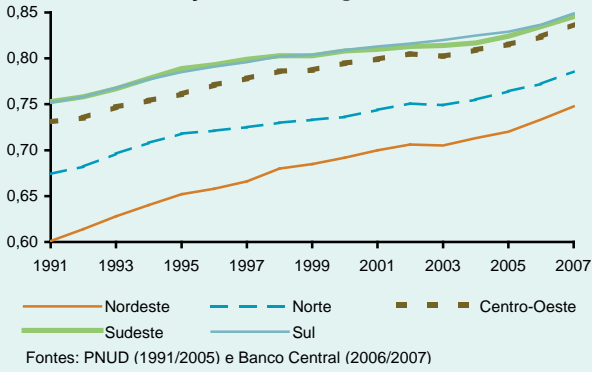
2/ Estimativas do Banco Central.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é adotado desde 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com o objetivo de mensurar a qualidade de vida em regiões ou países a partir de critérios mais abrangentes que o tradicional PIB *per capita*, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento.

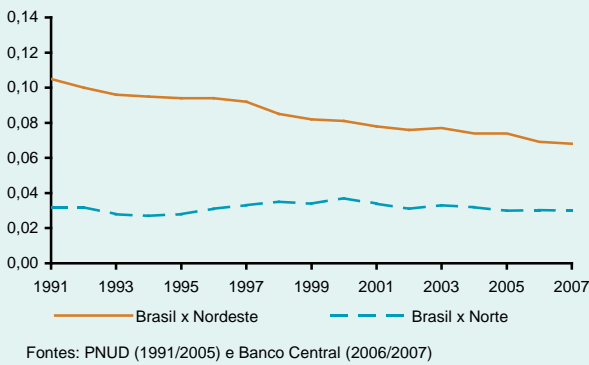
O IDH é formado por três componentes de mesmo peso: renda, longevidade e educação. A componente renda mensura a dimensão econômica do desenvolvimento humano, sendo aferida pelo PIB *per capita* corrigido pelo poder de compra da moeda de cada região. Para a componente longevidade, utiliza-se como parâmetro a expectativa de vida dos indivíduos ao nascer, enquanto, para o componente educação, são utilizados os índices de analfabetismo e da taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. O cálculo do IDH é obtido pela média aritmética simples dos três componentes, que, previamente normalizados, passam a ser compreendidos no intervalo de zero a um. Quanto mais próximo o índice se situar do limite superior, maior o desenvolvimento humano na região.

O objetivo deste boxe consiste em analisar a evolução do IDH e de seus componentes, para as regiões e para as unidades da federação, com base nas séries históricas anuais, elaboradas pelo PNUD para o período de 1991 a 2005, e nas estimativas para o IDH, feitas pelo Banco Central para 2006 e 2007. Ressalte-se que essas estimativas foram elaboradas aplicando a mesma metodologia utilizada pelo PNUD aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes aos anos 2006 e 2007, e às tábuas de mortalidade elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os mesmos anos.

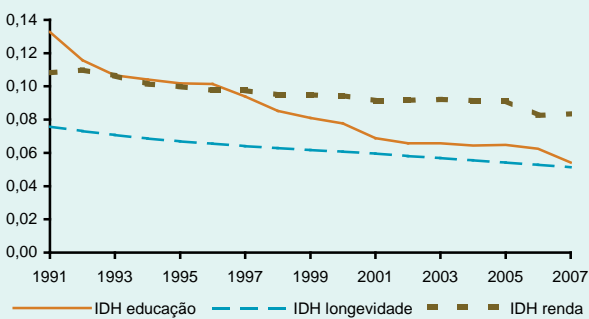
**Gráfico 1 – Evolução dos IDH regionais**



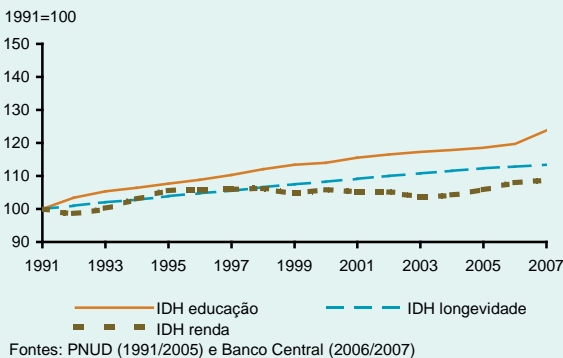
**Gráfico 2 – Evolução das diferenças dos IDH**



**Gráfico 3 – Evolução do coeficiente de variação dos componentes do IDH**



**Gráfico 4 – Evolução dos componentes do IDH – Brasil**



A Tabela 1 apresenta o IDH do Brasil, grandes regiões e unidades da federação para 2005, 2006 e 2007, ordenados, de forma decrescente, pelo último ano. As estimativas revelam aumentos nos níveis de desenvolvimento humano em todos os estados e regiões, comparativamente a 2005. Distrito Federal, Santa Catarina e São Paulo permanecem apresentando os melhores IDH, contrastando com os resultados relativos a Alagoas, Maranhão e Piauí. Em particular, a persistência das disparidades regionais também é evidenciada em termos de desenvolvimento humano: os estados do Nordeste são os que continuaram a ocupar as nove piores colocações, enquanto os estados do Norte permaneceram nas sete piores colocações seguintes.

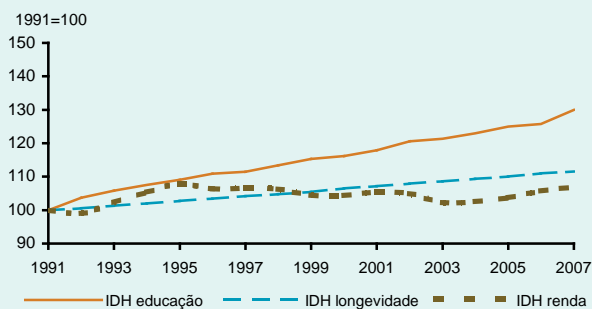
Ressalte-se, no entanto, que o IDH é um indicador de natureza estrutural, por isso pouco sujeito a alterações no curto prazo. Nessa perspectiva, importa analisar as tendências dos IDH regionais, que revelam o processo de redução das desigualdades no grau de desenvolvimento humano entre as regiões, movimento que se manteve em 2006 e 2007.

Considerando o período de 1991 a 2007, a região Nordeste registrou o maior crescimento do indicador, 24,6%, seguindo-se a região Norte, 16,7%, enquanto no Centro-Oeste, Sul e Sudeste as expansões atingiram 14,6%, 13% e 12,5%, respectivamente, conforme registrado no Gráfico 1.

A evolução da diferença entre o IDH do país e das regiões Nordeste e Norte encontra-se no Gráfico 2, que evidencia o processo de melhora acentuada do indicador do Nordeste, enquanto o relativo ao Norte vem se elevando em ritmo próximo ao do país.

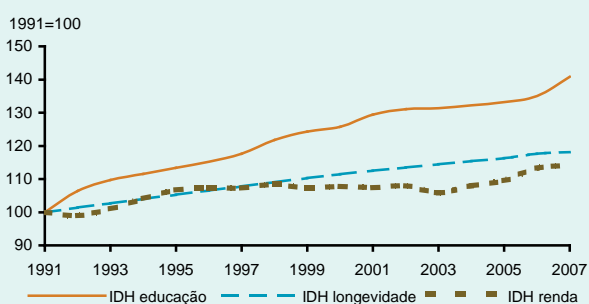
Outra evidência da redução entre as diferenças de qualidade de vida nas distintas regiões constitui-se na continuidade do recuo do coeficiente de variação dos componentes do IDH, a cada ano, dentre as unidades da federação, como pode ser visualizado no Gráfico 3. No mesmo gráfico, observa-se que até 1996 as maiores disparidades entre as unidades da federação eram observadas na dimensão educação. A partir de 1997, a dispersão da dimensão econômica passa a preponderar, não por ter aumentado, mas por ter apresentado menor redução que a dimensão

**Gráfico 5 – Evolução dos componentes do IDH – Norte**



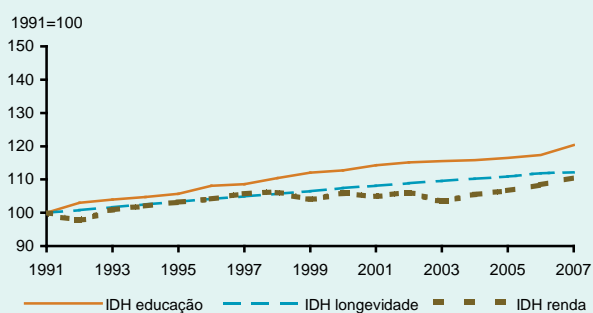
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

**Gráfico 6 – Evolução dos componentes do IDH – Nordeste**



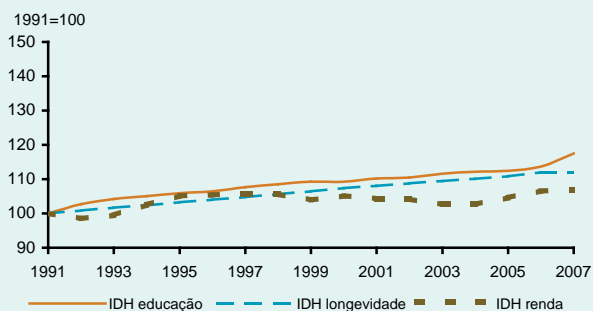
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

**Gráfico 7 – Evolução dos componentes do IDH – Centro-Oeste**



Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

**Gráfico 8 – Evolução dos componentes do IDH – Sudeste**



Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

educação. Ao final do período, é possível constatar maior homogeneidade, entre as unidades da federação, nas dimensões educação e longevidade que na dimensão econômica.

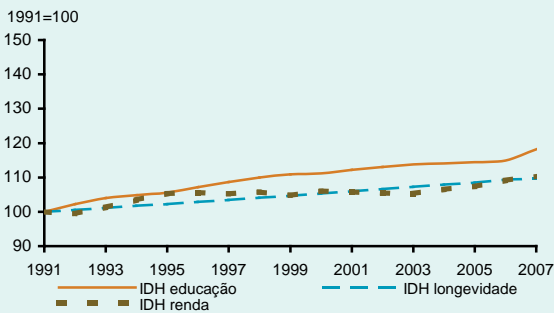
A evolução, no Brasil e nas cinco regiões, dos componentes que integram o IDH pode ser avaliada nos Gráficos 4 a 9, em que se observa que a dimensão educação cresceu mais do que as demais em todas as regiões, com comportamento relativamente regular e aceleração do crescimento em 2007. O aumento, desde 1991, foi mais elevado no Nordeste, 41%, e no Norte, 30%, favorecidos, entre outros, pelos programas assistenciais públicos. O crescimento nas demais regiões situou-se em torno de 20%

A dimensão que apresentou evolução mais regular foi a longevidade, que se elevou de modo aproximadamente linear em todas as regiões. Essa dimensão expandiu-se mais no Nordeste, 18% no período considerado, possivelmente por ser a mais deficiente e, por isso, apresentar ganhos marginais maiores. Nas demais regiões, a expansão situou-se em torno de 11%.

A dimensão renda também apresentou crescimento ao longo do período, mas de modo mais irregular. Entre 1995 e 2003, esse componente manteve-se estagnado no Nordeste, no Sul e no Centro-Oeste, e apresentou retração no Norte e no Sudeste, passando a mostrar trajetória ascendente a partir de então. No período de 1991 a 2007, o componente renda cresceu 14,1% no Nordeste, 10,5% no Centro-Oeste, 10,4% no Sul, 6,9% no Norte e 6,7% no Sudeste.

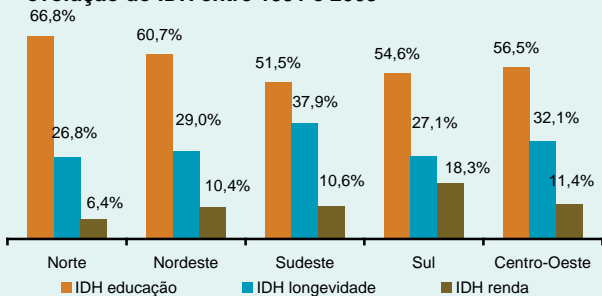
Com relação à participação de cada componente para o crescimento do IDH regional, o Gráfico 10 revela que, de 1991 a 2003, o componente educação destacou-se por sua maior contribuição para a expansão do IDH em todas as regiões, explicando mais da metade do crescimento do índice, enquanto o componente renda apresentou contribuição mais modesta – menos de um quinto no Sul e em torno de um décimo nas demais. A universalização do acesso ao ensino fundamental, bem como o expressivo crescimento da oferta de vagas no ensino médio e superior concorrem para explicar esses resultados.

**Gráfico 9 – Evolução dos componentes do IDH – Sul**



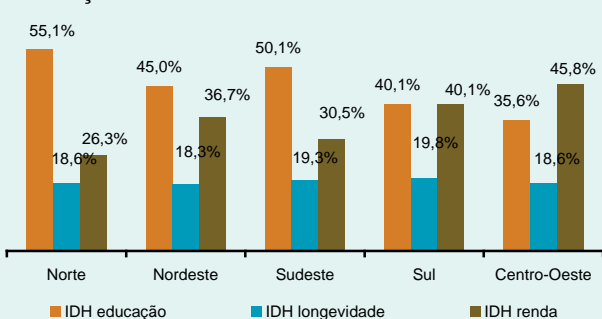
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

**Gráfico 10 – Contribuição dos componentes na evolução do IDH entre 1991 e 2003**



Fontes: Banco Central, a partir dos dados do PNUD (1991/2005) e do Banco Central (2006/2007)

**Gráfico 11 – Contribuição dos componentes na evolução do IDH entre 2004 e 2007**



Considerando o período mais recente, 2004 a 2007, a representatividade da dimensão econômica no crescimento do IDH adquire relevância em todas as regiões, como explícito no Gráfico 11, em função do ciclo de expansão econômica ocorrido no período. A dimensão renda passa a responder por cerca de um terço das variações do índice, situando-se próxima à metade na região Centro-Oeste.

O exame dos dados relativos ao IDH em 2006 e 2007, por estado e região, revela a manutenção das trajetórias de melhora generalizada e de redução gradual das desigualdades registradas desde 1991. Dentre os componentes do IDH, a educação se constituiu-se fator mais incisivo para a melhora de todos os indicadores regionais até 2003, tendência mantida, excetuando-se o Centro-Oeste, no período posterior. O componente renda, embora adquirisse maior importância nas regiões, após 2003, permanece como o principal determinante das discrepâncias entre os IDH dos estados e das regiões do país.

## Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul

O acompanhamento tempestivo da atividade mensal das economias regionais constitui-se, muitas vezes, em ferramenta relevante para o entendimento da evolução dos indicadores nacionais<sup>1</sup>. Note-se também que certas regiões e estados podem, em determinadas circunstâncias, antecipar tendências nacionais. Com esse objetivo, o Banco Central criou, no Rio Grande do Sul, a partir de indicadores que permitam inferir a evolução mensal daquela economia, o Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR-RS), cuja construção encontra-se detalhada neste box. Esse é um indicador piloto, que tencionamos replicar, com as devidas adaptações, para outras unidades da federação, de forma a auxiliar na formulação de diagnósticos e contribuir na elaboração da estratégia de política monetária.

O IBCR-RS foi construído a partir das seguintes *proxies*:

1) Agricultura, silvicultura e exploração florestal: 60% da variação anual da quantidade produzida das principais culturas do estado, medida pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), que são: arroz, fumo, mandioca, milho, soja e trigo, de acordo com o valor da produção. Os dados são anuais, revisados mensalmente quando da divulgação do LSPA, e sua distribuição mensal foi efetuada a partir do fator de mensalização da colheita, por cultura, divulgado no Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1996.

---

1/ O *Federal Reserve Bank of New York* (Fed) divulga mensalmente índices para medir a atividade econômica em *New Jersey*, *New York* e *New York City*, denominados *Indexes of Coincident Economic Indicators* (CEI). James Orr, Robert Rich e Rae Rosen, idealizadores dos índices, destacam que economias regionais apresentam especificidades que, em geral, reduzem a eficiência dos índices nacionais para medir variáveis fortemente influenciadas por fatores locais.

2) Pecuária e pesca: índice construído a partir da quantidade mensal de abates de aves, divulgada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), que representaram 60% do peso total das carcaças abatidas entre 2002 e 2007 no estado, segundo dados do IBGE.

3) Indústria de transformação: índice da produção física regional, calculado pelo IBGE e divulgado na Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) – Regional.

4) Comércio e serviços de manutenção e reparação: índice de volume de vendas regional, conceito restrito, da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE.

5) Construção civil, Serviços de alojamento e alimentação e Saúde e educação mercantis: índice mensal regional de emprego formal por subsetor, calculado a partir dos dados divulgados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

6) Administração, saúde e educação públicas: taxa anual de variação populacional da região, estimada a partir da contagem da população efetuada pelo IBGE.

Os setores utilizados para o cálculo do IBCR-RS, seus pesos médios no valor adicionado bruto (VAB) do Rio Grande do Sul, medidos pelo IBGE e pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), bem como os pesos ponderados para utilização no IBCR-RS constam da Tabela 1.

A entrada de dados para a construção do índice é uma matriz (base1) com  $n$  linhas  $i$ , cada linha correspondente a um mês da série histórica das *proxies*, e oito colunas  $j$ , cada qual referente a uma *proxy*. Os dados iniciam em janeiro de 2002, e são índices de base fixa, cujo ano de 2002 tem média igual a 100. A partir da base1, constrói-se outra matriz (base2), com o mesmo número de linhas  $i$  e de colunas  $j$ , sendo cada elemento  $ij$  resultado da seguinte fórmula:

$$\text{base2}_{ij} = \frac{\text{base1}_{ij}}{\text{base1}_{i^*j^*}} * \text{psetor}_j * 100 \quad (1),$$

**Tabela 1 – Pesos dos setores**

Rio Grande do Sul

| Setor                        | %                 |         |
|------------------------------|-------------------|---------|
|                              | VAB <sup>1/</sup> | IBCR-RS |
| Total                        | 67,93             | 100,00  |
| Agricultura                  | 7,07              | 10,40   |
| Pecuária                     | 2,89              | 4,26    |
| Indústria de transformação   | 22,41             | 33,00   |
| Construção civil             | 4,11              | 6,05    |
| Comércio                     | 13,42             | 19,76   |
| Alojamento e alimentação     | 1,44              | 2,12    |
| Adm., saúde e educ. públicas | 12,93             | 19,04   |
| Saúde e educação mercantis   | 3,65              | 5,38    |

Fontes: IBGE, FEE e Depec/RS

1/ Peso médio de 2002 a 2006 dos setores selecionados.

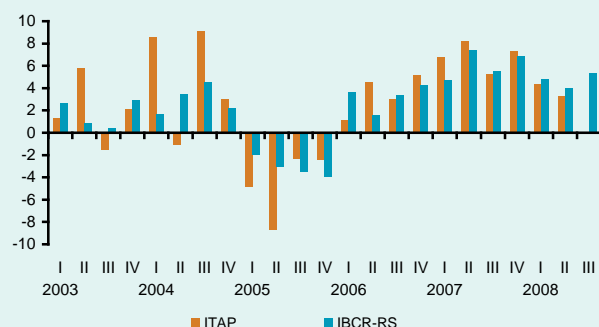
**Tabela 2 – Produto Interno Bruto (PIB), Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP) e Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul (IBCR-RS)**

| Ano  | Var. % no ano |      |         |
|------|---------------|------|---------|
|      | PIB           | ITAP | IBCR-RS |
| 2003 | 1,6           | 2,1  | 1,7     |
| 2004 | 3,3           | 4,5  | 3,0     |
| 2005 | -2,8          | -4,8 | -3,1    |
| 2006 | 4,7           | 3,5  | 3,2     |
| 2007 | 7,0           | 6,9  | 6,1     |
| 2008 | 3,8           | n/d  | 3,5     |

Fontes: IBGE, FEE e Depec/RS

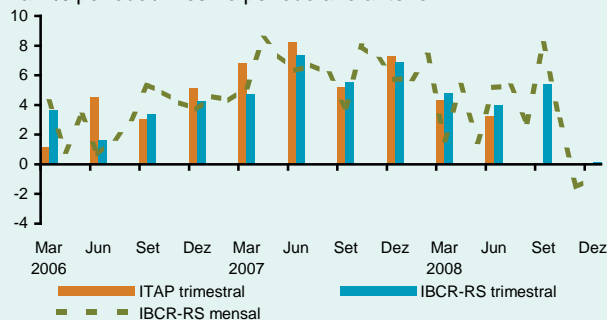
**Gráfico 1 – ITAP e IBCR-RS**

Var. % trimestre / mesmo trimestre ano anterior



**Gráfico 2 – ITAP e IBCR-RS**

Var. % período / mesmo período ano anterior



Fontes: FEE e Depec/RS

Em que:

base1 $_{ij}$  = índice base1 da linha  $i$ , coluna  $j$ ;

base1 $_{i*j*}$  = média do índice base1 da coluna  $j$  no ano 2000;

psetor $_j$  = peso do setor  $j$ .

O somatório de cada linha da base2 resulta no IBCR-RS do mês correspondente. Esse índice, cuja periodicidade é mensal, viabiliza análises de tendência de curto prazo mediante ajuste para retirar efeitos sazonais.

Observa-se, na Tabela 2, a boa aderência do IBCR-RS ao Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e também ao Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP), indicador construído pela FEE que mensura o desempenho agregado da agropecuária, da indústria e do setor de serviços do estado – o índice é elaborado trimestralmente e abrange uma série a partir do primeiro trimestre de 2002<sup>2</sup>.

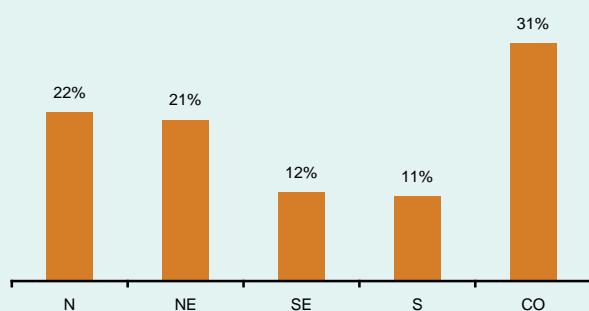
O PIB regional é disponibilizado com periodicidade anual. Por esse motivo, utilizou-se o ITAP para efeito de comparação de curto prazo. Os resultados obtidos, registrados nos Gráficos 1 e 2, evidenciam a eficiência do IBCR-RS como estimador do nível de atividade, no período analisado.

A principal vantagem do IBCR-RS decorre da reduzida defasagem com a qual o indicador estima o nível de atividade do estado, em bases mensais, enquanto o PIB regional e o ITAP são divulgados com periodicidades anual e trimestral, respectivamente. De acordo com o IBCR-RS, o nível de atividade da economia gaúcha recuou 1,85% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, quando registrara crescimento de 1,58%, no mesmo tipo de comparação. Na comparação interanual, o indicador registrou crescimento de 0,16% no trimestre encerrado em dezembro, ante 5,37% naquele finalizado em setembro.

2/ Até a divulgação deste boletim, o último dado disponível do ITAP era o relativo ao segundo trimestre de 2008.

## Efeitos da Crise Mundial sobre a Economia Brasileira – Uma Perspectiva Regional

**Gráfico 1 – Administração, saúde e educação públicas/PIB (média 2002-2006)**



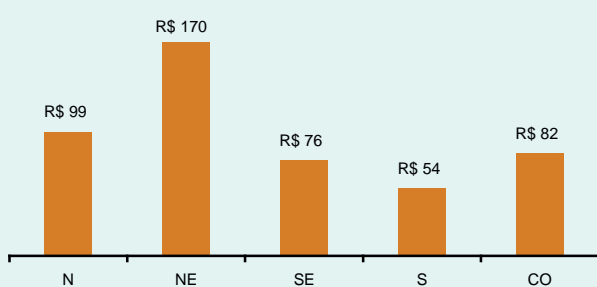
Fonte: IBGE/Contas regionais

**Gráfico 2 – Recursos PAC (2007-2010)/PIB (2006)**



Fontes: Portal Governo Federal/PAC e IBGE/Contas regionais

**Gráfico 3 – Transferências assistenciais per capita do Governo Federal (2007)<sup>1/</sup>**



Fontes: Ministério do Desenvolvimento Social e IBGE/Pnad  
1/ Abrange Bolsa Família e Benefícios de Prestação Continuada.

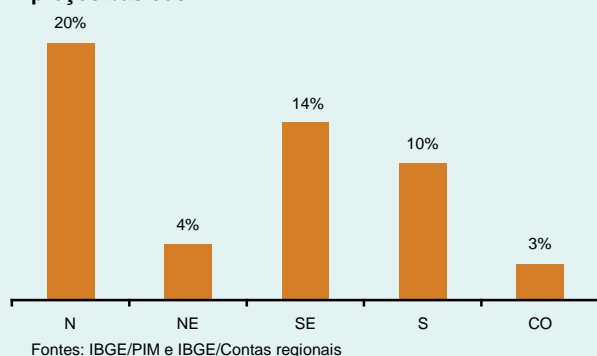
Análises e prognósticos sobre a atual crise econômica mundial têm convergido para a ênfase de que seus efeitos serão maiores nos países desenvolvidos. Em outros aspectos, tais como seus desdobramentos, em termos de intensidade e persistência entre os países desenvolvidos e emergentes, não se observa convergência entre os analistas. Contudo, a perspectiva de uma transmissão mais suave da crise mundial para a economia nacional pode ser atribuída ao (i) padrão de regulação do sistema financeiro nacional, que tem evitado o desenvolvimento e a importação de bolhas financeiras, e ao (ii) padrão de crescimento sustentado primordialmente pelo mercado interno e apoiado em maior diversificação de parceiros comerciais.

A retração do crédito concedido pelo sistema financeiro nacional, observada nos últimos meses de 2008, resultou de incertezas das instituições financeiras quanto aos efeitos da crise mundial sobre a economia brasileira. De qualquer modo, restrições de crédito e de demanda externa, ao lado de expectativas desfavoráveis e de retardamento de alguns projetos de investimento, têm sido os canais de transmissão da crise para o país, os quais vêm apresentando efeitos diferenciados entre as regiões.

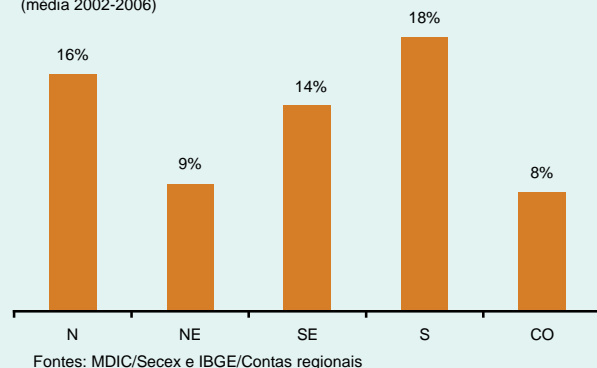
Os principais determinantes desses efeitos diferenciados podem ser identificados na presença econômica do setor público, na estrutura produtiva e na importância da demanda externa em cada região. Uma vez que o Estado tende a manter uma atuação anticíclica, quanto maior a sua presença em uma região, menor tende a ser a exposição aos efeitos de uma crise. Dentre os indicadores da presença do Estado, considerou-se a participação do setor público no PIB, recursos abrangidos pelo Programa de



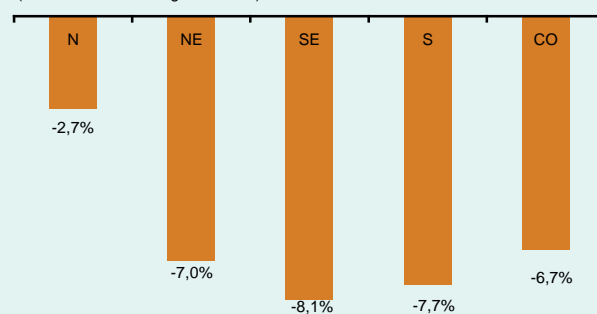
**Gráfico 4 – Atividades vulneráveis/Valor adicionado a preços básicos**



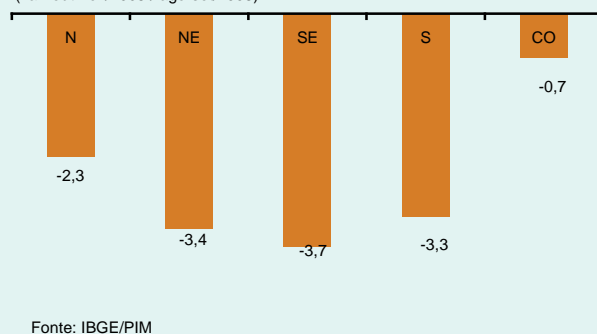
**Gráfico 5 – Exportação de bens/PIB**  
(média 2002-2006)



**Gráfico 6 – Comércio varejista ampliado**  
Vendas dessazonalizadas  
(var. out-nov/2008 / ago-set/2008)



**Gráfico 7 – Produção industrial**  
Dados dessazonalizados  
(var. out-nov/2008 / ago-set/2008)



Aceleração do Crescimento (PAC) em relação ao PIB e transferências assistenciais *per capita*. Os Gráficos de 1 a 3 mostram tais indicadores para cada região.

A estrutura produtiva da região é relevante à medida que alguns segmentos tendem a ser atingidos mais intensamente. Setores cuja demanda possua maior elasticidade-renda e dependência de crédito devem ser os mais afetados. Nesse sentido, destacam-se os setores de bens de capital, bens de consumo durável, construção civil e suas respectivas cadeias produtivas, embora os choques venham a se alastrar para os demais setores e regiões. O Gráfico 4 apresenta a participação, no PIB regional, dos setores mais vulneráveis à crise. Quanto à importância da demanda externa, o indicador considerado, participação das exportações no PIB, encontra-se no Gráfico 5.

Com base nos cinco indicadores de vulnerabilidade regional à crise considerados, pode-se observar que as regiões Sul – que apresenta menor presença do setor público e maior importância da demanda externa e estrutura produtiva numa posição intermediária – e Sudeste seriam, em princípio, mais vulneráveis, tanto pela menor presença do setor público, quanto por uma exposição da estrutura produtiva e de demanda externa maiores do que a média nacional.

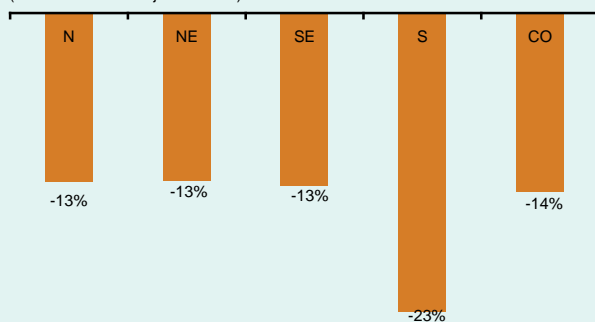
As regiões Norte e Nordeste estariam sujeitas a vulnerabilidades intermediárias, ambas com presença do setor público relativamente alta, porém o Norte, mais exposto no que se refere à estrutura produtiva e demanda externa. A região menos exposta seria a Centro-Oeste, em função de sua estrutura produtiva e da menor importância da demanda externa, além da grande participação do setor público no valor adicionado da região, ainda que concentrada no Distrito Federal.

Em relação aos efeitos da crise já ocorridos, os principais indicadores de conjuntura disponíveis até o momento são mostrados nos Gráficos 6 a 9, correspondendo às vendas do comércio varejista até novembro, produção da indústria de transformação até novembro, exportações de bens até dezembro e nível de emprego formal até dezembro. Procedendo-se a

### Gráfico 8 – Exportações de bens

Dados dessazonalizados

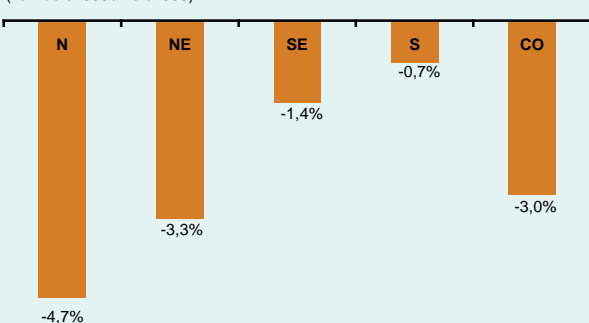
(var. out-dez/2008 / jul-set/2008)



### Gráfico 9 – Nível de emprego

Dados dessazonalizados

(var. dez/2008 / nov/2008)



ajustes sazonais das séries e considerando outubro como o início da crise no país, pode-se constatar que:

(i) o Sul vem sendo mais afetado, sobretudo em função da queda de 23% nas exportações, em uma região onde a demanda externa é a mais importante em relação às demais (ver Gráfico 5). No comércio varejista e na produção industrial, a região está entre as mais atingidas, enquanto no emprego ainda não ocorreram efeitos significativos. Cabe ressaltar, contudo, que esses dados podem superestimar os efeitos da crise sobre a região, visto que incorporam, também, os impactos das severas dificuldades climáticas que se abateram sobre estados da região nos últimos meses;

(ii) o Sudeste vem em seguida, com o comércio varejista e a produção industrial mais atingidos dentre as regiões, mas com retração muito menor das exportações, cuja importância no PIB regional também é menor que no Sul. No emprego, também, não se observaram efeitos significativos até o último dado disponível;

(iii) o Norte e o Nordeste vêm sendo afetados em intensidade menor que Sul e Sudeste, do ponto de vista de vendas e produção, mas, entre eles, os efeitos são similares em vendas externas e em produção industrial, sendo que, nessa última, a retração menor do Norte é compensada pela maior participação da indústria em seu valor adicionado (VA) a preços básicos, 18,4% ante 12% no Nordeste;

(iv) o Centro-Oeste sofreu retração intermediária em suas vendas externas e internas, enquanto a redução de sua produção industrial foi pouco significativa, inclusive pelo reduzido peso da indústria em seu VA, 7,4%.

Quanto ao impacto da crise sobre o nível de emprego, o Gráfico 9 registra a variação mensal relativa a dezembro, primeiro mês em que ocorreram retrações nas regiões. Desse modo, ainda que o período afetado seja muito curto, pode-se identificar maior impacto nas regiões menos desenvolvidas, o que pode resultar de menor rigidez na rotatividade de mão-de-obra.

Note-se, finalmente, que as características que podem exacerbar os impactos relativos da desaceleração global sobre as diversas economias regionais, como a sensibilidade da atividade às condições de crédito e a importância do comércio exterior, também podem propiciar retomadas mais rápidas e intensas, quando a economia mundial passar a responder às várias medidas de estímulo fiscal e monetário que vêm sendo adotadas em um grande número de países.

## Contas Regionais – A Dinâmica das Economias Estaduais (2003-2006)

O exame da composição do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro por regiões constitui-se em ferramenta importante para a compreensão de sua evolução recente e das perspectivas relacionadas ao seu desempenho nos próximos anos. A relevância da segmentação geográfica da economia do país torna-se maior quando se considera que, em um país de dimensões continentais como o Brasil, são evidentes os efeitos, sobre o crescimento econômico das distintas regiões, decorrentes de seus aspectos físicos, ocupação populacional e colonização, que proporcionam especificidades, muitas vezes distintas, nas respectivas estruturas de produção, com desdobramentos sobre o mercado de trabalho e sobre o processo de geração e distribuição da renda em cada região.

Nesse cenário, em que vantagens competitivas tornam-se condicionantes da capacidade produtiva e do grau de exposição da economia de cada região aos ciclos econômicos e aos choques externos a que estão submetidas, o objetivo deste boxe consiste, a partir da análise das Contas Regionais 2003-2006, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em examinar a dinâmica espacial da economia brasileira, descrevendo as principais alterações na representatividade de cada região na composição do PIB do país, considerando, ainda, sua trajetória em termos *per capita*. Adicionalmente, objetivando identificar os determinantes dessa trajetória, é examinada a composição setorial do PIB agregado do país, com ênfase nas modificações registradas de 2002 a 2006.

O PIB brasileiro apresentou crescimento médio real anual de 3,5% de 2003 a 2006, resultado de taxas regionais que variaram de 2,4% na região Sul a 6,5% na Norte, conforme registrado na

Tabela 1 – PIB – Taxa de crescimento médio

| Discriminação | 2003-2006 |                      | 2006         |
|---------------|-----------|----------------------|--------------|
|               | Média     | Contr. <sup>1/</sup> | Participação |
| Brasil        | 3,5       | 3,5                  | 100,0        |
| Norte         | 6,5       | 0,3                  | 5,1          |
| Nordeste      | 4,4       | 0,6                  | 13,1         |
| Sudeste       | 3,2       | 1,8                  | 56,8         |
| Sul           | 2,4       | 0,4                  | 16,3         |
| Centro-Oeste  | 4,3       | 0,4                  | 8,7          |

Fonte: IBGE, elaboração Banco Central do Brasil.

1/ Contribuição das regiões para a taxa média de crescimento anual do Brasil no período 2003-2006.

Tabela 1. O desempenho favorável observado nessa região proporcionou que sua participação no PIB nacional aumentasse 0,4 ponto percentual (p.p.) no período, situando-se em 5,1%, em 2006. Essa trajetória traduziu a ocorrência de resultados expressivos em todos os estados, com ênfase nas taxas médias relativas às duas principais economias da região, Pará, 6,2%, e Amazonas, 6,9%, inferiores apenas às assinaladas em Tocantins e no Amapá, conforme a Tabela 2.

**Tabela 2 – Composição regional do PIB**

| Discriminação       | Valor da produção |       |                                    | Valor adicionado |       |                                    | PIB       |       |                                    | Contribuição para a taxa agregada (p.p.) <sup>1/</sup> |
|---------------------|-------------------|-------|------------------------------------|------------------|-------|------------------------------------|-----------|-------|------------------------------------|--|
|                     | Part. (%)         |       | Tx. média de crescimento anual (%) | Part. (%)        |       | Tx. média de crescimento anual (%) | Part. (%) |       | Tx. média de crescimento anual (%) |  |
|                     | 2002              | 2006  |                                    | 2002             | 2006  |                                    | 2002      | 2006  |                                    |  |
| <b>Brasil</b>       | 100,0             | 100,0 | 3,2                                | 100,0            | 100,0 | 3,4                                | 100,0     | 100,0 | 3,5                                | 3,5  |
| <b>Norte</b>        | 4,6               | 5,1   | 6,6                                | 4,8              | 5,2   | 6,2                                | 4,7       | 5,1   | 6,5                                | 0,3  |
| Rondônia            | 0,4               | 0,4   | 5,4                                | 0,5              | 0,6   | 5,5                                | 0,5       | 0,6   | 5,8                                | 0,6  |
| Acre                | 0,1               | 0,2   | 6,2                                | 0,2              | 0,2   | 5,7                                | 0,2       | 0,2   | 6,0                                | 0,2  |
| Amazonas            | 1,8               | 2,1   | 7,1                                | 1,4              | 1,6   | 6,7                                | 1,5       | 1,7   | 6,9                                | 2,3  |
| Roraima             | 0,1               | 0,1   | 4,7                                | 0,2              | 0,2   | 4,8                                | 0,2       | 0,2   | 4,9                                | 0,1  |
| Pará                | 1,5               | 1,7   | 6,2                                | 1,8              | 2,0   | 6,0                                | 1,7       | 1,9   | 6,2                                | 2,3  |
| Amapá               | 0,2               | 0,2   | 7,4                                | 0,2              | 0,2   | 6,8                                | 0,2       | 0,2   | 7,0                                | 0,3  |
| Tocantins           | 0,3               | 0,3   | 7,4                                | 0,4              | 0,4   | 6,8                                | 0,4       | 0,4   | 7,3                                | 0,6  |
| <b>Nordeste</b>     | 12,3              | 12,3  | 4,2                                | 13,3             | 13,3  | 4,3                                | 13,0      | 13,1  | 4,4                                | 0,6  |
| Maranhão            | 0,9               | 1,0   | 5,9                                | 1,1              | 1,3   | 6,3                                | 1,0       | 1,2   | 6,4                                | 0,6  |
| Piauí               | 0,4               | 0,4   | 5,6                                | 0,5              | 0,6   | 5,4                                | 0,5       | 0,5   | 5,6                                | 0,2  |
| Ceará               | 1,7               | 1,7   | 4,0                                | 2,0              | 2,0   | 4,2                                | 2,0       | 2,0   | 4,3                                | 0,6  |
| Rio Grande do Norte | 0,7               | 0,7   | 2,5                                | 0,8              | 0,9   | 3,3                                | 0,8       | 0,9   | 3,4                                | 0,2  |
| Paraíba             | 0,7               | 0,7   | 4,9                                | 0,9              | 0,9   | 4,4                                | 0,8       | 0,8   | 4,7                                | 0,3  |
| Pernambuco          | 2,1               | 2,1   | 2,8                                | 2,4              | 2,3   | 3,0                                | 2,4       | 2,3   | 3,2                                | 0,6  |
| Alagoas             | 0,6               | 0,6   | 2,9                                | 0,7              | 0,7   | 3,0                                | 0,7       | 0,7   | 3,3                                | 0,2  |
| Sergipe             | 0,6               | 0,5   | 4,4                                | 0,7              | 0,7   | 4,6                                | 0,6       | 0,6   | 4,8                                | 0,2  |
| Bahia               | 4,5               | 4,5   | 4,8                                | 4,1              | 4,1   | 4,6                                | 4,1       | 4,1   | 4,8                                | 1,5  |
| <b>Sudeste</b>      | 56,7              | 56,6  | 2,9                                | 55,7             | 56,0  | 3,1                                | 56,7      | 56,8  | 3,2                                | 1,8  |
| Minas Gerais        | 8,6               | 9,1   | 3,6                                | 8,7              | 9,2   | 3,6                                | 8,6       | 9,1   | 3,8                                | 0,6  |
| Espírito Santo      | 1,7               | 1,9   | 4,4                                | 1,7              | 2,1   | 4,6                                | 1,8       | 2,2   | 4,7                                | 0,2  |
| Rio de Janeiro      | 11,0              | 10,7  | 1,8                                | 11,6             | 11,5  | 2,2                                | 11,6      | 11,6  | 2,2                                | 0,5  |
| São Paulo           | 35,3              | 34,9  | 3,0                                | 33,7             | 33,2  | 3,2                                | 34,6      | 33,9  | 3,3                                | 2,0  |
| <b>Sul</b>          | 18,0              | 17,6  | 1,9                                | 17,1             | 16,6  | 2,4                                | 16,9      | 16,3  | 2,4                                | 0,4  |
| Paraná              | 6,4               | 6,4   | 2,8                                | 6,1              | 5,9   | 2,7                                | 6,0       | 5,8   | 2,9                                | 1,0  |
| Santa Catarina      | 3,8               | 4,0   | 2,5                                | 3,8              | 4,0   | 3,1                                | 3,8       | 3,9   | 3,2                                | 0,8  |
| Rio Grande do Sul   | 7,7               | 7,2   | 0,8                                | 7,2              | 6,7   | 1,7                                | 7,1       | 6,6   | 1,7                                | 0,7  |
| <b>Centro-oeste</b> | 8,5               | 8,4   | 4,4                                | 9,1              | 9,0   | 4,1                                | 8,8       | 8,7   | 4,3                                | 0,4  |
| Mato Grosso do Sul  | 1,0               | 1,0   | 3,8                                | 1,1              | 1,0   | 3,4                                | 1,0       | 1,0   | 3,7                                | 0,4  |
| Mato Grosso         | 1,4               | 1,6   | 6,6                                | 1,5              | 1,5   | 4,7                                | 1,4       | 1,5   | 5,0                                | 0,9  |
| Goiás               | 2,4               | 2,5   | 4,0                                | 2,6              | 2,5   | 4,0                                | 2,5       | 2,4   | 4,2                                | 1,2  |
| Distrito Federal    | 3,6               | 3,4   | 3,9                                | 3,9              | 3,9   | 4,1                                | 3,8       | 3,8   | 4,3                                | 1,9  |

Fonte: IBGE, elaboração Banco Central do Brasil.

1/ Contribuição das regiões para a taxa média de crescimento anual do país; ou contribuição dos estados para a taxa média de crescimento anual das respectivas regiões no período 2003-2006.

As taxas de crescimento médio real do PIB das regiões Nordeste e Centro-Oeste também se situaram, no período, em patamar superior à média nacional, atingindo, na ordem, 4,4% e 4,3%. A evolução do produto da região Nordeste refletiu, em especial, o crescimento de 4,8% apresentado pela economia baiana, com participação superior a 30% no PIB do Nordeste, ressaltando-se que Pernambuco foi o estado que registrou menor dinamismo no período, 3,2%, em oposição à expansão de 6,4% experimentada pelo Maranhão. Em relação ao Centro-Oeste, assinalem-se os desempenhos uniformes de Goiás e Distrito Federal, respondendo, tanto em 2002 quanto em 2006, por cerca de 71% do PIB da região.

A taxa de crescimento médio anual do PIB real atingiu 2,4% no Sul, pior desempenho entre todas as regiões, resultando em um recuo de 0,6 p.p., para 16,3%, em sua participação no PIB do país. O reduzido dinamismo da economia da região esteve associado, em grande parte, à expansão de 1,7% registrada, no período, pelo PIB gaúcho, atenuada pelas taxas assinaladas em Santa Catarina, 3,2%, e no Paraná, 2,9%.

O aumento médio do PIB do Sudeste, que manteve sua participação no PIB brasileiro no patamar de 57%, atingiu 3,2%. Registraram-se, na região, taxas de crescimento médio de 2,2%, no Rio de Janeiro, a 4,7%, no Espírito Santo, ressaltando-se que esse estado e Minas Gerais registraram aumento de participação no PIB regional em 2006, em detrimento de São Paulo. Ainda assim, São Paulo, que cresceu à taxa média anual de 3,3%, representa, isoladamente, cerca de um terço da economia do país.

O desempenho das regiões no quadriênio 2003-2006 pode ser, adicionalmente, sintetizado pelas contribuições exercidas para o crescimento médio de 3,5% registrado no PIB do país, conforme assinalado na Tabela 1. A região Sudeste contribuiu com 1,8 p.p., destacando-se a contribuição de 1,1 p.p. do estado de São Paulo, seguindo-se as colaborações das regiões Nordeste, 0,6 p.p.; Sul e Centro-Oeste, ambas de 0,4 p.p. A contribuição da região Norte para a taxa agregada limitou-se a 0,3 p.p., em decorrência de seu peso reduzido, relativamente às demais.

**Tabela 3 – PIB per capita**

| Discriminação | 2002            | 2006            | Tx. média real de crescimento anual (%) <sup>1/</sup> 2003-2006 |
|---------------|-----------------|-----------------|---|
|               | (R\$ correntes) | (R\$ correntes) |   |
| <b>Brasil</b> | 8 378           | 12 688          | 2,0   |
| Norte         | 5 050           | 7 989           | 4,1   |
| Nordeste      | 3 891           | 6 029           | 3,2   |
| Sudeste       | 11 140          | 16 912          | 1,8   |
| Sul           | 9 615           | 14 162          | 1,2   |
| Centro-Oeste  | 10 565          | 15 551          | 2,3   |

Fonte: IBGE, elaboração Banco Central do Brasil.

1/ Razão entre as taxas de crescimento do PIB e da população.

**Tabela 4 – PIB per capita**

| Discriminação       | PIB per capita  |        | Tx. média de crescimento anual (%) |     |                                     |
|---------------------|-----------------|--------|------------------------------------|-----|-------------------------------------|
|                     | (R\$ correntes) |        | População PIB PIB per capita       |     |                                     |
|                     | 2002            | 2006   | População                          | PIB | PIB per capita (real) <sup>1/</sup> |
| <b>Brasil</b>       | 8 378           | 12 688 | 1,4                                | 3,5 | 2,0                                 |
| <b>Norte</b>        | 5 050           | 7 989  | 2,3                                | 6,5 | 4,1                                 |
| Rondônia            | 5 363           | 8 391  | 1,9                                | 5,8 | 3,8                                 |
| Acre                | 4 707           | 7 041  | 3,0                                | 6,0 | 2,9                                 |
| Amazonas            | 7 253           | 11 829 | 2,5                                | 6,9 | 4,4                                 |
| Roraima             | 6 513           | 9 075  | 3,2                                | 4,9 | 1,6                                 |
| Pará                | 3 918           | 6 241  | 2,1                                | 6,2 | 4,1                                 |
| Amapá               | 6 200           | 8 543  | 3,8                                | 7,0 | 3,1                                 |
| Tocantins           | 4 576           | 7 210  | 2,1                                | 7,3 | 5,0                                 |
| <b>Nordeste</b>     | 3 891           | 6 029  | 1,2                                | 4,4 | 3,2                                 |
| Maranhão            | 2 637           | 4 628  | 1,4                                | 6,4 | 5,0                                 |
| Piauí               | 2 544           | 4 213  | 1,0                                | 5,6 | 4,5                                 |
| Ceará               | 3 735           | 5 636  | 1,5                                | 4,3 | 2,8                                 |
| Rio Grande do Norte | 4 234           | 6 754  | 1,4                                | 3,4 | 2,0                                 |
| Paraíba             | 3 539           | 5 507  | 0,8                                | 4,7 | 3,9                                 |
| Pernambuco          | 4 328           | 6 528  | 1,1                                | 3,2 | 2,1                                 |
| Alagoas             | 3 371           | 5 164  | 1,2                                | 3,3 | 2,1                                 |
| Sergipe             | 5 060           | 7 560  | 1,7                                | 4,8 | 3,0                                 |
| Bahia               | 4 525           | 6 922  | 1,0                                | 4,8 | 3,8                                 |
| <b>Sudeste</b>      | 11 140          | 16 912 | 1,4                                | 3,2 | 1,8                                 |
| Minas Gerais        | 6 904           | 11 028 | 1,3                                | 3,8 | 2,5                                 |
| Espírito Santo      | 8 258           | 15 236 | 1,7                                | 4,7 | 3,0                                 |
| Rio de Janeiro      | 11 543          | 17 695 | 1,2                                | 2,2 | 1,0                                 |
| São Paulo           | 13 259          | 19 548 | 1,6                                | 3,3 | 1,7                                 |
| <b>Sul</b>          | 9 615           | 14 162 | 1,3                                | 2,4 | 1,2                                 |
| Paraná              | 8 945           | 13 158 | 1,3                                | 2,9 | 1,6                                 |
| Santa Catarina      | 9 969           | 15 638 | 1,6                                | 3,2 | 1,5                                 |
| Rio Grande do Sul   | 10 057          | 14 310 | 1,1                                | 1,7 | 0,6                                 |
| <b>Centro-oeste</b> | 10 565          | 15 551 | 2,0                                | 4,3 | 2,3                                 |
| Mato Grosso do Sul  | 7 004           | 10 599 | 1,5                                | 3,7 | 2,1                                 |
| Mato Grosso         | 7 928           | 12 350 | 2,0                                | 5,0 | 3,0                                 |
| Goiás               | 7 078           | 9 962  | 2,0                                | 4,2 | 2,1                                 |
| Distrito Federal    | 25 747          | 37 600 | 2,3                                | 4,3 | 2,0                                 |

Fonte: IBGE, elaboração Banco Central do Brasil.

1/ Razão entre as taxas de crescimento do PIB e da população.

O PIB *per capita* do Brasil aumentou, em média, 2% no quadriênio 2003-2006, evidenciando expansões respectivas, no período, de 3,5% do PIB e de 1,4% da população, registrando-se, no mesmo período, taxas de crescimento de 1,2%, no Sul, a 4,1%, no Norte (Tabela 3).

Os resultados mais favoráveis, traduzindo, em parte, o impacto dos programas assistenciais de transferência de renda implementados pelo poder público nas regiões, ocorreram no Norte e Nordeste, expressos em taxas médias respectivas de 4,1% e 3,2%. Ressalte-se que, conforme evidenciado na Tabela 4, os resultados nessas duas regiões refletiram expressiva heterogeneidade nas taxas relativas aos respectivos estados, variando, no Norte, de 1,6% em Roraima a 5% em Tocantins, enquanto no Nordeste a menor taxa ocorreu no Rio Grande do Norte, 2%, e a maior, no Maranhão, 5%.

O PIB *per capita* real cresceu, em média, 2,3% na região Centro-Oeste, com ênfase na expansão de 3% assinalada no Mato Grosso, enquanto a expansão de 1,2% registrada no Sul esteve influenciada, em grande parte, pela taxa de 0,6% assinalada no Rio Grande do Sul. O produto *per capita* do Sudeste cresceu 1,8% em média, no quadriênio encerrado em 2006, ressaltando-se os desempenhos, superiores ao registrado em âmbito nacional, relativos ao Espírito Santo, 3%, e a Minas Gerais, 2,5%.

Incorporados os movimentos recentes registrados no PIB, nota-se redução na diferença entre os valores relativos às distintas regiões, expressa, em especial, nos aumentos, em relação à média nacional, assinalados nas regiões Norte, com ênfase na evolução registrada no estado do Amazonas, e Nordeste, contrastando com o recuo observado no Sul. O PIB *per capita* do Distrito Federal, base do serviço público federal, permanece o mais elevado, seguindo-se os referentes a São Paulo e Rio de Janeiro.

O desempenho das diversas atividades econômicas que determinam a evolução do PIB de cada região apresentou dinamismo distinto ao longo do quadriênio finalizado em 2006. A atividade agropecuária mostrou-se fundamental

para a sustentação do produto em 2003, quando a política monetária se revestiu de caráter mais restritivo para conter o processo inflacionário e ancorar expectativas durante a transição de governo. Nesse ano, registraram-se crescimentos respectivos de 6,9% e 3,3% no valor adicionado bruto a preços de mercado das atividades agricultura, silvicultura e exploração florestal, e pecuária e pesca, que, juntas, responderam por aproximadamente um terço da taxa agregada de 1,2%, registrada naquele ano. A indústria de transformação foi particularmente importante em 2004, quando se expandiu 8,5% e exerceu contribuição de aproximadamente 30% para o crescimento do valor adicionado bruto a preços básicos. Adicionalmente, a indústria extrativa apresentou o melhor desempenho em 2005, quando seu valor adicionado bruto aumentou 9,3%.

Embora tenha havido alternância entre os setores determinantes da expansão da atividade econômica no quadriênio considerado, os principais condicionantes constituíram-se nas atividades voltadas para o mercado interno, responsável, considerada a ótica da demanda, pelo processo recente de crescimento da economia brasileira. Nesse mesmo sentido, mostrou-se relevante o dinamismo da indústria de transformação e das atividades comerciais, serviços de alojamento e alimentação, serviços prestados às empresas e serviços industriais de utilidade pública. Adicionalmente, ressaltou-se o comportamento favorável do agronegócio e da indústria extrativa, impulsionados pelo aquecimento da demanda externa por *commodities* agrícolas e metálicas.

Nesse cenário, as perspectivas de crescimento do PIB das distintas regiões devem considerar as atividades mais representativas nas respectivas economias. A princípio, as economias de regiões e estados onde a atividade vem sendo sustentada, em grande parte, por setores mais sensíveis às condições do mercado de crédito e da demanda mundial por *commodities* estarão mais expostas à desaceleração global do que as economias de regiões onde a atividade deverá permanecer sustentada, em parte, pelo fortalecimento do mercado interno decorrente dos programas de transferência de renda e dos gastos previstos no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).



# Apêndice

---

## Banco Central do Brasil

### Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

## **Presidente**

**Henrique de Campos Meirelles**

## **Diretor de Política Econômica**

**Mário Magalhães Carvalho Mesquita**

## **Chefe do Departamento Econômico**

**Altamir Lopes**

## **Representações Regionais do Departamento Econômico**

**Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Recife**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba**

**Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre**

# Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

---

## **Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo**

Chefe de Equipe: *José Benedito de Zarzuela Maia*  
Av. Paulista, 1.804 – Bela Vista  
Caixa Postal 8.984  
01310-922 São Paulo – SP  
*E-mail:* gtspa.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém**

Chefe de Equipe: *Irene Guedes Paiva*  
Boulevard Castilhos França, 708 – Comércio  
Caixa Postal 651  
66010-020 Belém – PA  
*E-mail:* pa.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza**

Chefe de Equipe: *Henrique Jorge Medeiros Marinho*  
Av. Heráclito Graça, 273 – Centro  
Caixa Postal 891  
60140-061 Fortaleza – CE  
*E-mail:* ce.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Recife**

Chefe de Equipe: *Fernando de Aquino Fonseca Neto*  
Rua da Aurora, 1.259 – Santo Amaro  
Caixa Postal 1.445  
50040-090 Recife – PE  
*E-mail:* pe.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador**

Chefe de Equipe: *Itamar Marins da Silva e Silva*  
Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina  
Caixa Postal 44  
40210-901 Salvador – BA  
*E-mail:* ba.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte**

Chefe de Equipe: *Mauro Sudano Ribeiro*  
Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho  
Caixa Postal 887  
30170-001 Belo Horizonte – MG  
*E-mail:* mg.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro**

Chefe de Equipe: *Maurício Ribeiro*  
Av. Presidente Vargas, 730 – Centro  
Caixa Postal 495  
20071-900 Rio de Janeiro – RJ  
*E-mail:* rj.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba**

Chefe de Equipe: *Vanderléia Centenaro*  
Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico  
Caixa Postal 1.408  
80530-914 Curitiba – PR  
*E-mail:* pr.depec@bc.gov.br

## **Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre**

Chefe de Equipe: *Vera Maria Schneider*  
Rua 7 de Setembro, 586 – Centro  
Caixa Postal 919  
90010-190 Porto Alegre – RS  
*E-mail:* rs.depec@bc.gov.br

## Siglas

---

|                         |  |
|-------------------------|--|
| <b>Ademi</b>            | Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia              |
| <b>BCB</b>              | Banco Central do Brasil  |
| <b>BNB</b>              | Banco do Nordeste do Brasil S.A.   |
| <b>BNDES</b>            | Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social                               |
| <b>Caged</b>            | Cadastro Geral de Empregados e Desempregados                                       |
| <b>CEI</b>              | <i>Indexes of Coincident Economic Indicators</i>                                   |
| <b>CNI</b>              | Confederação Nacional da Indústria   |
| <b>Conab</b>            | Companhia Nacional de Abastecimento  |
| <b>Condepe/Fidem</b>    | Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco                          |
| <b>Emater/RS</b>        | Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural |
| <b>EUA</b>              | Estados Unidos da América  |
| <b>Fecomércio BA</b>    | Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia               |
| <b>Fecomércio Minas</b> | Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Minas Gerais        |
| <b>Fed</b>              | <i>Federal Reserve Bank of New York</i>  |
| <b>FEE</b>              | Fundação de Economia e Estatística   |
| <b>FGV</b>              | Fundação Getulio Vargas  |
| <b>Fieam</b>            | Federação das Indústrias do Estado do Amazonas                                     |
| <b>Fiec</b>             | Federação das Indústrias do Estado do Ceará  |
| <b>Fieg</b>             | Federação das Indústrias do Estado de Goiás  |
| <b>Fiemg</b>            | Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais                                 |
| <b>Fiep</b>             | Federação das Indústrias do Estado do Paraná                                       |
| <b>Fiepe</b>            | Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco                                   |
| <b>Fiergs</b>           | Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul                            |
| <b>Fiesp</b>            | Federação das Indústrias do Estado de São Paulo                                    |
| <b>Firjan</b>           | Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro                               |
| <b>GNL</b>              | Gás natural liquefeito   |
| <b>IAC-RS</b>           | Índice de Atividade da Construção Civil Gaúcha                                     |
| <b>IBCR-RS</b>          | Índice de Atividade Econômica Regional do Rio Grande do Sul                        |
| <b>IBGE</b>             | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                                    |
| <b>ICCBH</b>            | Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte                                |
| <b>Icei</b>             | Índice de Confiança do Empresariado Industrial                                     |
| <b>Icei/GO</b>          | Índice de Confiança do Empresariado Industrial de Goiás                            |
| <b>Icei/MG</b>          | Índice de Confiança do Empresariado Industrial de Minas Gerais                     |
| <b>Icei/RJ</b>          | Índice de Confiança do Empresariado Industrial do Rio de Janeiro                   |
| <b>Icei/RS</b>          | Índice de Confiança do Empresariado Industrial do Rio Grande do Sul                |
| <b>IDH</b>              | Índice de Desenvolvimento Humano   |
| <b>IDI</b>              | Índice de Desempenho Industrial  |
| <b>IHH</b>              | Índice de Herfindahl-Hirschman   |
| <b>Indi</b>             | Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará                                   |

|                     |  |
|---------------------|--|
| <b>INPC</b>         | Índice Nacional de Preços ao Consumidor  |
| <b>IPA</b>          | Índice de Preços por Atacado   |
| <b>Ipardes</b>      | Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social                     |
| <b>IPCA</b>         | Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo                                  |
| <b>Ipead</b>        | Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais |
| <b>Ipece</b>        | Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará                                       |
| <b>ITAP</b>         | Índice Trimestral de Atividade Produtiva                                       |
| <b>IVC</b>          | Índice de vendas do comércio   |
| <b>LSPA</b>         | Levantamento Sistemático da Produção Agrícola                                  |
| <b>Mapa</b>         | Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento                            |
| <b>MDIC</b>         | Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior                   |
| <b>MTE</b>          | Ministério do Trabalho e Emprego   |
| <b>Nuci</b>         | Nível de Utilização da Capacidade Instalada                                    |
| <b>PAC</b>          | Programa de Aceleração do Crescimento  |
| <b>PEA</b>          | População Economicamente Ativa   |
| <b>PIB</b>          | Produto Interno Bruto  |
| <b>Pimes</b>        | Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário                                |
| <b>PIM-PF</b>       | Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física                                  |
| <b>PMC</b>          | Pesquisa Mensal do Comércio  |
| <b>PME</b>          | Pesquisa Mensal de Emprego   |
| <b>PNAD</b>         | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios                                    |
| <b>PNUD</b>         | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento                              |
| <b>p.p.</b>         | ponto percentual   |
| <b>RMB</b>          | Região Metropolitana de Belém  |
| <b>RMBH</b>         | Região Metropolitana de Belo Horizonte   |
| <b>RMC</b>          | Região Metropolitana de Curitiba   |
| <b>RMPA</b>         | Região Metropolitana de Porto Alegre   |
| <b>RMR</b>          | Região Metropolitana do Recife   |
| <b>RMRJ</b>         | Região Metropolitana do Rio de Janeiro   |
| <b>RMS</b>          | Região Metropolitana de Salvador   |
| <b>RMSP</b>         | Região Metropolitana de São Paulo  |
| <b>Seab</b>         | Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná                         |
| <b>Secex</b>        | Secretaria de Comércio Exterior  |
| <b>Sei</b>          | Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia                      |
| <b>SIF</b>          | Serviço de Inspeção Federal  |
| <b>Sindaçúcar</b>   | Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco           |
| <b>Sinduscon-PR</b> | Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Paraná                 |
| <b>SNIC</b>         | Sindicato Nacional da Indústria do Cimento                                     |
| <b>UFMG</b>         | Universidade Federal de Minas Gerais   |
| <b>VA</b>           | Valor adicionado   |
| <b>VAB</b>          | Valor adicionado bruto   |
| <b>VBP</b>          | Valor bruto da produção  |